



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Necrópoles de Cistas na realidade do Sudoeste Peninsular durante o II milénio a.C.:

Práticas funerárias e análise antropológica dos restos ósseos humanos exumados das Necrópoles de Casas Velhas e Monte da Cabida 3.

Pedro André Almeida Gil

2014



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Necrópoles de Cistas na realidade do Sudoeste Peninsular durante o II a.C.:

Práticas funerárias e análise antropológica dos restos ósseos humanos exumados das Necrópoles de Casas Velhas e Monte da Cabida 3.

Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Evolução e Biologia Humanas, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Gama Silva (Universidade de Coimbra)

Pedro André Almeida Gil

2014

Índice

| | |
|--|------|
| Lista de Figuras | IV |
| Lista de Tabelas..... | X |
| Resumo..... | XIII |
| Abstract | XV |
| Agradecimentos | XVII |
| 1. Introdução | 1 |
| 1.1 A importância do estudo osteológico | 1 |
| 1.2 Antropologia Funerária | 2 |
| 1.3 Tafonomia | 3 |
| 1.4 Objectivos | 4 |
| 2 Contextualização geográfica, histórica e cronológica..... | 5 |
| 2.1 Contextualização da Necrópole Casa Velhas | 5 |
| 2.2 Contextualização geográfica, histórica e cronológica da Necrópole do Monte da Cabida | 8 |
| 2.3 Breve súmula sobre a realidade funerária da Idade do Bronze | 11 |
| 2.4 As necrópoles no contexto do Sudoeste Peninsular | 15 |
| 3 Metodologia aplicada..... | 22 |
| 3.1 Amostra | 22 |
| 3.2 Preparação e tratamento do material osteológico..... | 22 |
| 3.3 Métodos | 24 |
| 4 Resultados | 26 |
| 4.1 Sepulturas em Cista provenientes da necrópole de Casas Velhas..... | 26 |
| 4.2 As sepulturas em Cista provenientes da Necrópole Monte de Cabida | 41 |
| 5 Discussão..... | 57 |
| 6 Considerações finais..... | 67 |

| | |
|----------------------|----|
| 7 Bibliografia | 69 |
| 8 Apêndice | 79 |
| 9 Anexos..... | 95 |

Lista de Figuras

- 1) Localização geográfica do concelho de Grândola. **Pág. 5**
- 2) Localização geográfica da freguesia de Melides. **Pág. 5**
- 3) Localização da necrópole da Idade do Bronze, de Casas Velhas (Melides). **Pág. 5**
- 4) Unidades Paleogeográficas: (Segundo <http://alemdasaulas.files.wordpress.com/2010/10/resumo-do-mapa.jpg>) assinalado a localização de Melides a vermelho. **Pág. 6**
- 5) Localização geográfica do concelho de Évora. **Pág. 7**
- 6) Localização geográfica da freguesia de São Manços. **Pág. 7**
- 7) Localização da necrópole Monte da Cabida 3 (São Manços). **Pág. 7**
- 8) Unidades Paleogeográficas: (Segundo <http://alemdasaulas.files.wordpress.com/2010/10/resumo-do-mapa.jpg>) assinalado a localização de São Manços a vermelho. **Pág. 8**
- 9) Carta de distribuição das necrópoles da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, segundo Gomes, *et. al.* 1986 (distritos de Évora, Setúbal, Beja, Faro, Huelva, Sevilha). **Pág. 19**
- 10) Restos dentários recuperados do indivíduo da sepultura 2 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 26**
- 11) Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 2 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 26**
- 12) Vista frontal do crânio do indivíduo exumado da cista 2, proveniente da Necrópole Casas Velhas onde se pode observar um nódulo com cerca de 5 mm de diâmetro no osso frontal esquerdo.
Pág. 27

- 13) Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 28**
- 14) Ossos preservados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 28**
- 15) Restos dentários recuperados do indivíduo B exumado da sepultura 10 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 29**
- 16) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 11 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 29**
- 17) Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 11 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 29**
- 18) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 16 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 30**
- 19) Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 16 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 30**
- 20) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 17 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 31**
- 21) Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 17 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 31**
- 22) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 24 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 32**
- 23) Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 24 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 32**
- 24) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 30 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 33**
- 25) Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 30 da necrópole de Casas Velas. **Pág. 33**
- 26) Norma anterior do fragmento de parietal esquerdo pertencente ao indivíduo exumado da sepultura 30 de Casas Velas, onde se analisa uma lesão traumática. **Pág. 35**

- 27) Fragmento do lado direito de mandíbula em norma superior do indivíduo exumado na sepultura 30 de Casas Velhas. A azul pode-se verificar os alvéolos dentários do 3º molar, a laranja do 2º e a amarelo (embora fragmentada) observa-se a perda *ante mortem* do 1º molar. **Pág. 35**
- 28) Calcâneo esquerdo em norma posterior do indivíduo sepultano na cista 30 de Casas Velhas, onde se verifica sinais de entesopatia no tendão de Aquiles. **Pág. 36**
- 29) Fragmento da costela pertencente ao indivíduo feminino da cista 30, onde se identifica uma pequena formação óssea assim como porosidade. **Pág. 36**
- 30) Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 31 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 37**
- 31) Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 31 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 37**
- 32) Restos dentários recuperados do indivíduo da sepultura 33 da necrópole de Casas Velhas **Pág. 38.**
- 33) Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 33 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 38**
- 34) Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 39**
- 35) Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 39**
- 36) Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 40**
- 37) Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas. **Pág. 40**
- 38) Cista 1 de Monte da Cabida 3. **Pág. 41**

- 39) Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 42**
- 40) Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 42**
- 41) Fragmento do corpo de vertebra torácica em norma superior do indivíduo A sepultado na cista 1 de Monte da Cabida 3. Mostrando as zonas onde se pode verificar que o anel vertebral ainda não se encontra totalmente formado/fundido. **Pág. 43**
- 42) Conexão anatómica de três vértebras cervicais em norma anterior com sinais de artrose do indivíduo A exumado da cista 1 da necrópole do Monte da Cabida 3. **Pág. 43**
- 43) Representatividade óssea do indivíduo B (prematureo) sepultado na cista 1 de Monte da Cabida 3 em norma anatómica, acompanhados pelos restos ósseos (fragmentos de crânio, costelas e outros não identificados). **Pág. 44**
- 44) Restos ósseos recuperados do indivíduo B da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 44**
- 45) Restos dentários recuperados do indivíduo C da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 45**
- 46) Restos ósseos recuperados do indivíduo C da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 45**
- 47) Cista 8 de Monte da Cabida 3. **Pág. 46**
- 48) Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 47**
- 49) Ossos recuperados do indivíduo A da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 47**

- 50) Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 48**
- 51) Restos ósseos recuperados do indivíduo B da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3.
Pág. 48
- 52) Cista 9 de Monte da Cabida 3. **Pág. 49**
- 53) Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.
Pág. 50
- 54) Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.
Pág. 50
- 55) Norma anterior do fragmento da omoplata direita do indivíduo A sepultado na cista 9 de Monte da Cabida 3, verificando-se no processo glenóide sinais de entesopatia. **Pág. 50**
- 56) Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 51**
- 57) Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 9 da necrópole de Monte da cabida 3. **Pág. 51**
- 58) Norma anterior de fragmentos da ulna esquerda pertencentes ao indivíduo B da cista 9 de Monte da Cabida 3, onde se observa crista rugosa prolongada na região de inserção do Músculo *supinator*. **Pág. 52**
- 59) Norma posterior do fémur esquerdo correspondente ao indivíduo B sepultado na cista 9 de Monte da Cabida 3. Identificada uma fossa profunda e rugosa com formação óssea na região de inserção do músculo *gluteus maximus*. **Pág. 52**
- 60) Sepultura 10 de Monte da Cabida 3. **Pág. 53**

- 61) Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 54**
- 62) Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 54**
- 63) Fragmento da parte proximal do fémur esquerdo pertencente ao indivíduo A inumado na sepultura 10 de Monte da Cabida 3 em norma medial, onde se verifica que a cabeça do fémur ainda não se encontra totalmente unida à diáfise. **Pág. 55**
- 64) Fragmento da epífise e da diáfise da tíbia esquerda em norma lateral, do indivíduo A da sepultura 10 em Monte da Cabida 3. **Pág. 55**
- 65) Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 56**
- 66) Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3. **Pág. 56**

Lista de Tabelas

- 1) Caracteres discretos cranianos pesquisados. Apêndice
- 2) Caracteres discretos do esqueleto pós-cranianos pesquisados. Apêndice
- 3) Caracteres discretos odontológicos seleccionados. Apêndice
- 4) Articulações pesquisadas na observação da artrose, adaptado de Assis (2007). Apêndice
- 5) Escala de classificação da artrose segundo Assis (2007, adaptado de Buikstra e Ubelaker, 1994).
Apêndice
- 6) Listagem de áreas de inserção muscular e ligamentos pesquisadas para o estudo das enteses, segundo Mariotti et al. (2004; 2007). Apêndice
- 7) Classificação dos depósitos de tártaro segundo Martin e Saller (1956). Anexos
- 8) Estimativa de idade à morte do indivíduo B da cista 10 da necropole de Casas Velhas, segundo Smith 1991, por dente analisado. Apêndice
- 9) Descrição da amostra proveniente da necrópole de Casas Velhas. Apêndice
- 10) Índices de achatamento observados nos indivíduos provenientes de Casas Velhas. Apêndice
- 11) Caracteres cranianos pesquisados na amostra de Casas Velhas. Apêndice
- 12) Caracteres pós-cranianos pesquisados na amostra de Casas Velhas. Apêndice

- 13) Caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos de Casas Velhas.
Apêndice
- 14) Caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos de Casas Velhas.
Apêndice
- 15) Frequência total de desgaste oclusal na amostra de Casas Velhas. Apêndice
- 16) Média de desgaste oclusal na dentição inferior da amostra proveniente de Casas Velhas.
Apêndice
- 17) Média de desgaste oclusal na dentição superior da amostra proveniente de Casas Velhas.
Apêndice
- 18) Frequência total de *calculus* dentário na amostra de Casas Velhas. Apêndice
- 19) Média de de *calculus* dentário na dentição superior da amostra de Casas Velhas. Apêndice
- 20) Média de de *calculus* dentário na dentição inferior da amostra de Casas Velhas. Apêndice
- 21) Descrição da amostra proveniente da necrópole de Monte da Cabida 3. Apêndice
- 22) Dados (*in situ*) obtidos para análise da estatura, facultados no relatório antropológico orientado pela D^a Maria Teresa Ferreira (Relatório Antropológico Final, *Styx* 2007). Anexos
- 23) Índices de achatamento observados em laboratório dos indivíduos exumados em Monte da Cabida 3. Apêndice
- 24) Caracter cranianos pesquisados na amostra de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 25) Caracter pós-craniano pesquisados na amostra proveniente de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 26) Caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos exumados na necrópole de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 27) Caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos exumados na necrópole de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 28) Frequência da presença dos caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos exumados em Monte da Cabida 3. Apêndice

- 29) Frequência da presença dos caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos exumados em Monte da Cabida 3. Apêndice

- 30) Média de desgaste oclusal por dente superior dos indivíduos observados de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 31) Média de desgaste oclusal por dente inferior dos indivíduos observados de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 32) Média de *calculus* dentário por dente na dentição superior dos indivíduos recuperados na necrópole de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 33) Média de *calculus* dentário por dente na dentição inferior dos indivíduos recuperados na necrópole de Monte da Cabida 3. Apêndice

- 34) Pequeno apanhado geral de necrópoles com sepulturas em cista na Península Ibérica. Apêndice

Resumo

A presente dissertação pretende estudar os restos ósseos humanos encontrados no decorrer de duas intervenções arqueológicas: na necrópole de Casas Velhas promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, dirigidas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares em 1975 e 1996; e nos trabalhos arqueológicos no sítio de Monte da Cabida 3, direccionada pela empresa *Ocrimira – Investigação Arqueológica e Patrimonial*, Lda, no âmbito de construção das redes de drenagem e viária no aproveitamento hidroagrícola de Monte Novo, com a orientação dos estudos antropológicos a empresa *Styx – Estudos de Antropologia*, Lda.

As escavações desenvolvidas em extensão na necrópole de Casas Velhas permitiram expor 35 sepulturas - em forma de cista - organizadas em dois núcleos distintos, pertencentes a indivíduos do período cronológico do final da Idade do Bronze. Da necrópole de Monte da Cabida 3, que ao longo de 5 campanhas revelou vários contextos funerários, como fossas, ossários, valas e sepulturas em forma de cista, foram analisados os restos ósseos provenientes de sepulturas em cista.

Partindo de um enquadramento histórico-científico pretende-se traçar um perfil demográfico dos indivíduos exumados, a sua caracterização morfológica, e das patologias de lesões às quais estiveram sujeitos durante a sua vida. Estes dados constituem no seu todo um conjunto de informações sobre a vida destas pessoas da Pré-história. Através do exame e da análise dos seus pretende-se interpretar o papel social dos mortos, das oferendas e do ritual funerário com o intuito das conhecer um pouco melhor as comunidades humanas desta época.

O elevado grau de fragmentação e de fraca preservação da amostra pela acção de diversos factores tafonómicos, como a fauna e flora, erosão do solo, ou até a própria acção do Homem, dificultaram as análises pretendidas.

A Necrópole de Casas Velhas caracteriza-se por ser um contexto de sepulturas individuais, excepto duas cistas. Foram exumados 18 indivíduos, 17 adultos e 1 não adulto, predominantemente do sexo masculino. A maior fracção dos indivíduos adultos terá morrido entre os 30 e 50 anos, enquanto que o único indivíduo não adulto teria uma idade à morte compreendida entre os 5 e 10 anos de idade.

Na amostra de Monte de Cabida 3, todas as sepulturas em cista analisadas tinham sido reutilizadas: para além da última inumação havia sempre restos ósseos reduzidos de um enterramento anterior. Uma das sepulturas, inclui 3 indivíduos, mas incluía um

indivíduo não adulto com pouco mais de 26 semanas lunares. Nesta amostra o sexo masculino continua melhor representado (n= 5/8) e predominando indivíduos que faleceram com idades compreendidas entre 15 e 35 anos.

A presente investigação visa sintetizar o máximo de informação possível, para melhor compreender os aspectos funerários e antropológicos das comunidades humanas desta época pré-histórica.

Palavras-chave: Sepulturas em Cista, Idade do Bronze, perfil biológico, paleopatologia, Casas Velhas e Monte da Cabida 3.

Abstract

This thesis aims to study human skeletal remains found during two archaeological interventions: the necropolis of Casas Velhas, promoted by the Museum of Archaeology and Ethnography of Setúbal, directed by Carlos Tavares da Silva and Joaquina Soares in 1975 and 1996; and archaeological work at the site of Monte da Cabida 3, directed by the company Ocrimira - Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda, in the course of the construction of a drainage system and irrigation project in Monte Novo, guided by anthropological study Company Styx - Estudos de Antropologia, Ltd. The excavations undertaken in the necropolis of Casas Velhas allowed the identification of 35 graves - cists - organized into two distinct groups, belonging to the late Bronze Age.

From the necropolis of Monte Cabida 3, which over 5 archaeological campaigns revealed several different types of funerary contexts, such as pits, ossuaries, ditches and cist graves, skeletal remains from cist graves were analysed.

Based on a historical-scientific framework the intention of this work is to draw a demographic profile of the exhumed individuals, analyse their morphological characterization, and the pathologies to which they were subjected during their lifetime. This data as a whole constitutes a set of information about the lives of these people in Prehistory. Through the analysis of their bones, the aim of this study is to interpret the social role of the dead, of their offerings and of the funerary ritual and thus contribute to a better understanding of these human communities.

The high degree of fragmentation and poor preservation of the sample by the action of various taphonomic factors such as flora and fauna, soil erosion or even human action hindered the intended analyses.

The Necropolis of Casas Velhas is characterized by being a context of individual graves with the exception of two cists. 18 individuals, 17 adults and 1 non adult were exhumed and were predominantly male. The largest fraction of adults died between the ages of 30 and 50 years, while the only non-adult individual would have an age at death between 5 and 10 years old.

In the sample of Monte Cabida 3, all analysed cist graves were re-used: besides the last burial, the reduced skeletal remains of an earlier burial were also always present.

One of the graves, with 3 individuals, also included a non-adult with little more than 26 lunar weeks. In this sample males were still best represented ($n = 5 / 8$) and with an age at death between 15 and 35 years old.

This research aims to synthesize as much information as possible to better understand the funerary and anthropological aspects of the human communities of this prehistoric epoch.

Key – words: Cist graves, Bronze Age, biological profile, paleopathology necropolis Casas Velhas and Monte da Cabida 3.

Agradecimentos

À professora Doutora Ana Maria Silva pela, disponibilidade, paciência, orientação e ensinamentos no decorrer do mestrado e da dissertação.

Ao Museu Arqueológico e Etnográfico de Setúbal por terem facultado o acesso ao espólio osteológico da necrópole de Casas Velhas.

A Doutora Teresa que permitiu que este estudo fosse possível, tendo fornecido, fotos, relatórios preliminares da escavação do Monte da Cabida 3, assim como o material osteológico proveniente da mesma, mostrando sempre disponível para ajudar.

À interajuda no sótão, por parte dos meus amigos e colegas de mestrado, que nos momentos difíceis no decorrer destes anos sempre me apoiaram e incentivaram: André Brito, Ana Rodrigues, Liliana Coelho, Pedro Fernandes, Joana Coelho e Sónia Pinto, Lucy Evangelista.

Às minhas colegas de casa Isabel Matos e Andreia Fonseca pela amizade, companheirismo e os momentos alegres vividos durante este período.

Aos meus grandes amigos: José Paisana, Catarina Ardérios, Beatriz Carvalho, Pedro Albuquerque, Fábio Rebelo, Henrique Messias, Calico Almeida, João Gouveia, Ivo Patrício, Guilherme Amaral pelo incentivo, afeição, não só no decorrer deste trabalho, mas no decorrer da minha vida.

Ao Filipe Beja por me ter emprestado o computador quando o meu avariou na recta final de entregar o trabalho.

À Rita Estrela pelo carinho, pela ajuda imprescindível, afeição e paciência de me aturar em momentos menos bons neste longo percurso.

À minha família, principalmente aos meus pais, ao meu irmão, pelo apoio incondicional na conquista dos meus sonhos, pelo sacrifício, mas principalmente terem dado a possibilidade de construir um futuro melhor, concluindo esta fase da minha vida.

Aos meus pais e ao tio Eduardo

1. Introdução

1.1 A importância do estudo osteológico

Em contexto sepulcral, após a morte, os principais vestígios encontrados são os ossos e os dentes, constituindo uma fonte documental importante de informação sobre os indivíduos a quem pertenceram. Através de informações físicas e químicas que permanecem “inscrites” nos seus restos ósseos, os indivíduos conseguem assim contar-nos parte da história das suas vidas, fornecendo-nos dados sobre a dieta, doenças, stress e estatuto socioeconómico. Dando assim ao antropólogo biológico o protagonismo de contar um pouco a história de vida destes indivíduos para que, deste modo, as populações do passado não caiam no esquecimento (Larsen, 2000:3 *in* Pombal, 2006).

No decorrer da análise dos restos osteológicos, torna-se possível traçar um perfil demográfico, morfológico e patológico da população em questão: a análise demográfica irá permitir avaliar a composição etária e a proporção sexual da população; dá-nos a conhecer indicadores morfológicos como a robustez, a estatura; se os indivíduos estiveram sujeitos a períodos de stress fisiológico no decorrer do seu crescimento, assim como também através da patologia oral, manifestações do tipo de dieta das populações em questão, sendo ainda possível a avaliação da existência de lesões traumáticas, fracturas ou vestígios de doenças infecciosas que ficaram gravadas no esqueleto humano (Cunha, 1994), salientando que nas doenças somente as mais agressivas é que podem ser analisadas na “tela” do esqueleto humano.

Num estudo mais completo sobre as populações antigas é importante que exista uma interdisciplinaridade entre várias ciências, como a Arqueologia, a Química, a Biologia, a Medicina, a Medicina Dentária, entre outras, para uma melhor compreensão e interpretação do estudo.

Para, o conhecimento sobre as populações do passado, é fundamental ter um número significativo de indivíduos, pois uma amostra com pouco elementos não basta para caracterizar uma população.

1.2 Antropologia Funerária

O contexto arqueológico é o elo de ligação entre as representações biológicas de populações passadas e seguimentos sociais que influenciam as suas interações (Konigsberg e Buikstra, 1995). Deste modo, a Antropologia Funerária é uma área fundamental de investigação bioantropológica, considerando o esqueleto Humano como a “ponte” entre o “mundo dos mortos“, tornado conhecido através das práticas e gestos funerários e o ”mundo dos vivos” que, por sua vez é revelada pela análise paleodemográfica, morfológica e paleopatológica dos indivíduos exumados (Crubézy, 2000).

As práticas funerárias mais antigas foram descobertas no Paleolítico médio remontando aproximadamente há 100.000 anos, com a descoberta das primeiras sepulturas conhecidas. Estas demonstram que a espécie humana nesta época modificou a sua atitude perante a morte de algum membro, elaborando assim resposta colectiva e social face a este acontecimento, criando assim estruturas específicas – as sepulturas (Silva, 1996).

Por norma, se idealizarmos um conjunto de sepulturas em excelentes condições de preservação e retirarmos as pedras de cobertura e a terra de enchimento, é exposto o indivíduo esqueletizado acompanhado pelas peças votivas. A escavação fica então encarregue do arqueólogo responsável, onde verifica se sofreu, algum tipo de remeximento, analisa as peças votivas, depois o geólogo verifica que tipo de solo se encontra na estrutura; é aos antropólogos, que recaia a responsabilidade de interpretar os restos ósseos do humano (Cunha, 1996), o verdadeiro “protagonista nesta sala de espectáculos” chegando assim mais perto da realidade da “história” contada pelo conjunto da estrutura concebida para um acto de preservação de memória colectiva. Na ausência de fontes escritas, as sepulturas, constituem assim o único testemunho da ideologia funerária sobre o tema da morte (Ferreira, 2008 *in* Furtado e Ferreira, 2009).

1.3 Tafonomia

A Tafonomia é considerada a ciência histórica, que traça tempos passados, que estuda as “leias que reagem à passagem do ser vivo a fóssil”, ou seja, os processos de transformação dos quais os organismos vivos “deixam de integrar a biosfera para fazer parte da litosfera”, (Ferreira, 2012). Após a morte do indivíduo há uma grande interação de diversos processos tafonómicos que têm uma influência directa na preservação dos ossos, afectando a sua sobrevivência, exumação e consequente análise (Silva, 2002).

Esses processos podem ser de natureza intrínseca ou extrínseca. Aos primeiros referem-se as características iminentes do próprio indivíduo ou à estrutura do esqueleto – a sua composição química, tamanho do osso, a idade do indivíduo, estado de saúde, à sua densidade, à forma, etc... Pelos factores extrínsecos, englobam todos aqueles que não estão directamente ligados ao corpo e estrutura do osso, como por exemplo factores ambientais, onde estão incluídos: o tipo de solo, a quantidade de água e oxigénio presente no solo, a temperatura, etc; factores biológicos, como a fauna e a flora – principalmente bactérias, fungos, raízes e animais; como também factores culturais, nitidamente ligado à mão do homem, criando espaços próprios para o enterramento; neste caso cistas de xisto (Henderson, 1987; Nawrocki, 1995).

Após a morte, os corpos sofrem um conjunto de acções dos factores tafonómicos que alteram e deterioram os ossos, podendo comprometer as informações latentes. Acto contínuo, torna-se emergente que o investigador esteja familiarizado com os processos de decomposição e de putrefacção, permitindo-lhe interpretar o contexto original do enterramento (White e Folkens, 2005). Para uma apropriada interpretação dos ossos humanos em contextos arqueológicos é importante não desleixar os processos a que os mesmos tiveram submetidos desde a morte dos indivíduos em causa até ao momentos em que estes foram então recuperados (Micozzi, 1991).

“O exame destes factores é de extrema importância na análise paleobiológica, de modo a permitir diferenciá-los dos agentes patológicos que levaram o sujeito antes da sua morte. O seu estudo está nitidamente ligado à análise da preservação diferencial dos restos osteológicos, sendo esta o reflexo de uma interacção dinâmica e complexa entre uma grande variedade de condições (Henderson, 1987). Todavia, estas alterações vão implicar uma perda de informação sobre o indivíduo ou alterações que podem conduzir

a falsos diagnósticos sobre possíveis doenças ou causa da morte (Grupe, 2007 *in* Leandro, 2011).

Esta ciência foi originalmente aperfeiçoada no seio da Paleontologia com o intuito de clarificar a destruição produzida por processos biológicos no registo ósseo fóssil (Ferreira, 2012).

1.4 Objectivos

O presente estudo concentra-se na análise paleobiológica de duas amostras osteológica humanas da Idade do Bronze. Uma constituída por 18 indivíduos, pertencentes à Necrópole Pré-histórica de Casas Velhas, na freguesia de Melides, no concelho de Grândola; outra situa-se perto do Monte da Cabida, pertencente à freguesia São Manços, no Concelho de Évora designada por necrópole do Monte da Cabida 3, composta por 9 indivíduos.

A estudo inclui a análise das práticas funerárias auxiliado pela análise da documentação facultada pelas equipas que intervencionaram as referidas Necrópoles.

Através dos diferentes procedimentos de recolha, tratamento do material e elaboração dos resultados obtidos, a análise laboratorial visa caracterizar demograficamente os indivíduos exumados. Para além da estimativa do número de indivíduos, será estimado a idade à morte e a diagnose sexual, análise morfológica e patológica permitindo traçar um perfil da população exumada da necrópole, com o objectivo de conhecer como eram as pessoas, as estruturas e as práticas funerárias do final da Idade do Bronze.

2 Contextualização geográfica, histórica e cronológica

2.1 Contextualização da Necrópole Casa Velhas

O sítio arqueológico das Casas Velhas (freguesia de Melides, concelho de Grândola, distrito de Setúbal), localiza-se no Litoral Alentejano a cerca de 6,5Km em linha recta da actual linha de costa. Ocupa uma área aplanada (125m de altitude) da planície litoral que se estende entre o Oceano e o sopé da Serra de Grândola, delimitada a Norte e a Oeste pelo concelho de Grândola, a Sul pela freguesia de Vila Nova de Santo André, pertencente ao concelho de Santiago de Cacém. Possui, como coordenadas geográficas (C.M.P. esc. 1:25 000, Folha 505): 38° 6' 55.58" N; 8° 43' 13.55" W. (Oralmente pelo Dr. Carlos Tavares da Silva).

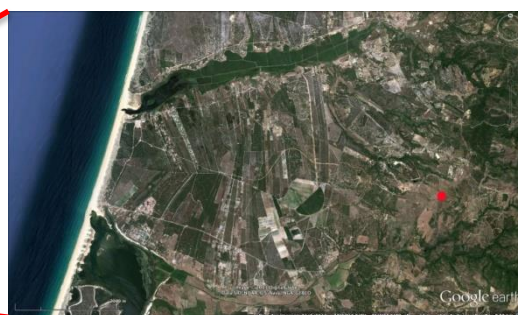
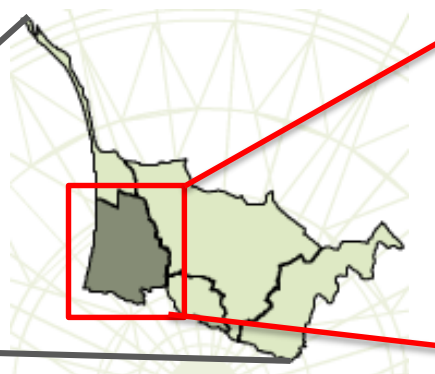
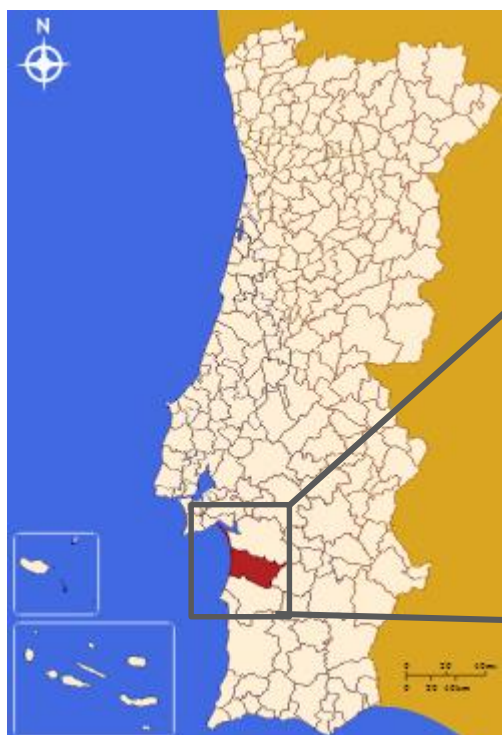


Figura 1: Localização geográfica do concelho de Grândola.

Fonte:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/LocalGrandola.svg>

Figura 2: Localização geográfica da freguesia de Melides.

Fonte:
<http://www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=150503>

Figura 3: Localização da necrópole da Idade do Bronze, de Casas Velhas (Melides).

Fonte:
Google Earth

Está situado na unidade paleogeográfica pertencente à Orla Ocidental e Orla Algarvia; onde é composta essencialmente por sedimentos mesocenozóicos, basicamente formado por calcários, arenitos e argilas.

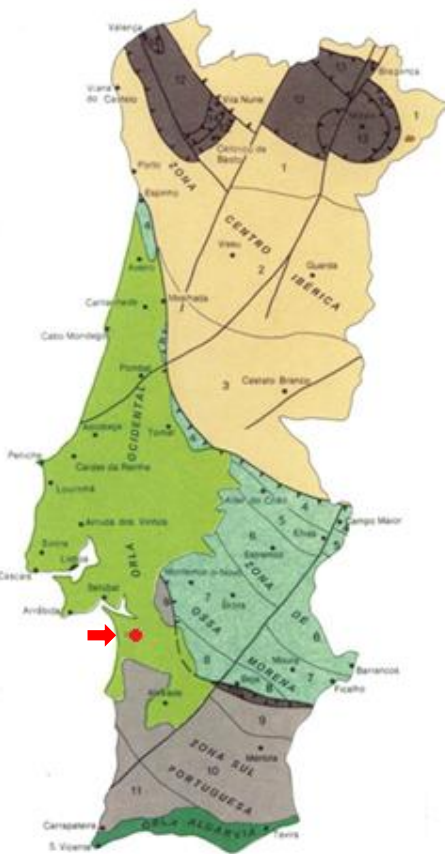


Figura 4: Unidades Paleogeográficas: (Segundo <http://alemdasaulas.files.wordpress.com/2010/10/resumo-do-mapa.jpg>) assinalado a localização de Melides a vermelho.

Trata-se de uma necrópole de cistas da Idade do Bronze, integrada no que Schubart designou por “Bronze do Sudoeste”, nomeadamente o momento II (Schubart, 1975).

Foi objecto de escavações arqueológicas promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e dirigidas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, em 1975 e 1996. Estas escavações desenvolvidas em extensão permitiram pôr a descoberto 35 sepulturas organizadas em dois núcleos distintos, mas confinados.

As sepulturas são de tipo cistas, individuais (excepto as sepulturas 10 e 35), de planta rectangular, raramente ultrapassando 1m de comprimento e formadas, em geral, por quatro esteios; teriam sido originalmente cobertas por uma tampa monolítica, na

maioria dos casos já desaparecida ou simplesmente deslocada. Litologicamente, os esteios são, em grande parte, de natureza calcária, o que criou no interior da sepultura um ambiente favorável à conservação do material osteológico cerâmicas (informação por email do Dr. Carlos Tavares da Silva, 2013).

Embora situada nas proximidades da área de Sines, as necrópoles da Idade do Bronze aí escavadas, possuem as sepulturas no seio de recintos tumulares de planta rectangular limitadas por pequenos esteios, recintos que confinando entre si e interpenetrando-se formando monumentos funerários com o aspecto geral de favos. As sepulturas de Casas Velhas não integram quaisquer recintos, com a excepção da Sepultura 1 (núcleo sul), talvez pertencente ao “fundador” da necrópole, que era rodeada por estrutura subcircular de blocos pétreos. O corpo do morto era colocado em posição contraída e não coberto por terra, como foi patente na Sepultura 1 (núcleo sul) que ainda conservava a tampa, monolítica e constituída por espessa laje de calcário. Era em geral, acompanhado por um recipiente de cerâmica. Porém, algumas sepulturas, claramente não violadas, não ofereceram qualquer espólio. Raramente o inumado recebia duas peças cerâmicas (informação por email do Dr. Carlos Tavares da Silva, 2013).

Obtiveram-se duas datações radiocarbónicas a partir de amostras de ossos de dois inumados (Sepulturas 14 e 35), cujos resultados foram, respectivamente:

- OxA-5531:3255±55BP (1670-1410 cal BC, a 2 sigma);
- Beta-127904:3260±60BP (1680-1415 cal BC, a 2 sigma).

2.2 Contextualização geográfica, histórica e cronológica da Necrópole do Monte da Cabida 3

A necrópole do Monte da Cabida 3 situa-se perto Do Monte da Cabida, pertencente à freguesia São Manços, no concelho de Évora e distrito de Évora, no Baixo.

As coordenadas cartográficas, observáveis na Carta Militar de Portugal, nº 472, escala 1/25 000, são: Latitude (M) – 238 567,045; Longitude (P) – 166 313,122 e Altitude (m) – 189, no Sistema de Coordenadas Hayrford Gauss.

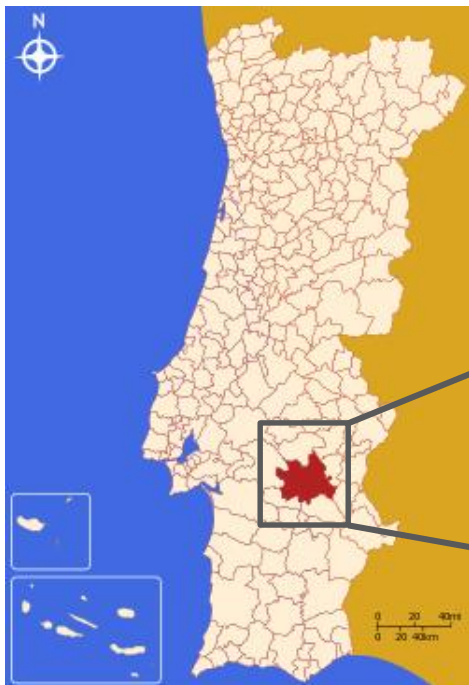


Figura 5: Localização geográfica do concelho de Évora.

Fonte:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89vora#mediaviewer/Ficheiro:LocalEvora.s
vg](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89vora#mediaviewer/Ficheiro:LocalEvora.svg)

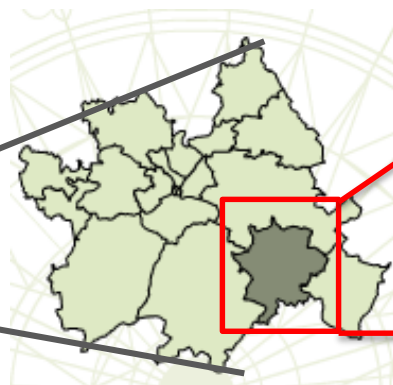


Figura 6: Localização geográfica da freguesia de São Manços.

Fonte:

<http://www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=070508>

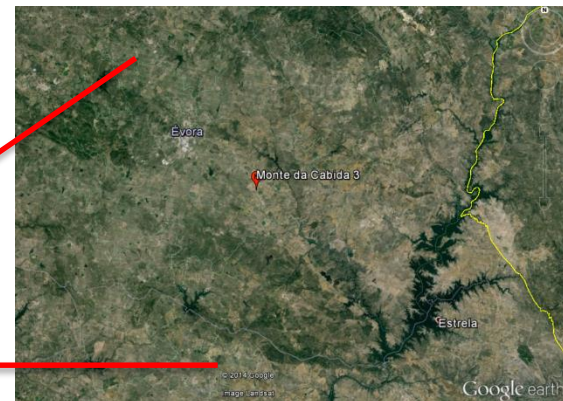


Figura 7: Localização da necrópole Monte da Cabida 3 (São Manços).

Fonte:

Google Earth

Está situado na unidade paleogeográfica pertencente à Zona de Ossa-Morena Ocidental, caracterizada essencialmente pelos quartzodiorito e granodiorito de grão médio e fino (Dewulf, 2008).



Figura 8: Unidades Paleogeográficas: (Segundo <http://alemdasaulas.files.wordpress.com/2010/10/resumo-do-mapa.jpg>) assinalado a localização de São Manços a vermelho.

A estação arqueológica de Monte da Cabida 3, estava classificado como pequeno sítio de ocupação medieval/romano, anteriormente à última intervenção. Notou-se depois que correspondia a um local com várias fases de ocupação, desde o Calcolítico, até à época romana. Trata-se de uma necrópole, de um lado, e de um povoado, no outro (Dewulf, 2008).

A necrópole durante a sua fase de estudo esteve sujeita a 5 intervenções arqueológicas. O estudo desenvolvido tinha por base a implementação de medidas de minimização de impactos do plano de beneficiação da rede viária associada ao Bloco de Rega do Monte Novo (Dewulf, 2008).

A primeira intervenção desenvolveu-se entre 29 de Janeiro e 7 de Fevereiro de 2007, onde foram realizadas 5 sondagens com dimensões de 2x2 na zona destinada ao futuro caminho. Na última sondagem foi encontrada parte de uma sepultura, sendo alargado assim a área da sondagem a intervenção face à importância da descoberta (Dewulf, 2008).

A segunda intervenção arqueológica foi efectuada entre 12 de Março e 3 de Abril do mesmo ano. Decorrendo desta vez, uma decapagem mecânica em toda a camada da superfície terrestre, com cerca de 1km², correspondendo ao traçado do caminho que futuramente iria surgir. Foram encontradas 24 manchas de várias dimensões, com diferentes enchimentos e com materiais arqueológicos, com maior incidência junto da sepultura 1 que anteriormente foi encontrada e estudada, levando a questionar que este núcleo poderia então corresponder a uma necrópole (Dewulf, 2008).

A terceira fase dos trabalhos arqueológicos foi dedicada à escavação manual com metodologia adequada a todas as manchas encontradas até então, decorrendo desde o dia 30 de Maio até 12 de Julho de 2007 (Dewulf, 2008).

A quarta fase desenrolou-se entre 6 a 16 de Agosto de 2007, sendo realizada uma nova decapagem mecânica, com uma retroescavadora, a toda a camada da superfície com uma área de 900m², no seguimento a Norte de área já investigada, com o intuito de se localizar possíveis estruturas/sepulturas. Este permitiu detectar mais 52 manchas de diversas formas, enchimentos e tamanhos, concluindo que se tratava de um novo núcleo de ocupação humana, constituído por fossas e sepulturas (Dewulf, 2008).

Por último, a quinta intervenção, desenvolveu-se como escavação manual das manchas encontradas na decapagem anterior com metodologia adequada, decorrendo entre o dia 23 de Outubro e o dia 30 de Novembro de 2007 (Dewulf, 2008).

Algum espólio cerâmico, assim como de metal, nomeadamente agulhas e fragmento de punhal com rebites enquadram estas cistas no Bronze Inicial particularmente no Bronze SO I, entre 2200-1700 a.C.

2.3 Breve súmula sobre a realidade funerária da Idade do Bronze

A designa o Idade do Bronze está ligada   descoberta e manuseamento da liga metálica de bronze. Esta torna-se um elemento fundamental na economia das popula es que viveram neste período cronológico, desenvolvendo a actividade metalúrgica; transformando os utensílios e armas de pedra e de cobre que até então eram produzidas com matéria mais resistente, ao mesmo tempo que se iniciaram novas formas de extrac o, fundi o e conseqüente trabalho do metal (Gutiérrez, 2007).

Alguns historiadores e arqueólogos dividem esta época da Pr -história recente em fases distintas:

Bronze Antigo (2050/1950 a 1750/1700 a.C. – datas calibradas), Bronze Pleno (1750/1700 a 1600 a.C. - datas calibradas), Bronze Tardio (1600 a 1300 a.C. - datas calibradas) e Bronze Final (1300 a 900/850 a.C. - datas calibradas) (Serrano, 2001).

Ou então com outras nomenclaturas, como a Pr -historiadora D^a. Susana Oliveira Jorge (1996), que divide em Bronze Antigo e Médio (cerca de 2300/ a 1500/ 1300 a.C.) e Bronze Final (cerca 1500/1300 a 800 a.C.).

A maior parte dos investigadores que estudam o Bronze Ib rico concordam a exist ncia de um fenómeno de crescente complexidade social durante este período na Pr -história recente (Jorge, 1996).

A produ o do bronze poderá ter sido incluído na Península Ibérica cerca de 1800 a.C e em Portugal por volta de 1500 a.C., período que então se pode designar como Idade do Bronze Antigo ou Inicial (Proença, 2011).

Na Península Ibérica, nomeadamente no Sudoeste, a cultura mais representativa,   designada de “El Argar” (no Bronze Antigo e Médio) (Gutiérrez, 2007).

Vários vestígios arqueológicos indicam a existência de dois tipos de povoados neste período: povoa es fortificadas, implantadas em sítios com condi es naturais de defesa (Proença, 2011), com características proto-urbanas de áreas distintas a algum tipo de especializa o, como por exemplo oficinas metalúrgicas, existindo também sepulcros no interior desses mesmos povoados (Jorge, 1996.); outras, “pequenos povoados em zonas de fácil acesso, sem qualquer preocupa o defensiva, com habita es de carácter mais precário, situados em curvas de água, áreas férteis e facilmente agricultáveis, indicam que talvez se tratassem de habita es sazonais, relacionadas com algumas actividades de popula es que pertenciam aos povoados fortificados” (Proença, 2011).

Os estudiosos defendem que há uma invisibilidade dos contextos funerários neste período. A Dr.^a Susana Oliveira Jorge (1996), distingue duas fases tumulares: “a dentro deste período – antes e depois de 1000 a.C., que a informação arqueológica disponível é quase nula; entre cerca 1500-1300/1000 a.C. aparecem alguns sepulcros, isolados ou inseridos em necrópoles, os quais se caracterizam por ausência de monumentalidade ou complexidade arquitectónica” (como os dólmenes ou antas Megalíticas).

Durante o Bronze Inicial, nas regiões mais ocidentais, mais relacionadas com terras agrícolas, os cemitérios parecem ter-se formado, tendo em consideração uma possível personalidade de grande poder simbólico, depositada em túmulos com maior investimento construtivo e com oferendas de valor social significativo. Nas áreas mais elevadas (zonas montanhosas), verifica-se reaproveitamentos dos antigos monumentos megalíticos, como também, construções de monumentos sob *tumuli*. Ter-se-iam sepultado indivíduos, que depois da sua morte assumiram um grande simbolismo ao longo do tempo, provavelmente através de processos de mitificação (Bettencourt 2011).

No decorrer do Bronze Médio e Final, nas zonas com vales agrícolas, a morte parece ter sido aos poucos integrada no ciclo diário (Bradley, 2000 in Bettencourt 2011), perdendo a sua importância como referente da memória social, pelo facto de as necrópoles se localizarem numa área adjacente ou até mesmo no interior das áreas de residência, (Bettencourt 2011), também defendido por Jorge (1996). Nas áreas de montanha os monumentos sob *tumuli* e as oferendas diminuem consideravelmente (Bettencourt 2011).

No que diz respeito ao tipo de tratamento que os corpos tinham neste período, terão ocorrido diferentes formas de deposição. Existem enterramentos em várias deposições: decúbito dorsal, como o exemplo da *Quinta da Água Branca*, em Angra de Antas, eventualmente em muitas outras cistas e sepulturas planas de dimensões significativas; em decúbito lateral, como nas minas de *El Milagro* e *Aramo*, provavelmente em cistas de tamanhos reduzidos; fetal, como acontece no túmulo de *Vale Ferreiro* (Bettencourt 2011) e no presente caso de *Casas Velhas* (Melides) e *Monte da Cabida 3* (São Manços).

Em vários locais são sugeridas manipulações dos ossos, como na *Gruta Grande*, onde parte de um esqueleto estava separado do seu crânio e outras ossadas que lhe pertenciam. Um outro exemplo é a cista de *O Cubillón* onde parecem existir dois grupos

de ossos, um a sudeste da câmara em associação com um potinho e outro a noroeste (Bettencourt, 2011).

Existem algumas formas e contextos variados neste período cronológico referente a sepulcros humanos na Península Ibérica: desde sepultura em fossa com inumações individuais como *S. Román de Hormija*, na Meseta Norte (Delibes de Castro, 1978 in Jorge, 1997); diversos enterramentos em grupo, como na Estremadura Portuguesa (Jorge, 1990; Belén *et. al.* 1991 in Jorge 1996), reutilizações de estruturas de armazenamento de cereais, como espaço funerário, como por exemplo em *Manlleu* (Osona) (Ortellas e Martín, 1997); reutilizações de sepulturas Megalíticas (Silva, 1997; Sanjuán, 2005); em cista sem túmulos – *Agra de Antas* (Gonçalves, 1999); grutas e abrigos como lugares de enterramento, como se verifica em *Lorga de Dine*, Vinhais, Bragança (Bettencourt, 2009), assim como também enterramentos em minhas de cobre, tanto quanto o caso das de “*El Migagro*, Onís e de Armo, Riosa (Astúrias), onde se recolheram restos de 5 a 20 indivíduos, respectivamente, por vezes acompanhados de utensílios de mineiro e dispostos em decúbito lateral” (Blas Cortina 1996; 1998; 2003; 2005; *in* Bettencourt 2011).

Durante o Bronze Inicial está muitas vezes representado por túmulos e necrópoles aparentemente isolados. Algumas sepulturas distinguem-se pelo depósito de artefactos de grande valor simbólico e social, como o exemplo e punhais de lingueta, pontas de lança de tipo Palmeira, espirais, lâminas de ouro e braçais de arqueiro. A riqueza destas sepulturas permite supor que indivíduos, “após a sua morte, teriam sido escolhidas pelos vivos para serem mitificadas, através de diferentes processos de transmissão da memória social, tornando-se, no plano simbólico, os novos ancestrais, agentes ou actuantes como factores de manutenção de uma determinada identidade social” (Bettencourt 2011).

Este tipo de oferendas, quase que desaparece durante o Bronze Médio “provavelmente relacionado com a nova estruturação das comunidades e com a consolidação dos processos de territorialização das terras agrícolas. As oferendas agora muito padronizadas e discretas parecem revelar, pelo menos no plano simbólico, pouca distinção social entre os indivíduos ” (Bettencourt 2011).

Ao longo da Idade do Bronze Peninsular verifica-se a ocorrência de algumas manifestações de crenças associadas com a utilização do fogo, durante os enterramentos. Destacam-se, entre outras acções, “aquelas que são sistematicamente realizadas no interior dos vasos troncocónicos e dos de largo bordo horizontal,

recipientes onde, quase sem exceção, foram queimados substâncias no seu interior, antes ou durante a sua deposição final nos mais diversos contextos sepulcrais” (Bettencourt 2011), podendo se explicar pelo facto de aparecerem algumas acumulações de carvões e, ou cinzas nos espaços sepulcrais. Outros ritos relacionados com o fogo manifestam-se emlareiras ou queimadas circunscritas, podendo aparecer à superfície como em fossas (verifica-se em *Tapado da Caldeira*, na Devesa de Abaixo e em *Agro de Nogueira*), por cima de lajes de cobertura das câmaras funerárias (encontra-se na *Quinta da Água Branca* e na *Casinha Derribada 3*), como também no interior de uma cavidade natural (*Serra de Muna 2*) (Bettencourt 2011), assim como na necrópole *Vinha do Casão* em Vilamoura (Gomes *et. al.* 1986).

No decorrer do II milénio a.C., eram praticados dois tipos de rituais funerários: o da inumação e a incineração. Durante o Bronze Inicial manteve-se o primeiro ritual, que era praticado em épocas anteriores à mesma. O que é novidade é que a maior parte dessas inumações consistem agora em inumações de carácter individual, em oposição aos enterramentos colectivos, frequentes até então. Este tipo de mudança é explicada por alguns autores estando relacionada com um aparecimento de personalidades eminentes sobre a colectividade (Gutiérrez 2007). Será que se pode falar em estratificação social? Tendo em conta algumas considerações apresentadas anteriormente, pode considerar-se que a realidade funerária na Idade do Bronze parece ser bastante heterogénea, rica e complexa, quer em relação ao espaço de necropolização, quer ao nível das soluções arquitectónicas e rituais que estas sociedades praticavam. Durante a fase final da Idade do Bronze, os dados sobre os rituais fúnebres na são escassos na Península Ibérica, principalmente no que se trata a sepulturas (Belen; Escacena; Bozzino, 1991). Neste âmbito surge a importância do estudo das necrópoles em questão (*Casas Velhas e Monte de Cabida 3*).

2.4 As necrópoles no contexto do Sudoeste Peninsular

Quando se aborda a temática sobre a Idade do Bronze Peninsular, vários investigadores consideram diferentes áreas como: O Noroeste peninsular, a Meseta Norte, a Estremadura e o Sudoeste Peninsular.

Nesta temática, vou de uma forma sucinta retractor o contexto de necrópoles no Sudoeste peninsular, que inclui o Alentejo, Algarve, Andaluzia, Múrcia e Comunidade Valenciana, focando nos casos Portugueses, mais precisamente na Fachada Atlântica e na região do Alentejo Central.

Ao grande desconhecimento sobre elementos antropológicos, contrapõe-se a grande abundância de necrópoles escavadas. Infelizmente, a maioria dessas pesquisas foram realizadas há bastante tempo e, por isso, muitas das vezes sem as cautelas/estudo pretendido (Mattoso, 1992), como é no caso da necrópole de Casas Velhas.

Quando se estuda uma época histórica, é importante não nos fixar somente na área de estudo, mas também em outras regiões para se poder compreender a difusão e organização de ideias em vários pontos no sudoeste peninsular.

Será que há algumas semelhanças nos rituais de enterramento, nas construções adoptadas e consequentes enterramentos? Será que se pode falar em memória colectiva diferente, numa mentalidade só do Sudoeste da Península Ibérica?

Durante este capítulo vai tentar-se explicar estas questões de âmbito cultural relativamente à antropologia funerária, recorrendo à análise de outras necrópoles contemporâneas.

Schubart (1975) propõe um sistema cronológico-cultural para a Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, localizada principalmente nas províncias do Alentejo, Algarve e Huelva (Espanha), dividindo-o em dois períodos distintos:

- I) Desde 1500/1400-1100 a.C; com enterramentos de indivíduos com os corpos decúbico dorsal, dentro de cistas de planta rectangular com grandes dimensões ou em túmulos com aspecto oval cobertos por um “aparelho com plexo de lajes formando uma cúpula rudimentar” (Gomes *et, al.*, 1986);

- II) Entre 1100-900 a.C., onde defende que existe uma evolução de estímulos culturais. As cistas apresentam dimensões mais reduzidas, continuando a apresentar planta rectangular, sendo que a posição do corpo nela inumado, mais “descontraída”, principalmente em *decubitus* lateral, sendo estas posteriormente cobertas por *tumulus* de terra.

No mesmo plano da necrópole em estudo, foram encontradas e estudadas outros monumentos funerários pertencentes ao “Bronze do Sudoeste” (Schubart, 1975,) como no caso das necrópoles do Pessegueiro (Silva e Soares, 2009); Provença (Gomes *et, al* 1986); Quitéria (Silva e Soares, 2009); Sobreiro (Gomes *et, al* 2002); Vinha do Casão (Gomes *et, al* 1986); El Castañuelo (Sanjuán, 2005) e Moratalla (Garcia, 1994).

A necrópole do Pessegueiro situa-se no litoral alentejano a 2km para SSE da fortaleza de terra do Pessegueiro. Trata-se de uma das necrópoles com maior número de tumulações no grupo dos monumentos sepulcrais do Bronze Pleno do Sudoeste Peninsular (Sanjuán, 1998, 104-106 *in* Silva; Soares, 2009), com 27 sepulturas tipo cista, mas somente uma sepultura forneceu material osteológico humano. Devido à acidez e lixiviação do solo, às violações que as sepulturas sofreram ao longo dos anos, este tipo de material encontrava-se ausente nas restantes sepulturas. No seu último momento de ocupação, as cistas apresentavam uma predominância de orientação a NE-SO, cerca de 33.3%, sendo que 29.6% estavam expostas a E-O (Silva e Soares, 2009). Uma das sepulturas (a única com restos ósseos) continha dois indivíduos (como se encontra igualmente em algumas das cistas em estudo) sendo que, foram sepultados em ocasiões diferentes; em primeiro lugar inumado um indivíduo do sexo masculino, com uma idade à morte superior a 30 anos; um pouco mais tarde, quando os tecidos moles já estavam deteriorados, os mesmos foram encostados junto a um dos esteios laterais, procedendo espaço para uma segunda inumação, este em decúbito lateral, tratando-se neste caso um indivíduo do sexo feminino, que teria falecido numa idade compreendida entre os 35 e 40 anos (Fernandes, 2009). Cada sepultura, no momento de enclausurar, eram cobertas por pequenos *tumulus* com uma base limitada por esteios atribuindo um recinto de planta rectangular, onde posteriormente incorporavam-se entre si, dando um aspecto geral de um favo ao monumento (Sousa e Soares, 2009).

Relativamente perto na necrópole anterior encontra-se a necrópole de **Provença**. Situa-se no concelho de Sines, do distrito de Setúbal, cerca de 800m da costa, na,

Herdade da Provença, aproximadamente a 11km para sudeste da cidade de Sines. Trata-se igualmente de uma necrópole de cistas da qual foram descobertas cerca de 28 sepulturas. As cistas apresentam-se de planta rectangular, limitadas por lajes implantadas em cutelo, no interior de recintos tumulares, oferecendo o aspecto de favos. A sepultura n.º12 continha como espólio dois recipientes de cerâmica, um punhal de cobre, contas de mineral e verde e uma conta em ouro espiralada. (Portal do Arqueólogo- Igespar). As sepulturas estariam “dentro” de uma fossa previamente feita com cerca de 0.50m de profundidade e teriam cerca de 1.05m de comprimento e 0.65 de largura, tendo uma orientação predominantemente no sentido N-S (NNO-SSE ou NNE-SSO), com o corpo depositado em decúbito lateral. Numa das sepulturas (sepultura 23) do núcleo sul do momento I de ocupação foi observada na uma laje de cobertura com 3 covinhas (Gomes *et. al*, 1986; Sousa e Soares, 2009).

Associada a necrópole de Provença, situada no sopé da encosta sul dos Chãos do mesmo concelho, encontra-se a necrópole de **Quitéria**. Este cemitério pré-histórico era composto igualmente por sepulturas de planta rectangular, do tipo cista, formadas na sua maioria por quatro esteios de xisto, cobertas por uma laje a servir de tampa, associada a momentos de carácter habitacional (Portal do Arqueólogo- Igespar). Numa das sepulturas estudadas (sepultura 18), o fundo da câmara era pavimentado por pequenos esteios de xisto. As orientações mais frequentes das cistas são E-O. As diferentes cistas circunscreviam entre si recintos tumulares, dando um aspecto de um favo (Silva e Soares 2009).

Um outro monumento sepulcral tipo cista, pertencente à Idade do Bronze do Sudoeste peninsular é **Sobreiro** (Mato Serrão, Lagoa). Representando uma construção de pequenas dimensões constituída numa fossa, onde foram introduzidos esteios de calcário, “dispostos em cutelo”, formando assim a câmara, medindo cerca de 90 cm de comprimento, 56 cm largura e 60 cm de profundidade, sendo depois coberta por uma tampa com 155 cm de comprimento, 115 cm de largura (Gomes, *et. al*, 2002). Verificaram-se enterramentos com mais de um indivíduo, sendo que o primeiro sepultado seria afastado da sua posição original, para ser possível a deposição de um outro corpo, este era disposto em posição *decúbito* lateral flectido. A maior parte das cistas apresentavam uma orientação SO-NO. Foram ainda encontradas 8 covinhas pertencentes a uma das lajes de cobertura de uma cista junto à cabeça do último indivíduo nela sepultada (Gomes *et. al*, 2002). As características da sepultura, assim como os aspectos rituais que a mesma apresenta e as dimensões da cista são

semelhantes aos registados para sepulcros do mesmo tipo que se tem vindo a referenciar - Sudoeste Peninsular no decorrer da Idade do Bronze, nomeadamente do Bronze Médio e Final.

No Algarve, mais precisamente em Vilamoura no antigo morgado de Quarteira a cerca de 1km a sul da aldeia de Golfe está localizada a necrópole *Vinha do Casão*. Descoberta a 17 km acima do nível médio das águas do mar em 1977 (Gomes *et. al.*, 1986). As sepulturas apresentam uma planta trapezoidal quase quadrada, tipo cista, sendo estas construídas a partir de uma fossa previamente escavada com cerca de 0.90m de profundidade, sendo depois revestida por esteios de origem calcária. Depois de confeccionada e depositado o corpo e espólio funerário, a cista era coberta por uma laje de aproximadamente 1,35 m de comprimento e 1 m de largura. O espólio encontrado era composto principalmente por vasos cerâmicos estreitos perto das mãos e/ou da cabeça. Normalmente individuais, com o corpo em deposição fetal, sendo que a cabeça estava colocada no topo Norte das cistas (apesar de estas estarem orientadas para Nascente ou Poente), contudo, pelo menos representavam aparentemente três sepulturas deposições múltiplas com 3 indivíduos (Gomes *et. al.*, 1986), ou seja 9 indivíduos. Dos quais, só foi possível identificar 3 adultos, 1 adulto jovem, com uma idade à morte superior a 18 anos e 2 não adultos com idade á morte compreendida entre os 6 e 8 anos, sendo dois deles do sexo feminino. No decorrer das intervenções e descoberta de todos os monumentos, não foram encontrados quaisquer recintos tumulares envolventes como os observados das necrópoles do “grupo de Sines” (Provença, Quitéria e Pessegueiro). Uma singularidade desta, é que foi descoberta estruturas de combustão (lareiras) encontradas associadas à necrópole, ao invés de locais habitacionais. Estes podem fazer parte do momento de construção das sepulturas, ou quem sabe, relacionado com possíveis rituais funerários (Gomes *et al.*, 1986).

Quando se fala em Sudoeste peninsular, é importante expandir o tema não só a nível nacional, mas fomentá-lo com exemplos do nosso país vizinho. Na região de Huelva, Sevilha e Múrcia podemos encontrar, varias necrópoles semelhantes às estudadas e as referenciadas anteriormente, como por exemplo *La Bañita*, *El Carril*, *Becerrero*, *Calañas*, *Castañuelo* (relativamente a Helva); *Mesa de Setefilla*, *Lora del Rio*, *Cazalla de la Sierra*, *Chichina* (região de Sevilha) e *Moratalla* (Múrcia), entre outras (Gomes *et al.* 1989). Verifica-se assim uma grande universalidade de necrópoles deste período cronológico, no Sudoeste Peninsular.

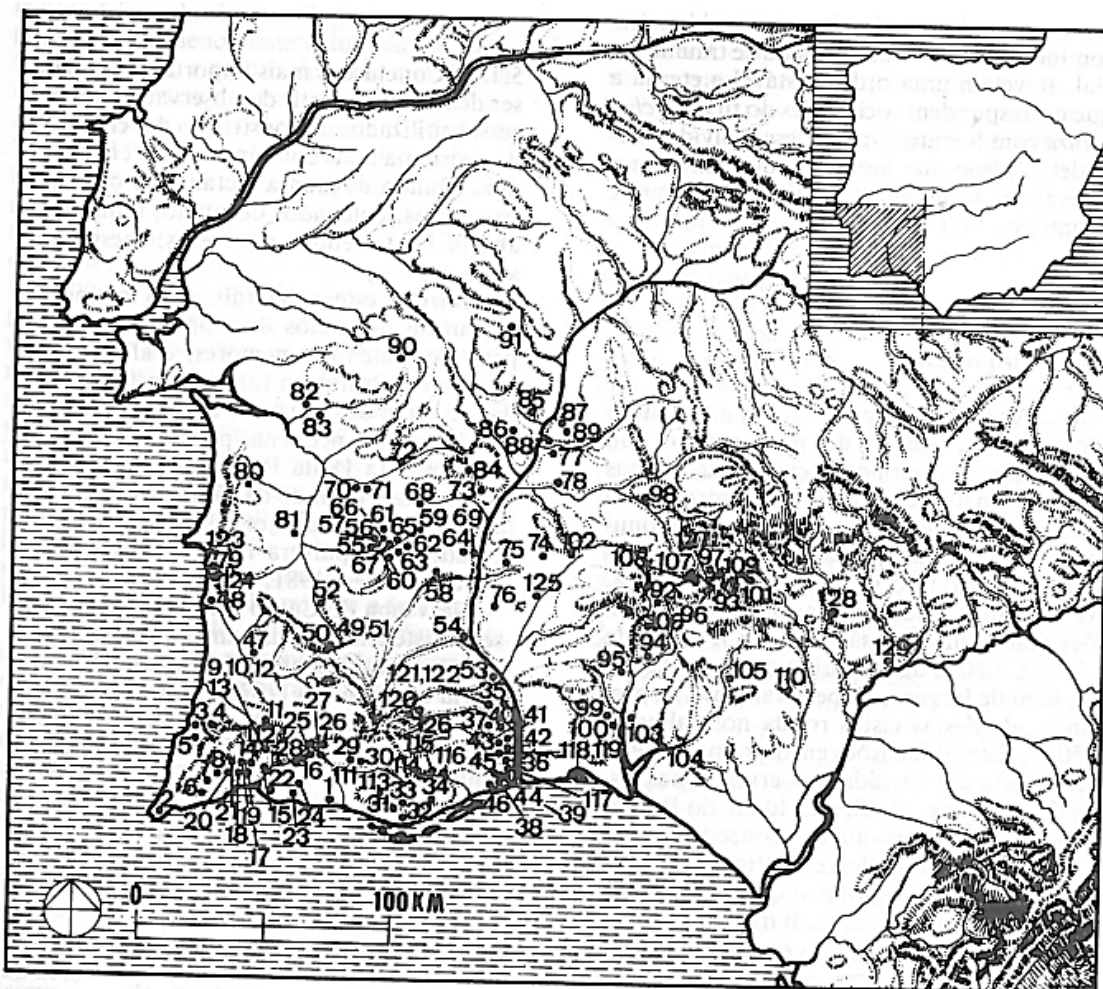


Figura 9: Carta de distribuição das necrópoles da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, segundo Gomes, *et al*, 1986 (distritos de Évora, Setúbal, Beja, Faro, Huelva, Sevilha) – legenda em Anexo.

Na região de Huelva podemos encontrar várias necrópoles contemporâneas das descritas na presente dissertação. Uma delas é a necrópole *El Castañuelo*. Composta por sepulturas em cista pétreas, com dimensões um pouco maiores que as anteriormente referenciadas, mas aproximadamente das utilizadas pelos construtores do SO Peninsular na Idade do Bronze final (Sanjuán, 2005). As cistas encontradas conferiam entre si pequenos aglomerados dentro da mesma necrópole, existindo uma clara separação entre cada grupo (Hera, 1979).

As sepulturas apresentam uma orientação no sentido N-S. A sepultura 6, curiosamente era coberta por esteios irregulares sobre o nível de dois esteios laterais e um do topo, originando mais do que uma laje de cobertura. A falta de esteios, com as dimensões desejadas para a sua confecção, pode ter levado que os construtores usassem blocos contíguos para substituir as habituais lajes. Nesta mesma cista foi encontrada um vaso decorado com 6 mamilos (Gomes *et al*, 1986).

Por volta de 1995 foi finalizada a intervenção em *Moratalla*, Múrcia, onde foram encontrados contextos funerários dentro de um povoado (como em outros povoados, caracterizando o Sudoeste Peninsular, apresentados anteriormente). Trata-se de um lugar pertencente ao momento I na Idade do Bronze do SO peninsular, descrito por Schubart (1975).

Neste povoado, designado como “Bajil” foram detectados dois níveis de ocupação: um Calcolítico e outro do Bronze Inicial, com influências do mundo argárico (García, 1994). Para além do povoado, foram intervencionados 10 sepulturas, de arquitectura mista (tipo cista, urnas, sem estrutura e fossa) duas das quais tipo cista 1 e 6. A primeira tem cerca de 117 cm de comprimento e 69 cm de largura, é formada por 5 lajes de pedra, encontrando-se associada a uma parede de um edifício do povoado. Albergava um indivíduo não adulto, com idade compreendida entre os 6 e 10 anos, onde junto ao crânio se encontrava um vaso de cerâmica, orientado a SW com uma posição em decúbito supino (García, 1994).

A outra sepultura em forma de cista desta Necrópole apresenta uma forma rectangular formada por pedras de tamanho mediano com 185 cm de comprimento e 80 cm de largura. Foi ali enterrado um indivíduo masculino, adulto, de grande musculatura, com cerca de 180 cm de estatura. Encontrava-se colocado ao seu lado esquerdo recuperou-se um punhal, mesmo à frente da cabeça, assim como um percutor lítico e um osso de fauna; encontrava-se ainda um vaso cerâmico na parte inferior esquerda da sepultura (García, 1994).

A reutilização de dólmenes ou enterramentos em gruta domina em outras áreas, como a Estremadura Português, como também a Norte de Valência ou em certas áreas da Catalunha (Fernandez Vega, 1986; Aubet Semmler e Lull, 1990, Maya, 1997, Serrano, 2001). Nas áreas, como o Sudoeste Peninsular verifica-se com alguma frequência necrópoles associadas a estruturas de *habitat*, como nos casos de Quitéria, Cerradilha (Mattoso, 1992), Provença e Pessegueiro (Soares e Silva, 2009).

Os aglomerados populacionais, normalmente são numerosos, compondose por 4 tipo de necrópoles: umas constituídas por recintos funerários de planta circular, onde no seu interior se inserem várias cistas de inumação individual (Mattoso, 1992); outras em que cada sepultura era coberta por pequeno *tumulus*, com esteios que limitavam a base, onde por sua vez definiam um recinto de planta sub-rectangular, em conjunto davam um “aspecto de favo”, sendo que os *tumuli* teriam sido construídos parcialmente com terras que provinham da área do *habitat* – no caso da sepultura 1 de Casas Velhas (Soares e

Silva, 2009); verificam-se igualmente cistas sem qualquer tipo de estrutura ou *tumuli* englobante; por último, pertencente a cistas sem *tumuli* encontram-se várias situações de deposições múltiplas muna única cista (Mattoso, 1992), como se verifica no Monte de Cabida 3.

No presente estudo trata-se de necrópoles compostas por cistas da Idade do Bronze, integrada no que Schubart designou por “Bronze do Sudoeste” (Schubart, 1975). As sepulturas são de tipo cistas, (maioritariamente individuais – caso de Casas Velhas, e duplas – inumação e redução associada – no caso do Monte de Cabida 3), de planta rectangular, formadas geralmente, por quatro esteios; teriam sido originalmente feitas dentro de uma cavidade produzida no solo com cerca de 0.50m de profundidade, onde posteriormente estas eram cobertas por uma tampa monolítica, na maioria dos casos já desaparecida. No caso da Necrópole de Monte de Cabida 3, os esteios em grande parte, de natureza calcária e xistosa, o que criou no interior da sepultura um ambiente favorável à conservação de material osteológico.

3 Metodologia aplicada

3.1 Amostra

O presente estudo vai ter como base duas amostras datadas da Idade do Bronze.

A primeira amostra foi cedida no abrigo de um protocolo entre o Departamento Ciências da Vida, da Universidade de Coimbra e o Museu Etnográfico e Arqueológico de Setúbal onde para além do material ósseo, foi facultado desenhos à escala real em papel vegetal e pela amostra do Monte da Cabida 3 cedida pela empresa de antropologia *Styx* situada em Coimbra.

Na necrópole de Casas Velhas foram intervencionadas 35 sepulturas, sendo que este estudo se vai concentrar na análise paleobiológica dos restos ósseos exumados de 16 sepulturas em cista. A Necrópole de Monte da Cabida 3 é composta por 12 sepulturas e 6 fossas, representando um número mínimo de 51 indivíduos. Contudo, no presente estudo só vão ser analisados os restos osteológicos das sepulturas em cista, nomeadamente as sepulturas 1, 8, 9 e 10.

De um modo geral, verifica-se que o material osteológico apresentava um grau de fragmentação muito elevado, provavelmente devido às características do solo em que foi encontrado, especialmente a primeira amostra. A principal consequência do baixo grau de preservação apresentado pela amostra prende-se com a inviabilização de alguns métodos, que não puderam ser aplicados.

3.2 Preparação e tratamento do material osteológico

O material osteológico, proveniente das necrópoles de Casas Velhas e de Monte da Cabida 3 encontravam-se acondicionados dentro de sacos de plástico. Estavam identificados pelo número do osso que correspondia ao número no desenho no plano da sepultura. Os restos ósseos estavam armazenados por sepultura em pequenos caixotes.

Além do elevado estado de fragmentação que os ossos aparentavam, estes encontrava-se por limpar. Após a separação de sacos por indivíduo/sepultura, procedeu-se à limpeza, restauro (colagem), identificação, marcação, e inventariação de cada fragmento ósseo.

A limpeza do material foi efectuada através de escovas de dentes, escovas de mão, com intuito de remover a maioria da terra e pó agregados ao osso; pinceis foram usados para os locais de maior fragilidade e palitos para remover terra dentro do osso (como nos ossos longos ou crânio). Todo o processo de limpeza foi efectuada a seco, de modo a não danificar o osso nem as respectivas características que nele se possam manifestar, como as patologias.

Na fase seguinte, de colagem, tentou-se a reconstituição dos fragmentos de osso pertencentes a um mesmo elemento. Para este efeito utilizei cola UHU Hart que se caracteriza por ter um bom resultado e ao mesmo tempo ser fácil de remover, se necessário e fita adesiva.

No fim da limpeza do material e consequentes colagens, este foi colocado em sacos de plástico limpos e marcados, separados por sepultura e em diferentes caixas; cada osso foi identificado aplicando-se uma camada de verniz sobre uma superfície lisa, sempre que possível, aplicando-o em regiões não articulares e sem alterações patológicas ou tafonómicas, onde sobre a mesma, era designado um número do inventário à peça óssea relacionado ao que se encontrava no plano de escavação. No caso da primeira amostra, com as siglas de CV.M (Casas Velhas. Melides), correspondente a cada sepultura (com sigla de “S”); dispondo todas as peças ósseas num catálogo para uma melhor organização e interpretação do estudo (CV.M-S/n°); Na segunda amostra, foi optado pelas siglas M.Cab3/x/y (Monte da Cabida 3/ x= n° da sepultura/y= n° do osso). Nos casos em que a marcação não foi exequível, devido à fragilidade do osso ou a sua reduzida dimensão (como dentes), estes foram colocados em sacos de plástico com a correspondente identificação.

Por fim, os ossos foram descritos num inventário por sepultura e peça óssea correspondente, para uma melhor organização e interpretação do estudo.

Após esta fase de limpeza e organização, iniciou-se o estudo paleodemográfico, morfológico e paleopatológico dos indivíduos em questão.

Estudo Paleobiológico

Recorrendo a diversos métodos (métricos e não métricos) tentou-se procurar completar ao máximo a avaliação do perfil biológico dos indivíduos em questão.

Durante a medição foram utilizados vários instrumentos: a craveira, a tábua osteométrica e a fita métrica. Sempre que possível, as medidas foram realizadas nos ossos do lado esquerdo, excepção se o seu estado de preservação não o permitisse.

As observações e registo de dados foram executadas duas vezes em períodos desfasados, com a finalidade de os confirmar.

A **idade à morte** foi estimada nos não adultos, na observação da erupção e calcificação dentária, desenvolvido por Smith (1991), assim como no comprimento da diáfise dos ossos longos e na união epifisiária (Fazekas e Kósa 1978; Scheuer e Black 2004). Para os adultos recorreu-se à metamorfose da superfície auricular, segundo Lovejoy (1985) e a obliteração das suturas cranianas segundo Masset (1982) foram os métodos seleccionados.

Na análise de diagnose sexual os ossos mais utilizados neste estudo, devido à sua grande fiabilidade, são o osso pélvico, o crânio, e os ossos longos. Na análise morfológica inclui a avaliação de um conjunto de características ao nível dos ossos coxais e do crânio segundo Ferembach *et al.* (1980), Buikstra e Ubelaker (1994), Bruzek (2002). Na análise métrica dos ossos longos seguiu-se os valores propostos por Wasterlain (2000) e para os ossos do pé Silva (1995).

Para analisar a característica física do indivíduo - **índices de robustez e de achatamento** - seguiu-se as recomendações de Martin e Saller (1957). Para a estimativa da **estatura**, recorreu-se aos métodos de Mendonça (2000); Olivier (1978), e Santos (2002).

No que diz respeito aos **caracteres discretos**, foi feita a distinção entre caracteres cranianos (tabela 1 no apêndice), pós-cranianos (tabela 2 no apêndice) e odontológicos (dentários) recorrendo às definições de Hauser e De Stefano (1989), Finnegan (1978) e Saunders (1989); para os dentários o modelo proposto por Turner *et*,

al. (1991), que utiliza o sistema ASUDAS (*Arizona State University Dental Anthropology System*) (tabela 3 no apêndice)

No âmbito da análise paleopatológica, a importância de um diagnóstico credível assenta na possibilidade de se determinar as interações que o indivíduo estabeleceu em vida com o meio ambiente, mas também sociocultural (tipo de alimentação pode variar consoante as capacidades económicas; ocupações profissionais com particular desgaste; situações de stress durante o crescimento, entre outras). Esta análise foi realizada através de uma observação macroscópica. Após a descrição das patologias e lesões encontradas, a sua identificação e interpretação foi baseado na consulta bibliográfica.

Para além da patologia dentária, as patologias degenerativas são a condição patológica mais observada no esqueleto humano (Waldron, 2009). Apenas são analisados os processos degenerativos que afectam o esqueleto, nomeadamente nas zonas de articulação e nos locais de inserção muscular. Dependentemente da zona da lesão óssea é designada de forma distinta: temos então **artrose** nas zonas das articulações e a **entese** nos locais de inserção de músculos e tendões (Gonçalves, 2011).

A análise da patologia degenerativa articular, **artrose** (tabela 4 no apêndice) foi efectuada segundo método de Assis (2007) - adaptado de Buikstra e Ubelaker, (1994) - em anexos tabela 5.

Para as **alterações da entese** (tabela 6 no apêndice) foram consideradas as definições de Mariotti *et. al.*, (2004; 2007) e Crubézy (1988) referente à avaliação das espigas laminares, observadas nas vértebras.

No que diz respeito à patologia oral, no presente estudo foram avaliados a presença de **depósitos de tártaro** e o **desgaste dentário**.

O depósito de tártaro ou **cálculos dentário** é formado por uma dura massa inorgânica que irrita os tecidos da gengiva adoçando-se à coroa ou à superfície da raiz do dente. Para quantificar estes depósitos recorreu-se à escala de Martin e Saller (1956) (tabela 7 em anexo).

O desgaste dentário, ainda que não seja uma patologia oral, é estudado juntamente com estes parâmetros. A escala desenvolvida por Smith (1984) foi utilizada no presente trabalho.

4 Resultados

Neste capítulo serão descritos os dados antropológicos obtidos na análise dos restos ósseos das necrópoles de Casas Velhas e Monte da Cabida 3 por sepultura. Em apêndice encontram-se alguns dados complementares.

4.1 Sepulturas em Cista provenientes da necrópole de Casas Velhas.

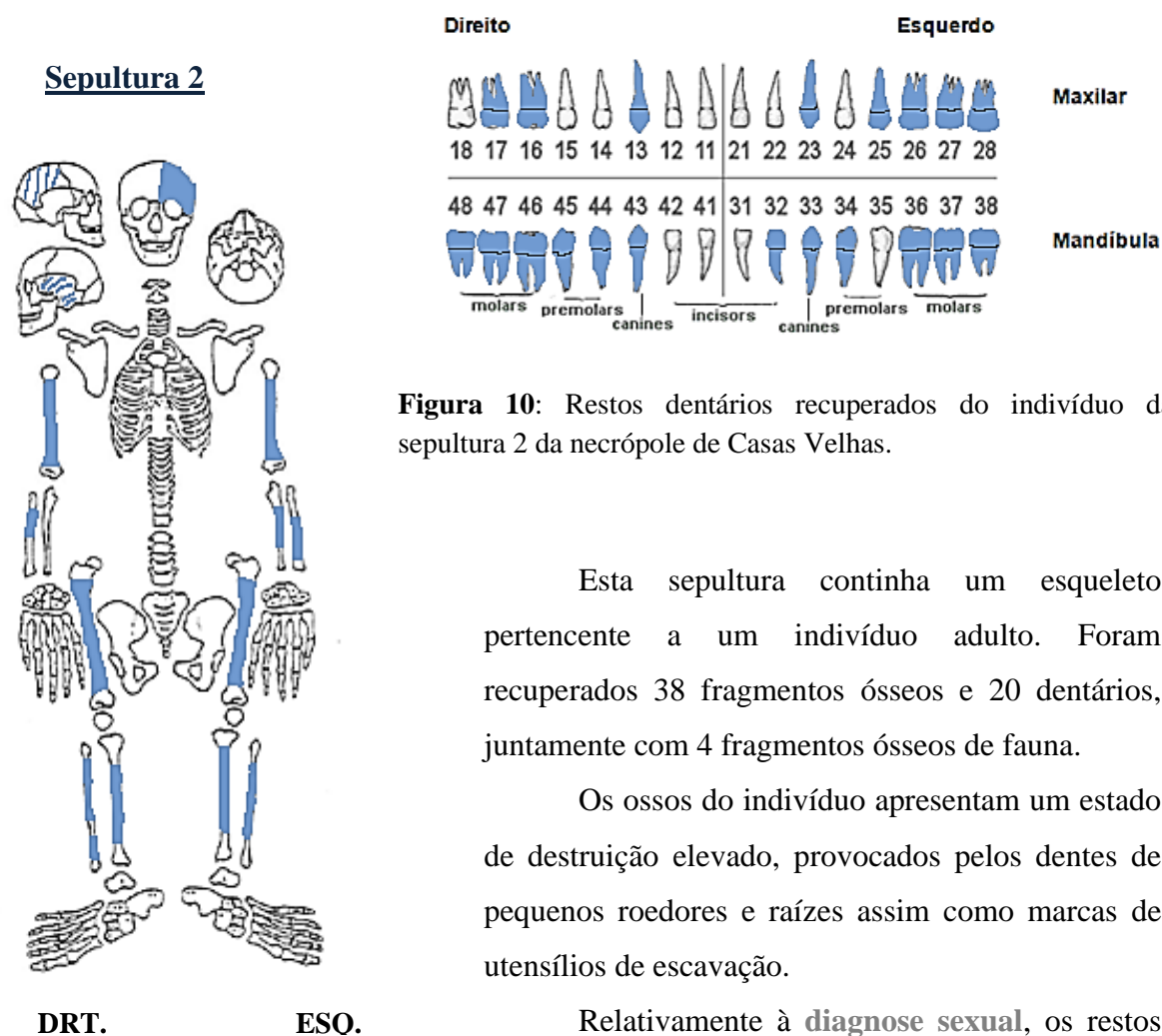


Figura 11: Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 2 da necrópole de Casas Velhas.

Figura 10: Restos dentários recuperados do indivíduo da sepultura 2 da necrópole de Casas Velhas.

Esta sepultura continha um esqueleto pertencente a um indivíduo adulto. Foram recuperados 38 fragmentos ósseos e 20 dentários, juntamente com 4 fragmentos ósseos de fauna.

Os ossos do indivíduo apresentam um estado de destruição elevado, provocados pelos dentes de pequenos roedores e raízes assim como marcas de utensílios de escavação.

Relativamente à **diagnose sexual**, os restos ósseos recuperados não permitiram qualquer diagnóstico conclusivo.

No que diz respeito à **idade à morte** o ápex encerrado dos 3ºs molares confirma tratar-se de um indivíduo adulto que terá falecido com mais 25 anos de idade.

No âmbito da **análise dos índices, de robustez e de achatamento**, só foi possível analisar o último, devido ao elevado estado de fragmentação. O fémur esquerdo revelou ser estenomérico (137.5) e a tibia esquerda platcnémica (61.8), ou seja o fémur não apresenta achatamento ao contrário da tibia. Não foi possível estimar a estatura.

No âmbito da análise paleopatológica é de salientar que no fragmento do osso frontal esquerdo existe uma pequena formação óssea em forma de nódulo, com cerca de 5 mm de diâmetro. Parece tratar-se de um osteoma tipo “botão”.



Figura 12: A) Vista frontal do crânio do indivíduo exumado da cista 2, proveniente da Necrópole Casas Velhas onde se pode observar um nódulo com cerca de 5 mm de diâmetro no frontal esquerdo. B) Pormenor do nódulo ósseo.

Sepultura 10

Nesta sepultura há indícios de que foram inumados dois indivíduos, designados por Indivíduos A e B.

Indivíduo A

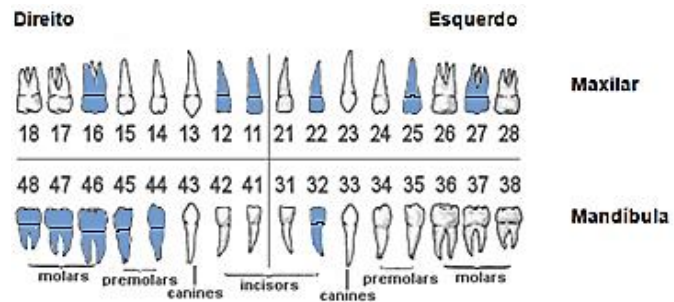
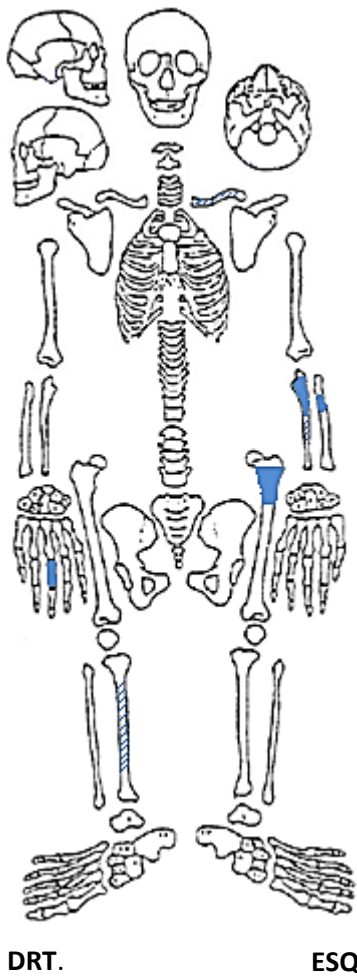


Figura 13: Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Casas Velas.

Trata-se de um indivíduo adulto de sexo indeterminado.

Os vestígios ósseos apresentam tons escuros (muito provavelmente devido solo em que este se encontrava sepultado, acção das raízes) juntamente com pequenas marcas provocadas por roedores.

O fémur esquerdo revelou ser estenomérico (136.4), ou seja, não apresenta achatamento.

Figura 14: Ossos preservados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Casas Velas.

Indivíduo B

Apenas se recuperam restos dentários deste indivíduo. Recorrendo ao método Smith (1991) foi estimado uma idade à morte entre 3 e 9 anos de idade, como se pode constatar na tabela 8 no apêndice.

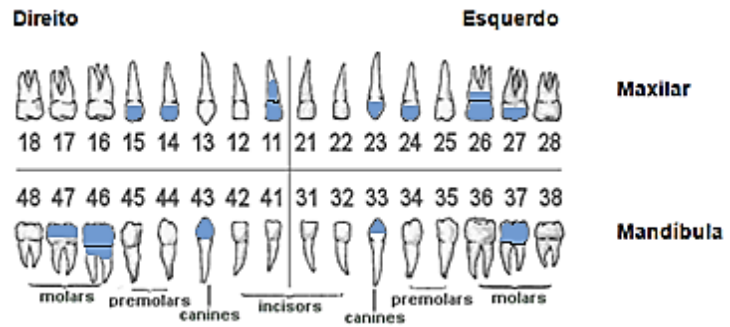


Figura 15: Restos dentários recuperados do indivíduo B exumado da sepultura 10 da necrópole de Casas Velhas.

Sepultura 11

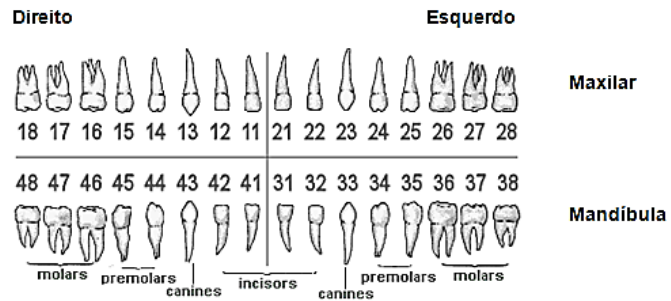
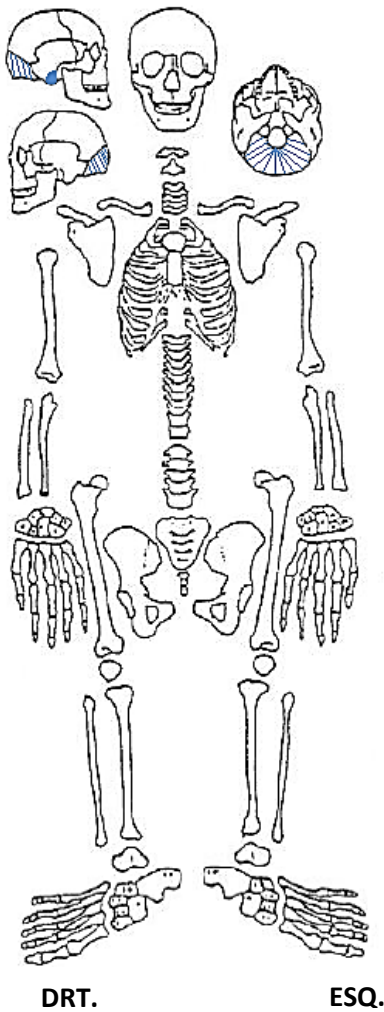


Figura 16: Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 11 da necrópole de Casas Velhas.

Esta sepultura continha 84 fragmentos ósseos cranianos.

Devido ao estado de fragmentação do material, é impossível realizar uma análise detalhada. Apenas é possível referir que se trata de um **indivíduo adulto**, provavelmente do sexo **masculino** face à robustez dos ossos.

Figura 17: Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 11 da necrópole de Casas Velhas.

Sepultura 17

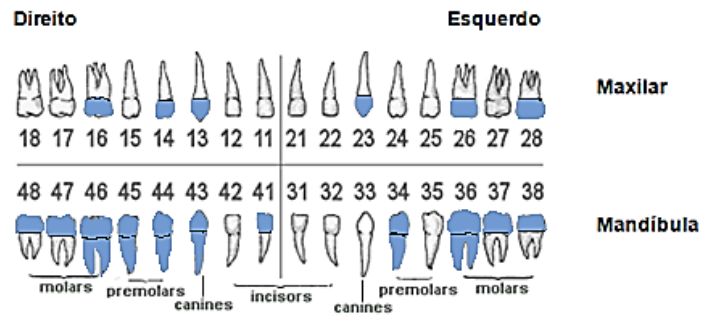
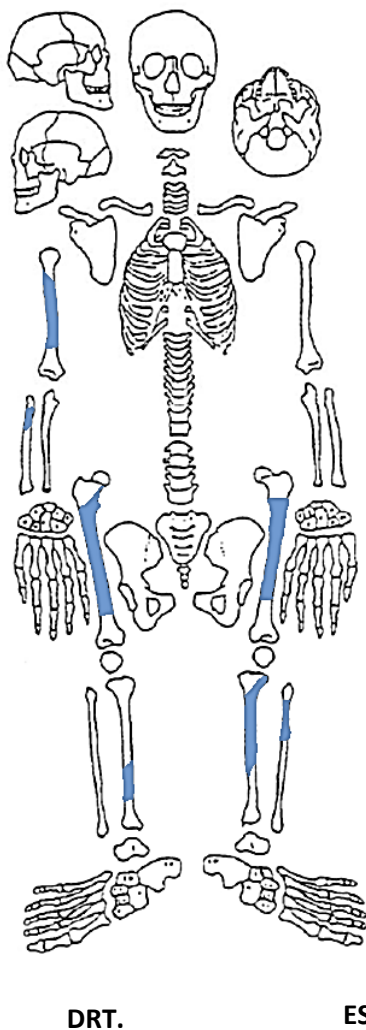


Figura 20: Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 17 da necrópole de Casas Velhas.

Este enterramento encontra-se representado por 65 fragmentos ósseos e 17 dentários.

Como se tem verificado ao longo da presente análise, não foi possível retirar dados paleobiológicos, devido ao estado de fragmentação e a falta dos ossos .

Apenas é possível afirmar que se trata de um indivíduo adulto, devido à presença dos 3ºs molares aparentemente completamente formados

No âmbito dos **índices de achatamento**, a tíbia esquerda revelou ser euricnémica (70).

Figura 21: Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 17 da necrópole de Casas Velhas.

Sepultura 26

Nesta cista foram encontrados 21 fragmentos recuperados em crivagem durante a intervenção. Devido ao estado de fragmentação dos restos ósseos não foi possível qualquer inferência.

Sepultura 27

Foi unicamente recuperado um fragmento do 4º metacarpiano direito.

Sepultura 29

Esta sepultura continha 41 fragmentos ósseos humanos e 1 não humano. Entre os primeiros só foi possível identificar um fragmento de falange proximal de mão, impossibilitando tirar qualquer ilação sobre o respectivo enterramento.

Sepultura 30

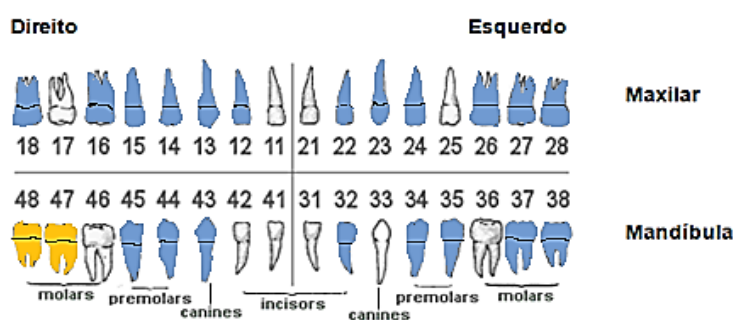
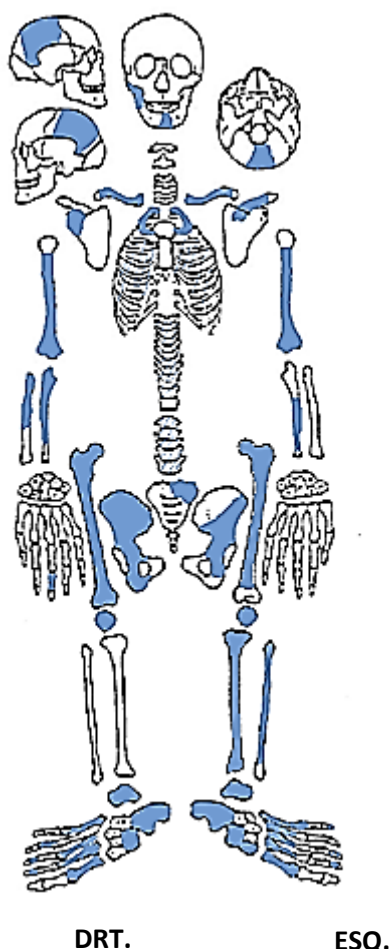


Figura 24: Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 30 da necrópole de Casas Velhas.

Esta cista continha um esqueleto pertencente a um indivíduo adulto do sexo feminino. Trata-se do indivíduo mais completo da amostra, sendo recuperados 96 fragmentos ósseos e 22 dentários. É possível observar sinais tafonômicos provocados por pequenos roedores, pequenas raízes e marcas deixadas por utensílios de escavação.

Relativamente à de análise da **diagnose sexual** através de métodos não métricos, este indivíduo apresenta algumas características masculinas como: arco simples (Bruzek, 2002) a grande chanfradura ciática tendo uma forma estreita e a crista ilíaca em forma de “S” (Ferembach *et al.*, 1980).

Figura 25: Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 30 da necrópole de Casas Velhas.

Os resultados de vários métodos métricos, como os comprimentos máximos do calcâneo (69mm) e do astrágalo (50 mm), a medida do diâmetro vertical da cabeça do fémur (41 mm) e da largura *epicondiliana* do úmero (53 mm) indicam tratar-se de um indivíduo do sexo feminino.

No âmbito do estudo da **idade à morte** através da análise da clavícula (Scheuer e Black, 2004) e da superfície articular do osso ilíaco (Lovejoy *et al.*, 1985) pode concluir-se que este indivíduo adulto terá falecido com mais de 30 anos de idade.

No que diz respeito à **análise morfológica** foi possível estimar através das medidas do método Olivier *et.al.*, (1978), da tíbia (1.62 cm, \pm 3.85 cm) do fémur (1.59 cm, \pm 3.56 cm); Mendonça (2000) com o comprimento fisiológico do fémur (1.56 cm, \pm 5.92) e Santos (2002) no 2º metatársico (1.62 cm, \pm 4.75 cm). Nos valores de **robustez e de achatamento** pode-se considerar que este não seria robusto dando os resultados de valores médios nos índices no fémur e da tíbia (19.9 e 21 respectivamente). Já no que se trata dos índices de achatamento pode-se certificar que o fémur é platimérico (82,8), ao contrário da tíbia que não revela achatamento - mesocnémica (68.75).

No âmbito da análise paleopatológica, é de referenciar que no fragmento de osso **parietal esquerdo** existe um orifício a 52 mm da sutura sagital, com cerca de 10 mm de diâmetro, com sinais de remodelação – Figura 26.

Num dos fragmentos da mandíbula é possível observar a perda *ante-mortem* do 1º molar direito (figura 27).

No fragmento de úmero direito observa-se entesopatia de grau 2 na parte proximal junto à região do músculo *Braquiorradial*; nos dois fémures observa-se *liping* na respectiva cabeça (Grau 1, Assis, 2007), sendo que no direito se encontram sinais de entesopatia na região do músculo glúteo de Grau 3 (Mariotti *et al.*, 2004;2007); nos dois calcâneos verifica-se, entesopatias no tendão de Aquiles de Grau 3 (Mariotti *et al.*, 2004;2007) (figura 28). Na zona lombar, nomeadamente num dos fragmentos de vértebra, foram observadas alterações degenerativas de Grau 5 – Assis 2007; e de Grau 4 (figura 29) num fragmento de costela (Assis, 2007).

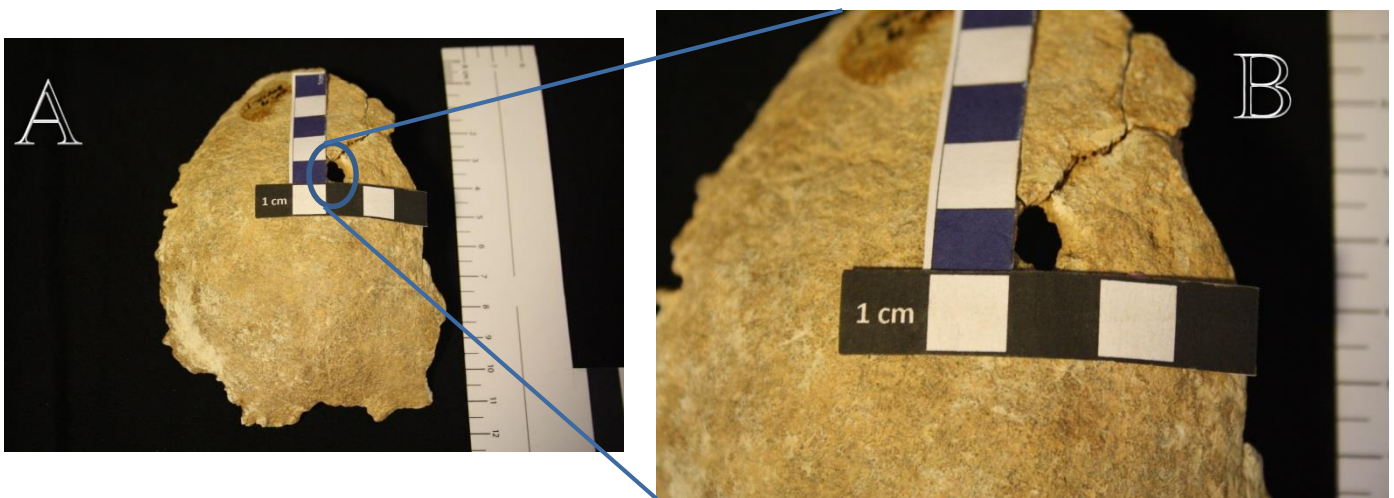


Figura 26: A) Norma anterior do fragmento de parietal esquerdo pertencente ao indivíduo exumado na sepultura 30 de Casas Velhas, onde a azul está assinalado a lesão traumática. B) Foto pormenorizada do observado.

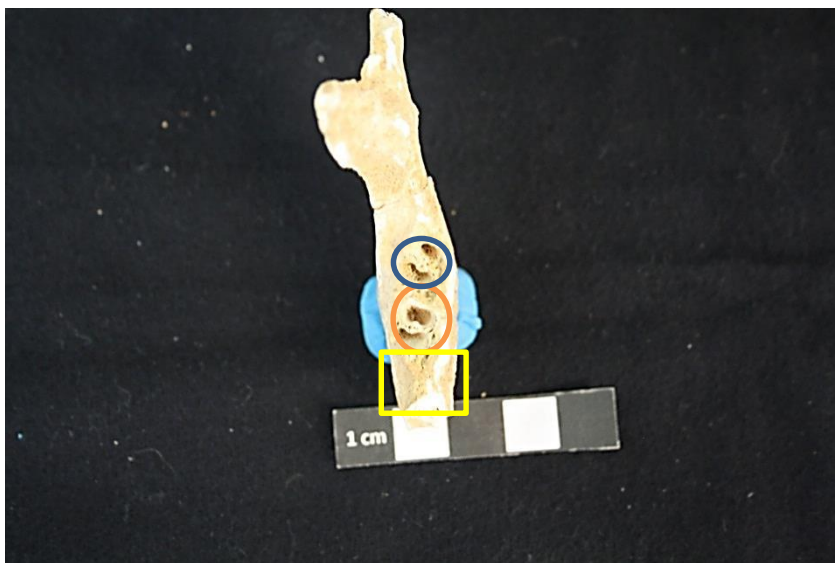


Figura 27: Fragmento do lado direito de mandíbula do indivíduo exumado da sepultura 30 de Casas Velhas. A azul pode verificar-se os alvéolos dentários do 3º molar, a laranja do 2º e a amarelo (embora fragmentada) observa-se que houve uma perda *ante mortem* do 1º molar.

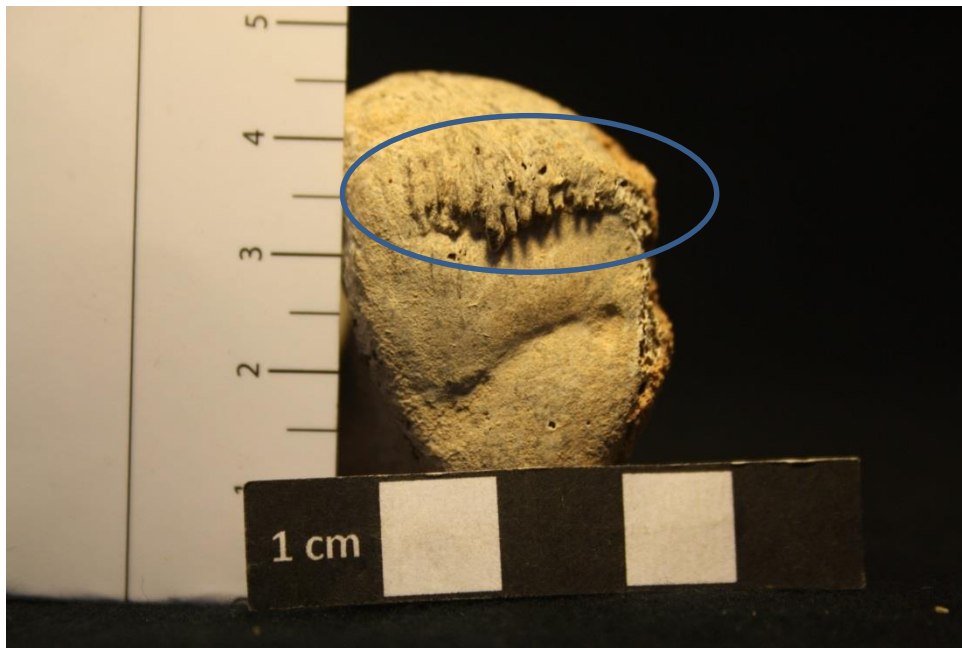
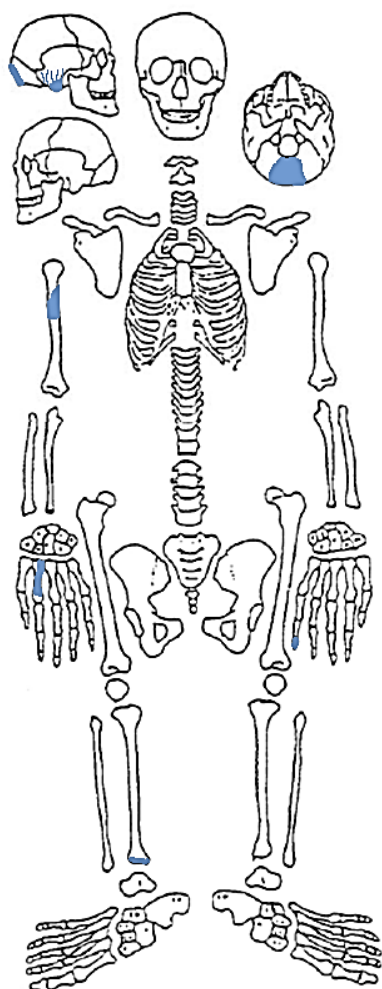


Figura 28: Calcâneo esquerdo em norma posterior do indivíduo sepultado na cista 30 de Casas Velhas. Assinalado a azul a zona provocada pelo tendão de Aquiles - Grau 3 (Mariotti *et al*, al 2004;2007).



Figura 29: Fragmento de costela pertencente ao indivíduo feminino da cista 30, onde se identifica uma pequena formação óssea assim como porosidade – Grau 4 (Assis, 2007).

Sepultura 31



DRT.

ESQ.

Figura 31: Ossos recuperados do indivíduo da sepultura 31 da necrópole de Casas Velhas.

Sepultura 32

Foi impossível fazer qualquer tipo de análise referente ao perfil biológico, visto que só foi encontrado um pequeno fragmento de osso pertencente ao crânio.

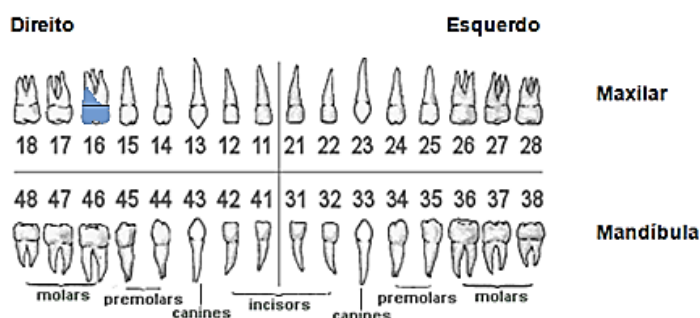


Figura 30: Dentes recuperados do indivíduo da sepultura 31 da necrópole de Casas Velhas.

Esta cista continha 72 pequenos fragmentos ósseos e um dente (1º molar superior direito) pertencente a um **indivíduo adulto**.

Nos fragmentos verificam-se marcas de dentes de roedores e marcas produzidas por utensílios de escavação.

Não foi possível retirar qualquer ilação referente ao perfil biológico do indivíduo em questão.

Sepultura 33

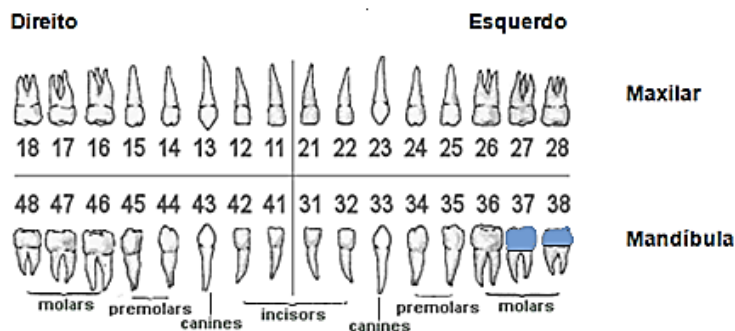
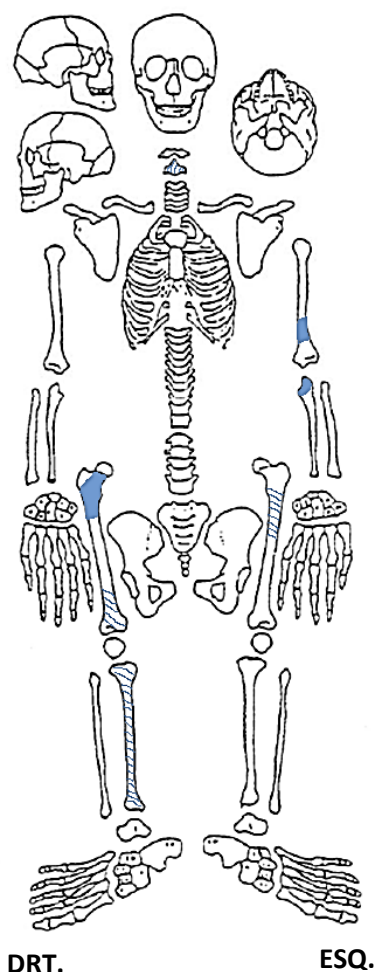


Figura 32: Restos dentários recuperados do indivíduo da sepultura 33 da necrópole de Casas Velhas.

Encontraram-se 216 fragmentos ósseos.

Devido à fragmentação do 3º molar não se pode confirmar q se este tinha o ápex fechado, sendo inviável, deprender a idade à morte.

Relativamente à diagnose sexual, estes fragmentos recuperados não permitiram qualquer diagnóstico.

No fragmento de fémur direito foi possível confirmar a ausência de fossa hipotrocânteriana.

Figura 33: Restos ósseos recuperados do indivíduo da sepultura 33 da necrópole de Casas Velhas.

Sepultura 34

Nesta sepultura recuperaram-se 3 fragmentos de costela, 4 fragmentos de fauna e 224 pequenos fragmentos variados encontrados através de crivagem, não permitindo efectuar qualquer diagnóstico.

Sepultura 35

Esta cista continha dois enterramentos, pela presença de dois fragmentos de diáfise de fémur esquerdos, dois fragmentos de tíbia direitas. Os dois indivíduos foram designados como indivíduos A e B.

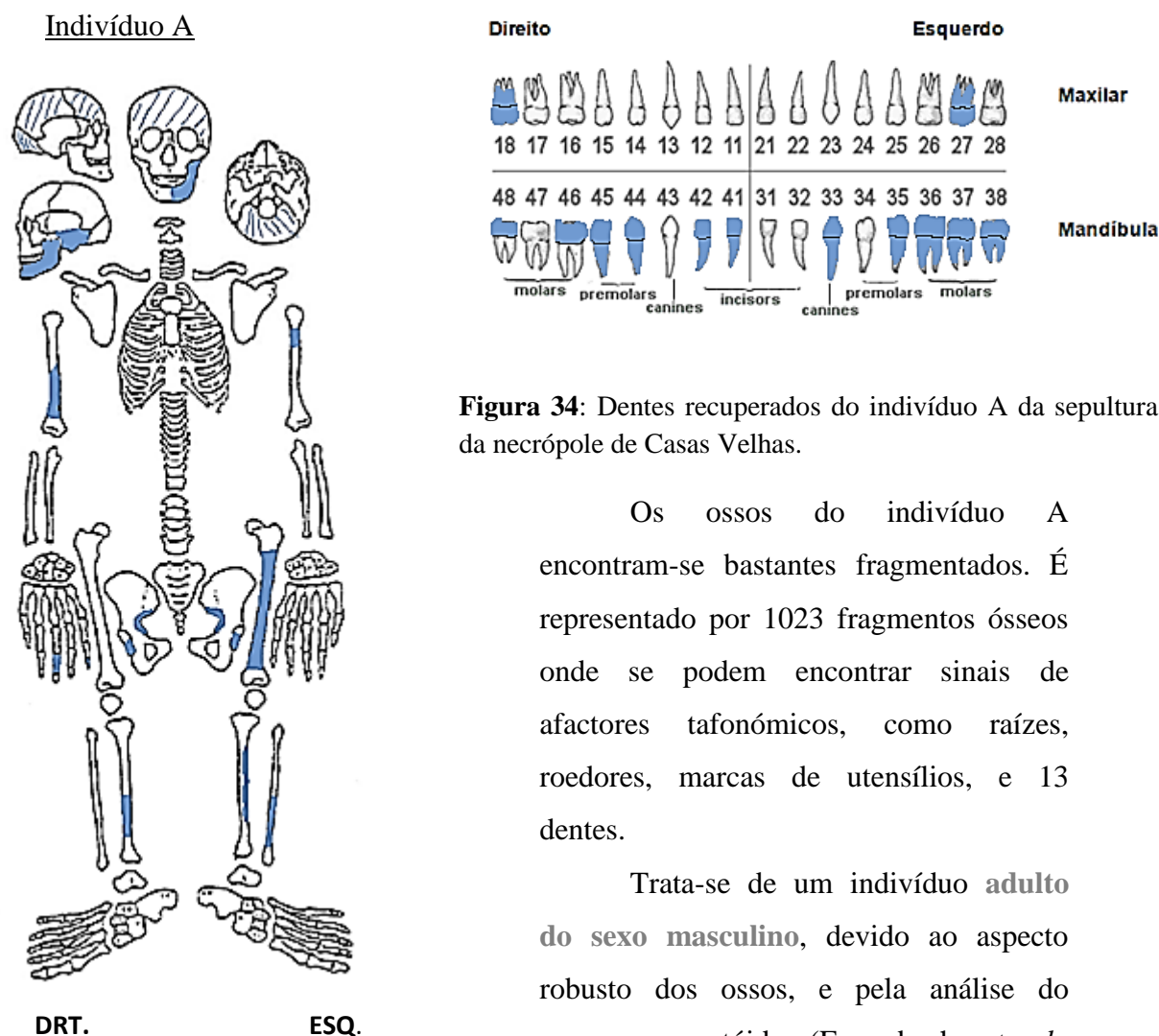


Figura 35: Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas.

Figura 34: Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas.

Os ossos do indivíduo A encontram-se bastantes fragmentados. É representado por 1023 fragmentos ósseos onde se podem encontrar sinais de afactores tafonómicos, como raízes, roedores, marcas de utensílios, e 13 dentes.

Trata-se de um indivíduo **adulto do sexo masculino**, devido ao aspecto robusto dos ossos, e pela análise do processo mastóide (Ferembach *et al.*, 1980).

No que se trata à **idade à morte** este teria uma idade superior a 40 anos, devido ao encerramento total das suturas cranianas (Masset 1982).

Devido à elevada fragmentação e consequente falta dos ossos pretendidos para análise não é possível traçar um perfil biológico mais completo.

Foi unicamente exequível o índice platimérico, dando um resultado de Estenomérico – 123,0.

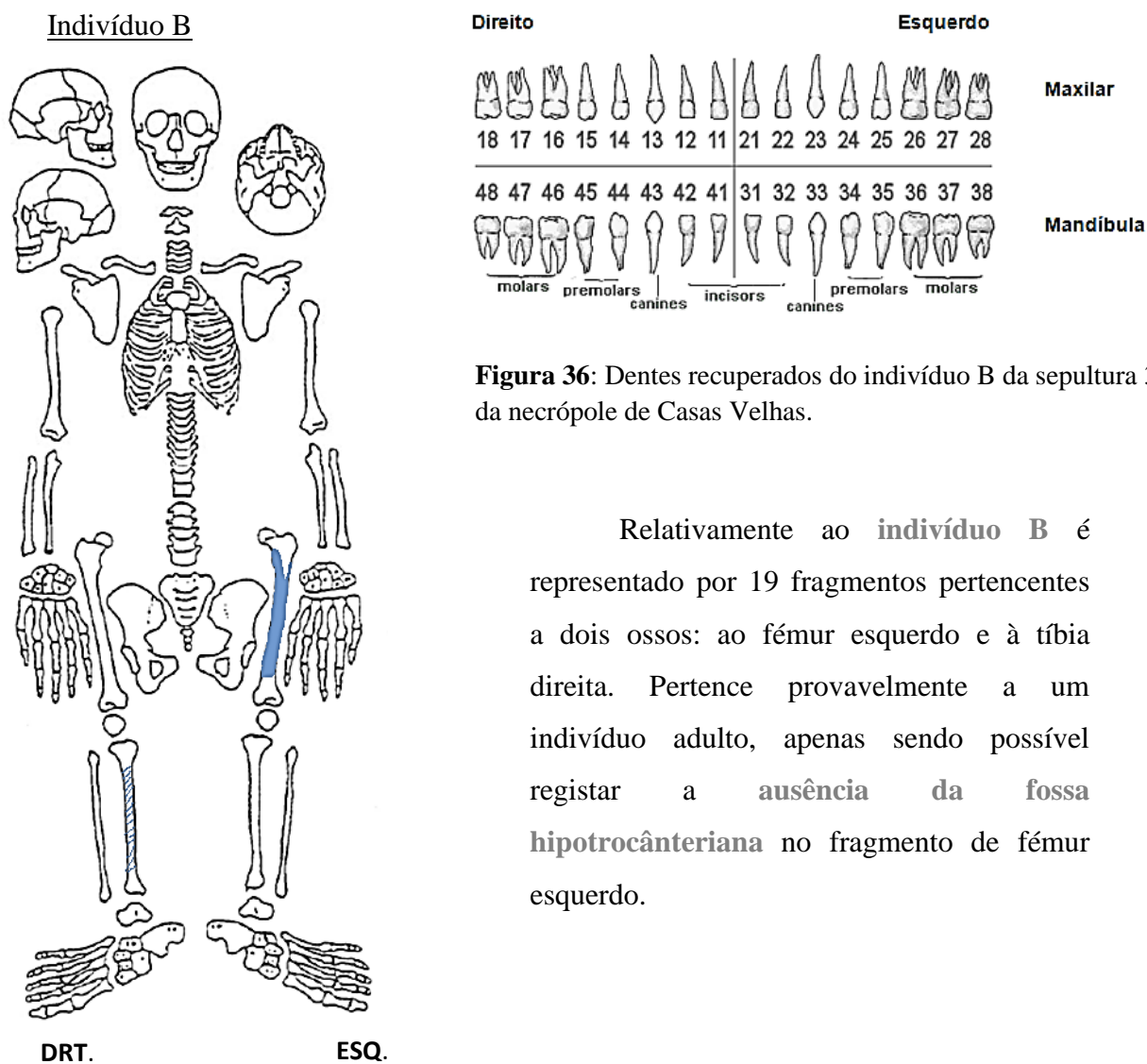


Figura 36: Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas.

Relativamente ao **indivíduo B** é representado por 19 fragmentos pertencentes a dois ossos: ao fémur esquerdo e à tíbia direita. Pertence provavelmente a um indivíduo adulto, apenas sendo possível registar a **ausência da fossa hipotrocânteriana** no fragmento de fémur esquerdo.

Figura 37: Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 35 da necrópole de Casas Velhas.

4.2 As sepulturas em Cista provenientes da Necrópole Monte de Cabida 3

Sepultura 1

Esta sepultura é constituída por lajes de xisto de forma rectangular, colocadas em cotovelo, dentro de uma vala aproximadamente circular. Trata-se de uma sepultura construída por dois esteios de topo de menores dimensões em relação aos esteios laterais, com 120cm de comprimento e 74cm de largura, sendo posteriormente preenchida, na parte exterior por terra e diversas pedras de distintos tamanhos, com o intuito de evitar a deslocações das lajes (Dewulf, 2008).

De acordo com informações do relatório de campo, no seu interior encontravam-se depositados 3 indivíduos: um indivíduo adulto do sexo feminino (**indivíduo A**), com uma idade à morte compreendida entre os 20 e os 25 anos, depositado em posição fetal sobre o lado direito, com a face virada para oeste. Um outro indivíduo, imaturo (**indivíduo B**) sobre os ossos do braço e do tórax do indivíduo feminino, representado somente por pequenos fragmentos de costelas e ossos longos e por último, um indivíduo adulto do sexo masculino (**indivíduo C**). Este último preserva algumas articulações, principalmente dos ossos do joelho do lado direito e da anca, poder-se-ia tratar do primeiro indivíduo a ser ali inumado (Ferreira,2007).

Para além destes restos foi recuperado um 2º molar inferior esquerdo que não pode pertencer a nenhum dos indivíduos exumados desta cista.

A sepultura tem uma orientação noroeste – sudeste. Junto à cabeça do último indivíduo inumado (indivíduo A) encontravam-se dois recipientes intactos em cerâmica. (Dewulf, 2008) Figura 38.



Figura 38: Cista 1 de Monte da Cabida 3. Sepultura com 3 inumações. Identificado a azul o indivíduo C (masculino-possivelmente o primeiro a ser inumado) e a laranja o indivíduo A (feminino) (adaptado de Dewulf, 2008).

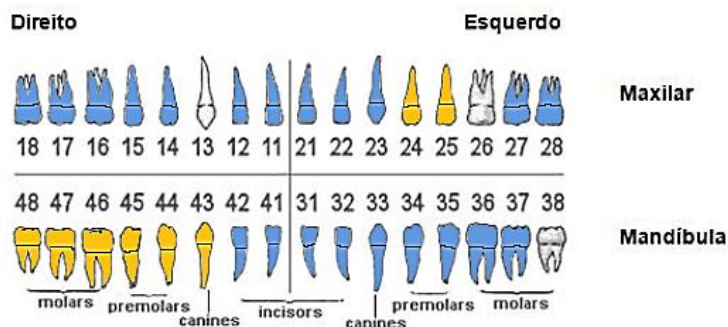


Figura 39: Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Em laboratório verificou-se que este indivíduo está representado por 199 fragmentos ósseos e 29 dentes. Vários ossos foram encontrados ainda em conexão anatômica, como é o caso do fêmur, o osso ilíaco e rótula esquerdos; os ilíacos com o sacro e o cúbito e rádio direitos, (Ferreira, 2007).

Relativamente à **diagnose sexual**, os comprimentos máximos do calcâneo direito (68 mm) e do astrágalo esquerdo (46 mm); assim como a largura *epicondiliana* do úmero direito (55mm) confirmam tratar-se de um indivíduo **sexo feminino**.

Figura 40: Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3.

No que se diz respeito à **idade à morte** a crista ilíaca em fusão, um anel de vértebra torácica (figura 41) ainda não fundido (Scheuer e Black, 2004) e o ápex dos 3º molares não se apresentavam completamente encerrados (Ubelaker, 1989), sugerem uma idade à morte entre os 20 e os 25 anos. A **estatura** deste indivíduo com base do úmero, seria cerca de 1,49 cm (± 7.70 cm). Nos **índices de achatamento**, o fêmur apresenta ausência de achatamento tendo sido classificado de eurimérico (84,6). Em termos **patológicos** verifica-se somente vestígios de artrose, nas vértebras cervicais (figura 42) de Grau 4 (segundo Assis (2007)).

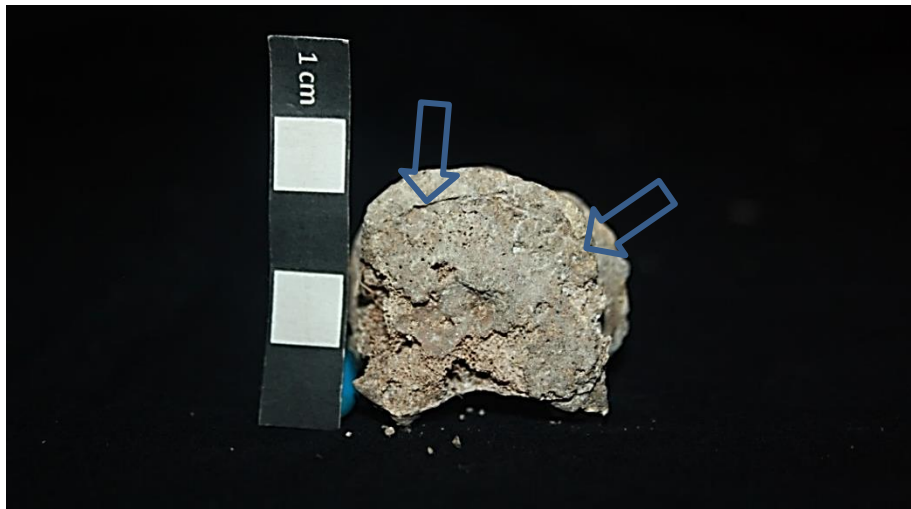
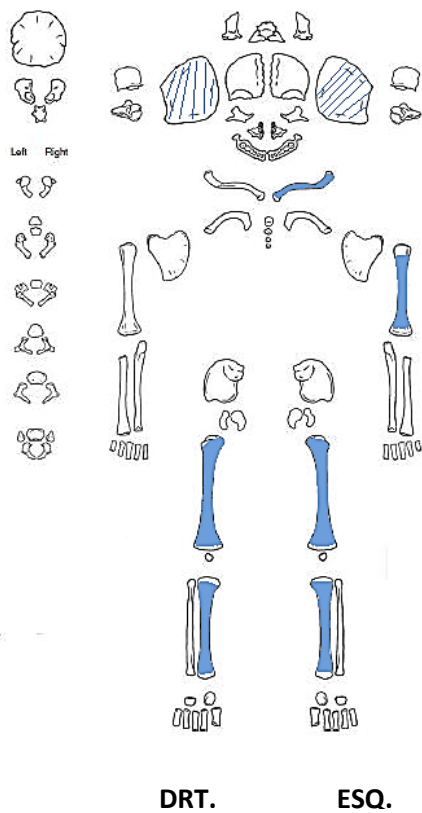


Figura 41: Fragmento do corpo de vértebra torácica em norma superior do indivíduo A sepultado na cista 1 de Monte da Cabida 3. Sinalizado com setas azuis zonas onde o anel vertebral ainda não se encontra totalmente formado/fundido. **Fotografia:** Pedro Gil, 2014.



Figura 42: A) Três vertebrais cervicais adjacentes em norma anterior identificando a azul aos sinais de patologia (grau 4 segundo Assis, 2007) do indivíduo A exumado da cista 1 da necrópole do Monte da Cabida 3 B) Duas vértebras cervicais em norma anterior, identificado a azul pequenas formações ósseas provocadas pelo desgaste da cartilagem e consequente contacto entre osso.

Indivíduo B



Este não adulto é representado por 28 fragmentos.

No âmbito da análise da idade à morte, através das medições (com defeito) dos fragmentos de úmero (26mm), do fémur (41mm) e da tíbia (38 mm) este teria mais de 26 semanas lunares (Fazekas e Kósa, 1978). – Figura 43.

Figura 44: Restos ósseos recuperados do indivíduo B da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3.



Figura 43: **A)** Representatividade óssea do indivíduo B (premature) sepultado na cista 1 de Monte da Cabida 3 em norma anatômica. **B)** Restos ósseos (fragmentos de crânio, costelas e outros não identificados).

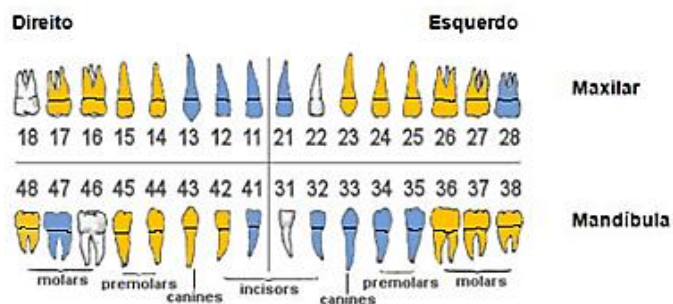
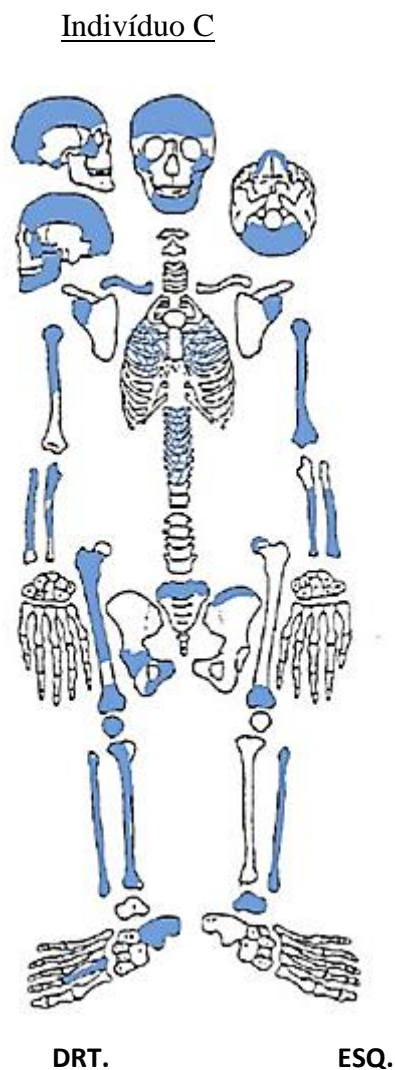


Figura 45: Restos dentários recuperados do indivíduo C da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Este indivíduo é representado por 65 fragmentos ósseos e 28 dentes.

No que diz respeito à **diagnose sexual**, consta-se que se trata de um indivíduo do sexo masculino (comprimento máximo do calcâneo direito, 79 mm e do astrágalo esquerdo, 55 mm e pela análise do processo mastóide que apresenta o Grau 4 (Buikstra & Ubelaker 1994).

No âmbito da **idade à morte** este indivíduo teria uma idade compreendida entre os 24 e 29 anos, uma vez que a epífise da clavícula direita ainda não se encontra completamente fundida (Scheuer e Black (2004).

Figura 46: Restos ósseos recuperados do indivíduo C da sepultura 1 da necrópole de Monte da Cabida 3.

No âmbito da análise morfológica a **estatura** foi estimada com base do úmero esquerdo, segundo Mendonça (2000) e Santos (2002), respectivamente de 1,54 cm (\pm 8,44 cm) e 1.62 cm (\pm 4.75 cm). O fémur direito não apresenta achatamento estenométrico (123,0).

No âmbito da análise **paleopatológica** foi perceptível em vários fragmentos de vértebras a presença de “espinhas laminares”.

Deste modo, a análise laboratorial veio confirmar e completar os dados para estes indivíduos.

Sepultura 8

Esta sepultura (figura 47) foi descoberta durante a 5ª campanha de intervenção arqueológica. Trata-se de uma sepultura semelhante à anterior, de forma rectangular, construída com lajes de xisto colocadas em cutelo e sustentadas com sedimento de terra e pedras (Ferreira, 2007). Possui um comprimento de cerca de 130 cm e 80 cm de largura, com uma orientação no sentido ENE-OSO, segundo o seu eixo de comprimento (Dewulf, 2008).

Durante a construção da mesma, foi cortado uma fossa (fossa 38) anteriormente construída no mesmo sítio, com vestígios de fragmentos osteológicos, nomeadamente fragmento de osso longo e outro de omoplata. Na cista foram identificados vestígios de dois indivíduos (indivíduos A e B).

A presença de pequenas peças ósseas, como falanges da mão (Ferreira, 2007) sugere o depósito primário destes vestígios.



Figura 47: Cista 8 de Monte da Cabida 3. Sepultura dupla. Identificado a azul a sepultura estudada (adaptado de Dewulf, 2008).

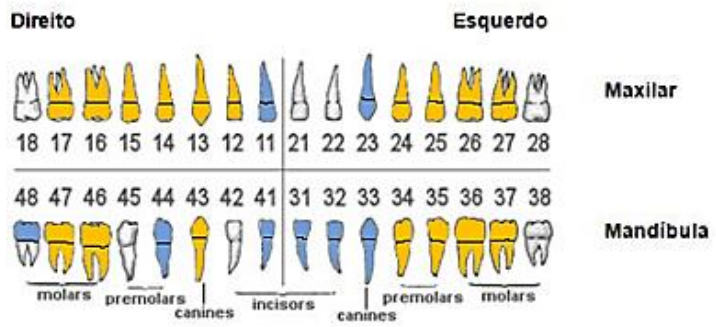
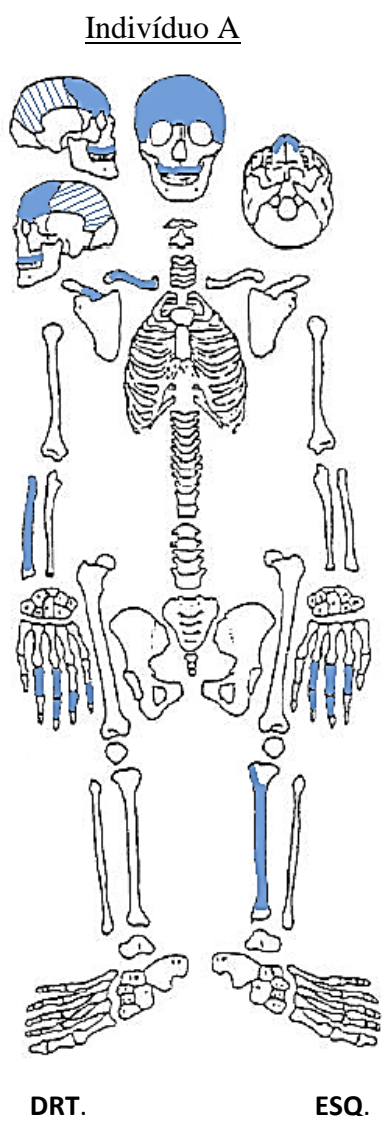


Figura 48: Dentes recuperados do indivíduo A da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3.

A escassez de restos ósseos recuperados deste indivíduo dificultou a análise pretendida em laboratório

Quanto à **diagnose sexual**, pode-se inferir que se tratar de indivíduo do sexo feminino, através da observação da glabella, na inclinação do osso frontal, para além de aparência geral grácil dos ossos.

O ápex encerrado do 3º molar confirma tratar-se de um indivíduo adulto.

Figura 49: Ossos recuperados do indivíduo A da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3.

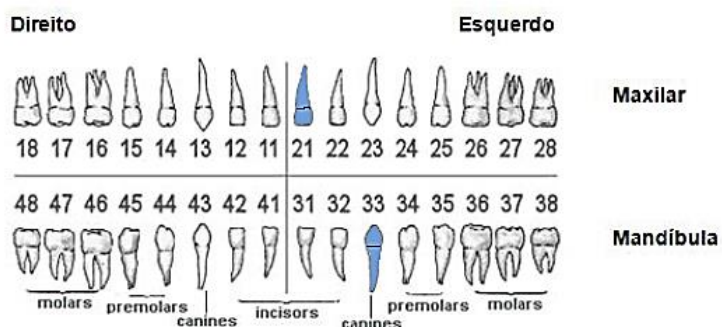
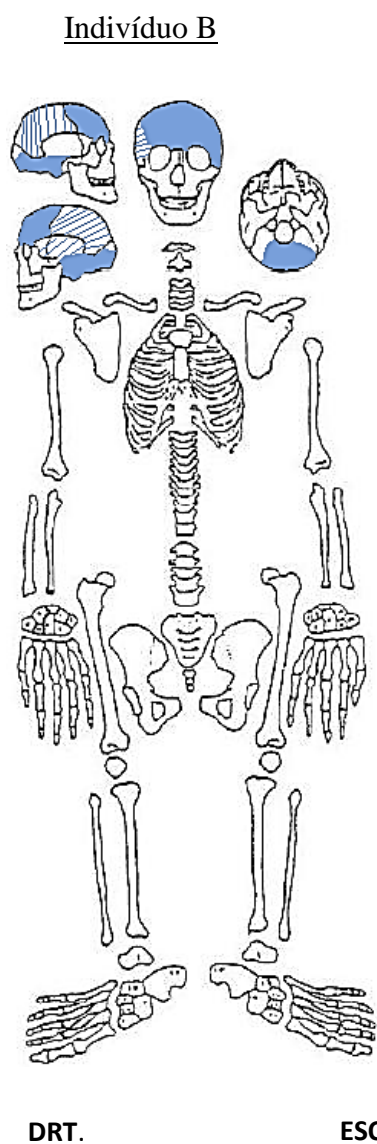


Figura 50: Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Deste indivíduo apenas se preservaram ossos cranianos e dois dentes correspondendo a um indivíduo do sexo masculino pela observação do *inion* e do processo mastóide, classificados respectivamente de graus 4 e 5, segundo Buikstra & Ubelaker (1994).

Figura 51: Restos ósseos recuperados do indivíduo B da sepultura 8 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Sepultura 9

Trata-se igualmente de uma cista (figura 52), de forma rectangular, confeccionada por lajes de xisto, de grandes dimensões, colocadas em forma de cutelo. Os dois esteios de topo, de menores dimensões encontram-se encaixados entre os dois esteios laterais. A laje de cabeceira encontra-se partida não tendo sido encontrada vestígios da tampa. Tinha como orientação NE-SO, segundo o seu eixo de comprimento (Dewulf, 2008).

No seu interior foram encontrados duas inumações, uma das quais constitui, uma redução. A última deposição é de um indivíduo adulto feminino (**indivíduo A**) em posição fetal sobre o lado direito, com a cabeça a sul e pés a norte; um outro igualmente adulto, mas do sexo masculino (**indivíduo B**) foi recuperado encostado aos pés do anterior. Deste modo, o último indivíduo (feminino) foi depositado após os restos do enterramento anterior terem sido “empurrados” para o fundo das extremidades, tal como ocorrera na Sepultura 1 (Ferreira, 2007).



Figura 52: Cista 9 de Monte da Cabida 3. Pode-se verificar a azul o indivíduo B encostado no topo Norte aos pés do segundo (em laranja) ali sepultado posteriormente (adaptado de Dewulf, 2008).

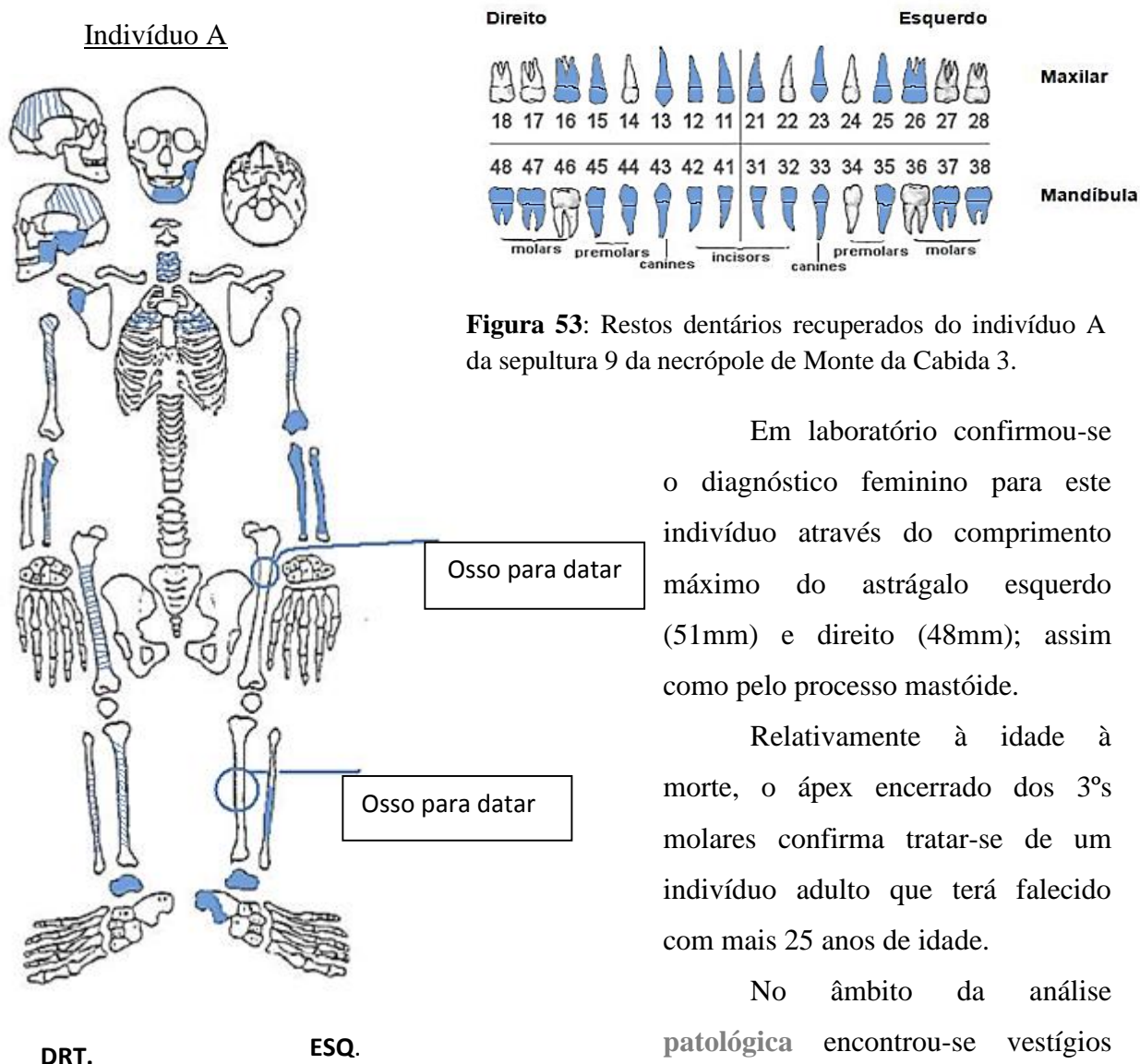


Figura 54: Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Figura 53: Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Em laboratório confirmou-se o diagnóstico feminino para este indivíduo através do comprimento máximo do astrágalo esquerdo (51mm) e direito (48mm); assim como pelo processo mastóide.

Relativamente à idade à morte, o ápex encerrado dos 3^{os} molares confirma tratar-se de um indivíduo adulto que terá falecido com mais 25 anos de idade.

No âmbito da análise **patológica** encontrou-se vestígios **entesopatias** no calcâneo esquerdo, na região do tendão de Aquiles (Grau 3 segundo Mariotti *et. al* 2007) e no processo glenóide sinais de **artrose** tendo Grau 2 (figura 55) assim como e “espinhas laminares” em algumas vértebras.

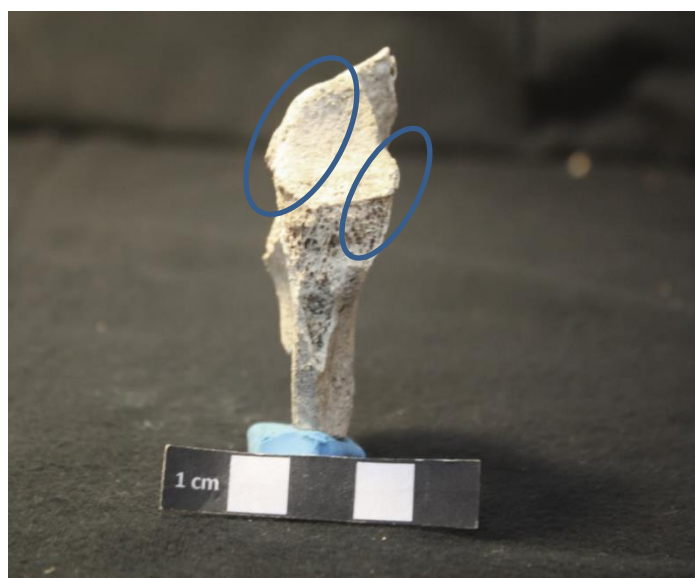


Figura 55: Norma anterior do fragmento de cavidade glenóide de omoplata direita do indivíduo A sepultado na cista 9 de Monte da Cabida 3, verificando-se no processo glenóide umas saliências ósseas, assumindo a forma de uma pequena crista com uma superfície irregular ou rugosa, provocada pelo músculo *ticeps brachii* que segundo Mariotti *et. al.* (2004; 2007) apresenta grau 2.

Indivíduo B



Figura 57: Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.

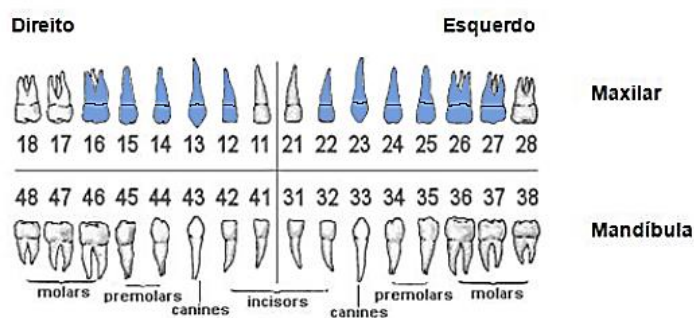


Figura 56: Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 9 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Ao laboratório chegaram 180 fragmentos ósseos e 11 dentes deste indivíduo.

Confirma-se que se trata de um esqueleto **do sexo masculino**, visto que as medições do comprimento máximo do calcâneo - 85mm - do astrágalo - 58mm são superiores ao ponto de cisão, assim como a largura *epicondilar* - 61 mm. Para além destes dados, o aspecto robusto dos ossos reflecte o mesmo.

No âmbito da **idade à morte** os restos ósseos recuperados apenas permitem sugerir um adulto, porque as epífises dos ossos longos observáveis estão fundidas, e pelo desgaste dentário acentuado.

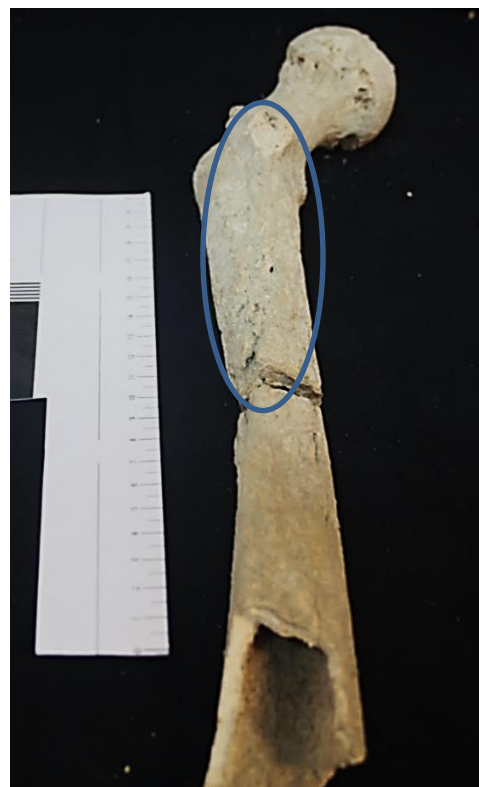
O fémur esquerdo revela achatamento (platimérico - 79,4); assim como, a tibia esquerda (platicnémico - 60,46).

No que diz respeito à **análise paleopatológica** observa-se entesopatia na clavícula esquerda, no Ligamento conóide (Grau1); no úmero esquerdo na região do Músculo *latissimus dorssiit/teres* (Grau 2); no cúbito direito (figura 58) no músculo *supinator* (Grau 2); no fémur esquerdo (figura 59) instigado pelo músculo *gluteus maximus* (Grau 3) e no fémur direito na região do músculo *vastus medialis* (Grau 2) – segundo Marriotti *et al.*, (2004;2007).



Figura 58: Norma anterior de fragmentos da ulna esquerda pertencentes ao indivíduo B da cista 9 de Monte da Cabida 3, onde se observa uma pequena crista rugosa prolongada sinalizada a azul na parte proximal provocada pelo músculo *supinator* – (Grau 2 de acordo com Mariotti *et, al.* (2004; 2007).

Figura 59: Norma posterior do fémur esquerdo correspondente ao indivíduo B sepultado na cista 9 de Monte da Cabida 3. Identificado a azul uma fossa profunda e rugosa com uma formação óssea no seu bordo da forma de crista causado pelo músculo *gluteus maximus*. Grau 3 (Mariotti *et, al.* (2004; 2007).



Sepultura 10

Esta cista foi também recuperada durante a 5ª intervenção arqueológica.

É uma sepultura com cerca de 120 cm de comprimento por 92 cm de largura, constituída por 4 lajes de xisto, de grandes dimensões, colocadas em cutelo, dando uma forma rectangular à sepultura, sendo introduzidas numa vala antecipadamente aberta no substrato geológico, com a intenção de evitar a deslocação das lajes, sendo posteriormente preenchida com terra e pedras de vários tamanhos e formas, tendo uma orientação no sentido NE-SO, segundo o seu eixo de comprimento (Dewulf, 2008).

Foram recuperados um recipiente em cerâmica e uma peça metálica, nomeadamente uma agulha em cobre (Dewulf, 2008). Tal como ocorreu em sepulturas anteriores, foram recuperados dois indivíduos: um indivíduo adolescente (**indivíduo A**) em posição fetal sobre o lado direito com a cabeça a sul e pés a norte e um outro a redução de um indivíduo adulto do sexo masculino (**indivíduo B**), aos pés do anterior, (Ferreira, 2007).

Figura 60: Sepultura 10 de Monte da Cabida 3. A azul pode-se encontrar os vestígios ósseos referentes ao indivíduo B (primeiro a ser inumado), encostado à laje Norte e a laranja os restos ósseos pertencentes ao indivíduo A, onde se verifica uma posição fetal (adaptado de Dewulf, 2008).



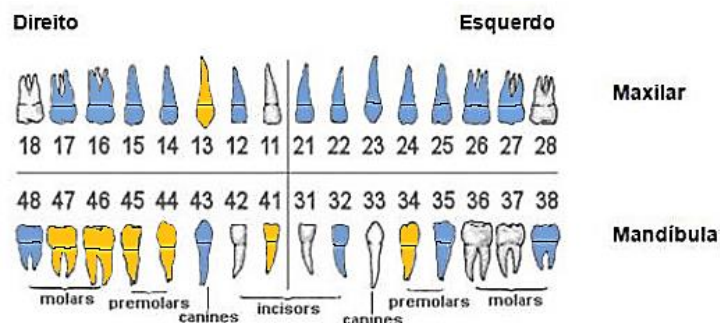
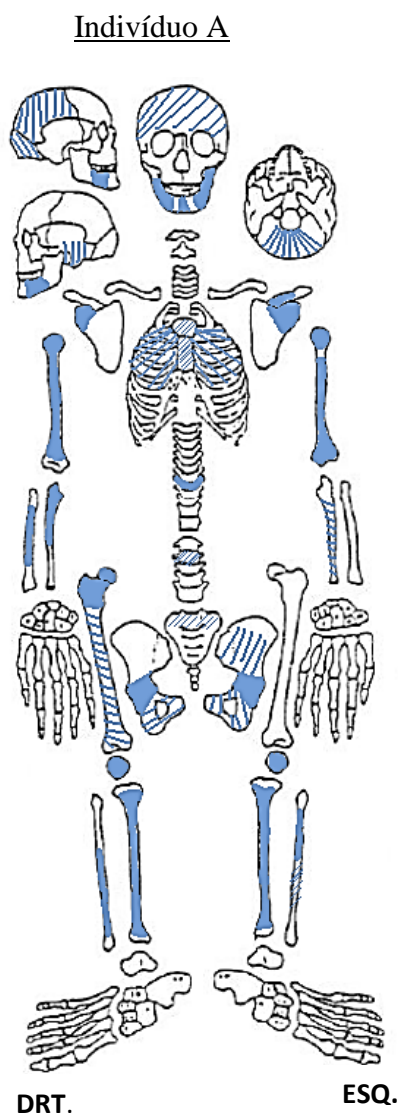


Figura 61: Restos dentários recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3.

63 fragmentos ósseos e 13 dentes pertencentes a este indivíduo chegaram ao laboratório.

Na análise da **diagnose sexual** verifica-se que se trata de um indivíduo do sexo masculino, através da medição do diâmetro vertical da cabeça do fémur direito (45 mm).

No que diz respeito à análise da **idade à morte detectaram-se** restos ósseos ainda com vestígios de maturação óssea como o fémur esquerdo; a tíbia esquerda e vértebra do sacro.

Figura 62: Restos ósseos recuperados do indivíduo A da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3.

A epífise proximal do fémur esquerdo (figura 63), a epífise proximal da tíbia esquerda (figura 64) ainda não fundiram, assim como, uma das vértebras torácicas e a 1ª vértebra do sacro. Estes dados confirmam tratar-se de um indivíduo que terá falecido com uma idade compreendida entre os 15 e 25 anos segundo Scheuer e Black (2004).

Relativamente à **análise morfológica** averiguou-se que a tíbia não apresentava achatamento, tendo uma classificação Euricnémico (71,86), sendo que a epífise não se apresenta fundida.

Apesar da sua idade jovem, esta pessoa apresenta já indícios de **patologias** degenerativas na rótula esquerda na região do tendão quadríceps de Grau 3 (Mariotti et al., 2004;2007).

Figura 63: Fragmento da parte proximal do fêmur esquerdo pertencente ao indivíduo A exumado na sepultura 10 de Monte da Cabida 3 em norma medial, onde a azul assinalado com as setas a laranja, verifica-se que a cabeça do fêmur ainda não se encontra totalmente unida à diáfise, segundo Scheuer e Black (2004) este estado de maturação acontece por volta 15-20 anos.

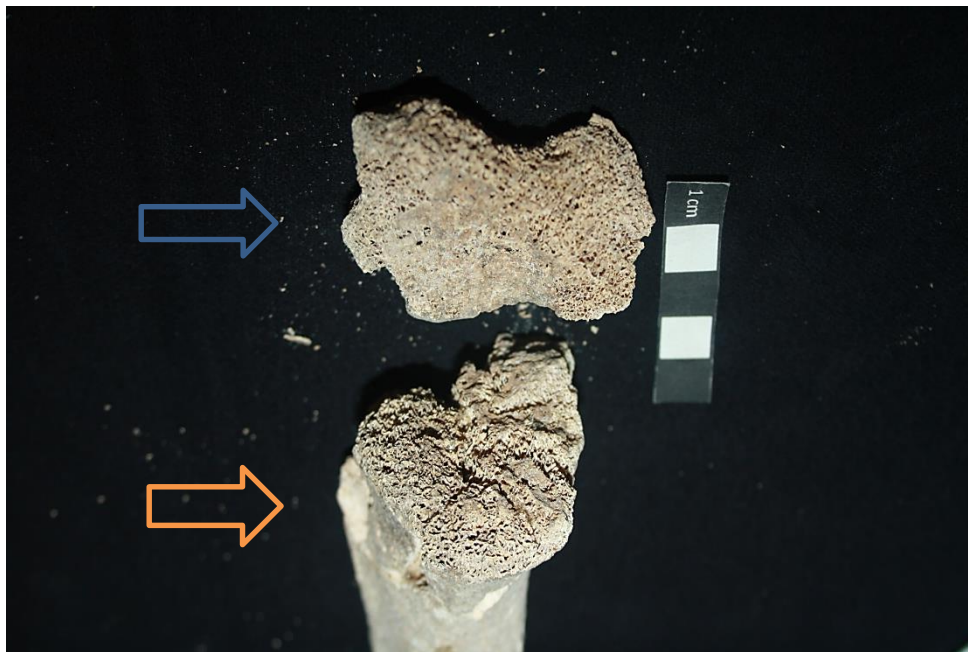


Figura 64: Fragmento da epífise (seta a azul) e da diáfise (seta laranja) da tíbia esquerda em norma lateral, do indivíduo A da sepultura 10 em Monte da Cabida 3. Verifica-se que a epífise se encontra totalmente separada da diáfise. Segundo Scheuer e Black (2004) este estado de maturação acontece por volta 15-18 anos Scheuer e Black (2004).

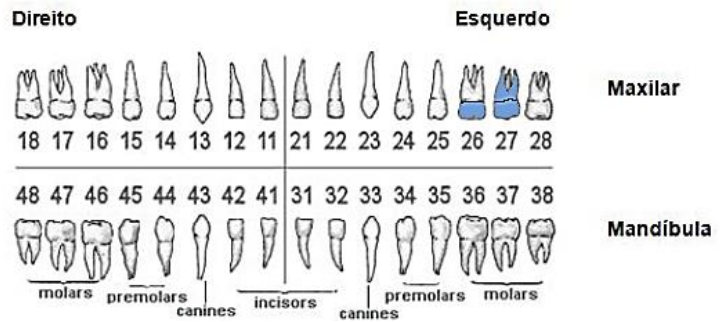
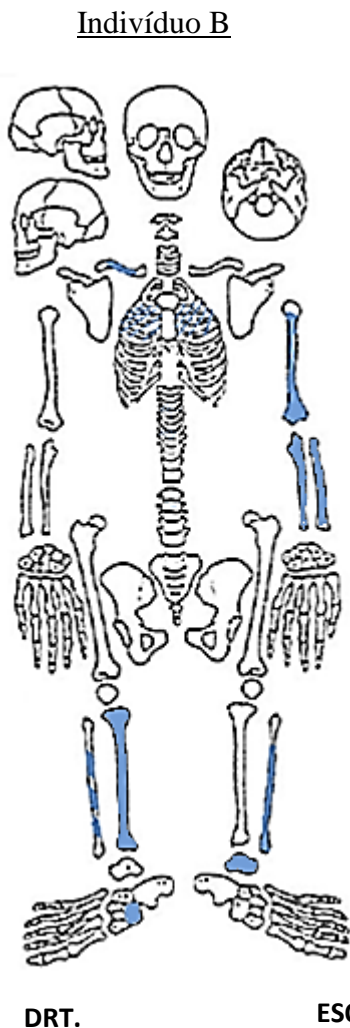


Figura 65: Dentes recuperados do indivíduo B da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3.

Este indivíduo encontra-se representado por ossos longos, vértebras, costelas (15 fragmentos) e dois dentes superiores.

O comprimento máximo do astrágalo direito (53 mm) e pelo aspecto robusto dos ossos pode-se inferir que se trata de um indivíduo do sexo masculino.

Figura 66: Ossos recuperados do indivíduo B da sepultura 10 da necrópole de Monte da Cabida 3.

No âmbito da estimativa da **idade à morte**, apenas é possível afirmar que é um indivíduo adulto porque as epífises dos ossos longos se encontram fundidas.

Relativamente à análise **morfológica** determinou-se a estatura através do método Olivier *et al* (1978) na medição da tíbia esquerda (1,60cm ± 3,85cm) e no cúbito esquerdo (1,61cm ± 4,47 cm). A tíbia esquerda revela ainda ser robusta (22,9) e ausência de achatamento (64,52; mesocnémica)

Não foram detectados quaisquer sinais de lesões ou de patologias.

5 Discussão

O presente capítulo tem como propósito caracterizar os indivíduos exumados das Necrópoles de Casas Velhas e de Monte da Cabida 3 do II milénio a.C.

Não é possível comparar com séries coevas porque escassos são os dados publicados (tabela 34 no apêndice).

O reduzido número de Necrópoles desta época poderá estar relacionado com a existência de outras práticas funerárias, como a da **incineração**. Os corpos podiam ser cremados em sítios distintos da necrópole, sendo depois recolhidos os restos ósseos e colocados em vasos, funcionando como urnas, ou directamente nas cistas, como no caso da necrópole do Bronze Final do “Paranho” em Molelos, Tondela (Cruz, 1997). Nesta necrópole foram estudadas cistas com vasos a servir de urnas e cistas sem conteúdo antropológico. Estes dados permitem levantar a possibilidade de tal ter ocorrido nas 12 cistas de Casas Velhas onde apenas foram encontrados rasquíssimos restos ósseos e artefactuais, levantando essa hipótese.

As **estruturas funerárias** de Casas Velhas e do Monte da Cabida 3 inserem-se no paradigma da arquitectura funerária de cistas da Idade do Bronze, integradas no que Schubart designou por “Bronze do Sudoeste” (Schubart, 1975). Trata-se de sepulturas de formas quadrangulares ladeadas por 4 esteios de calcário na necrópole de Casas Velhas e por xisto na necrópole do Monte da Cabida 3. Ambas teriam sido originalmente cobertas por tampas monolíticas. É curioso que no caso da necrópole Monte da Cabida 3 o xisto utilizado como matéria-prima pela construção das cistas, não se encontra na área, mas cuja origem mais próxima aparenta ser as margens do rio Degebe (influyente do Guadiana, com nascente em Évora) (Dewulf, 2008).

As dimensões das lajes que edificam as sepulturas têm uma média de 123 cm de comprimento e 82 de largura (Monte da Cabida 3) tendo paralelismo na maioria das medições observadas nas cistas do Bronze Sudoeste descritas anteriormente, designadamente do concelho de Sines (como por exemplo a necrópole do Pessegueiro).

Estamos perante dois espaços deposicionais diferentes, enquanto na primeira necrópole nota-se uma organização predominante individual (das 16 sepulturas estudadas apenas duas tem indícios de serem duplas – sepulturas 10 e 35), na segunda, todas as sepulturas em forma de cista escavada, tem uma redução associada à última deposição.

Na necrópole de Casas Velhas, o morto, era depositado em posição fetal e não coberto por terra, e em geral, acompanhado por um recipiente de cerâmica. Porém, algumas sepulturas, claramente não violadas, não ofereceram qualquer espólio (comunicação oral do Drº Carlos Tavares da Silva, 2013). De modo semelhante, em Monte de Cabida 3, o último indivíduo a ser inumado era disposto em *decubitus lateral* sendo com espólio associado, principalmente cerâmico, mas também se encontraram algumas vezes materiais metálicos e líticos. Outro aspecto relevante é de 75% das sepulturas ($3/4 = 75\%$) o primeiro indivíduo a ser inumado e posteriormente reduzido ser do sexo masculino e a última deposição pertencer a um indivíduo do sexo feminino.

Ao contrário das necrópoles regionais contemporâneas como a Herdade do Pessegueiro (Porto Covo) Provença e Quitéria (Sines) e Vinha do Casão (Vilamoura) que possuem recintos tumulares de planta rectangular limitadas por pequenos esteios em torno de sepulturas, formando recintos que confinando entre si e interpenetrando-se formam pequenos monumentos funerários com o aspecto geral de “favos”, as sepulturas das Casas Velhas não integram quaisquer recintos, com a excepção de uma sepultura (Sepultura 1- situada no núcleo sul), podendo este pertencer a uma entidade importante para a comunidade e/ou, talvez pertencente ao “fundador” da necrópole, apresentando rodeada por estrutura subcircular de blocos pétreos, hipótese defendida por um dos autores da escavação, Dr. Carlos Tavares da Silva (comunicação em 2013). Este aspecto não foi observado na necrópole do Monte de Cabida 3.

Por vezes parece, existir um reflexo na organização social, podendo haver estatutos de parentesco entre o “conjunto” de sepulturas que abrangem o tal recinto em forma de “favo”, deduzindo que corresponde a uma mesma família (o que explica o facto de algumas cistas, nomeadamente a cista 1 de Monte de Cabida 3, haver 3 indivíduos exumados; dois adultos e uma criança prematura), com o intuito de não querer separar a “unidade de estrutura familiar” (Gomes *et al.* 1986), assim como o facto de os indivíduos sepultados serem de sexo diferente.

A maioria das cistas de Provença; Vinha do Casão (Gomes *et al.*, 1986) estão orientadas N-S (ou nas variantes próximas NE-SO e NO-SE), como se pode averiguar igualmente nas cistas de Pessegueiro (Silva e Soares, 2009), *El Castañuelo* (Gomes *et al.*, 1986) e de Monte de Cabida 3. Já no que se refere ao tratamento dos corpos, observa-se algumas diferenças nas orientações, mas semelhanças nas deposições. Na necrópole Monte de Cabida 3 o segundo indivíduo era sempre depositado em posição fetal sobre o lado direito com a cabeça a Sul e os pés a Norte, sendo que o primeiro

inumado teria uma posição original idêntica, antes de ser afastado para os pés do segundo (Dewulf, 2008); comprovado também na necrópole de Sobreiro. Ao contrário do que se investigou em Vinha do Casão, em que todas as cabeças dos indivíduos se orientavam no topo Norte das cistas, sendo igualmente depositado em *decubitus* lateral (posição fetal) (Gomes *et al.* 1986). Nas necrópoles de Provença e Pessegueiro os corpos também foram depositados em *decúbito* lateral (Silva e Soares, 2009).

Este padrão podia reflectir uma interiorização de estímulos culturais bem adjacentes à sociedade do SO peninsular.

Um outro ponto semelhante destas necrópoles corresponde às covinhas encontradas nas lajes de cobertura, embora não se tenha observado em Casas Velhas e Monte de Cabida 3. Foram encontradas na laje pertencente à cista 1 de Vinha do Casão (Gomes *et al.*, 1986; 3 covinhas abertas por picotagem na sepultura 23 do núcleo Sul de Provença (Silva e Soares, 2009); assim como 8 numa sepultura da necrópole Sobreiro (Gomes *et al.*, 2002), junta à cabeça do último indivíduo ali sepultado.

Silva e Soares (2009) projectam a ideia que estes seriam “marcadores de diferenciação social”, mostrando que poderia existir uma estratificação social. Outra explicação para tal acontecimento seria que estas manifestações poderiam estar relacionadas com a “função de deixar passar a alma dos indivíduos ali sepultados” (Gomes *et al.*, 1986). A existência de variadas oferendas para além do simples espólio de cerâmica, como punhais, contas de colar, pequenas espirais em ouro (no caso da sepultura nº12 do recinto número 1 de Provença) assim como, o diferente de tratamento do corpo de cadáver, (exemplo da necrópole de Quitéria, o crânio encontrava-se separado do corpo e guardado numa pequena caixa de pedra no exterior da cista adjacente, á semelhança de outras cistas algarvias) pode deduzir-se a existência de estratificação social, (Mattoso,1992), ideologia defendido por Bettencourt (2011) mostrada anteriormente, reforçando ainda mais esta ideia.

O número de enterramentos estudados na presente investigação foi respectivamente de, 18 e 9, das Necrópoles de Casas Velhas e Monte da Cabida 3. Aliado a número não muito elevado de indivíduos o acentuado estado de fragmentação, dificultaram a caracterização biológica e patológica destes indivíduos. A acção dos factores tafonómicos foi particularmente relevante nos restos ósseos destas duas amostras. Entre estes destaca-se a acção dos dentes de roedores e as marcas provocadas pelos materiais de escavação, provavelmente picos e colherins., este último aspecto para

a amostra de Casas Velhas. Estas revelaram-se, posteriormente, prejudiciais ao estudo antropológico, visto que, impossibilitou a utilização de alguns métodos inicialmente previstos, impedindo uma caracterização mais profunda dos indivíduos exumados das duas necrópoles.

O material ósseo procedente da necrópole Monte da Cabida 3 (São Manços), apresentava melhor estado de preservação, que o exumado de Casas Velhas, este último com fortes sinais de acção de agentes tafonómicos, para além da elevada fragmentação.

É de salientar a Necrópole de Monte da Cabida 3 não foi totalmente escavada, uma vez que a intervenção realizada em 2007 foi unicamente para minimização dos impactos no decorrer da execução do futuro bloco de rega do Monte Novo.

Outro dado a ter em conta é o baixo número de indivíduos não adultos exumados destas necrópoles, 5% ($1/18= 5\%$) em Casas Velhas, e 11% em Monte da Cabida 3 ($1/9 = 11\%$), ainda que desta última não tenham sido estudados todos os restos ósseos humanos.

O elevado grau de fragmentação que a amostra apresenta, condicionou, e muito a aplicação dos diferentes métodos, principalmente na diagnose sexual e na análise de idade à morte, não fornecendo assim a análise desejada. Em 75% das sepulturas não foi possível tirar qualquer tipo de conclusões de análise ($12/16 = 75\%$). Exceptuando o indivíduo da sepultura 30, as restantes diagnoses sexuais basearam-se na aparência robusta dos restos ósseos ($n=3$). O único não adulto detectado, na sepultura 10, encontrava-se representado apenas por restos dentários. Relativamente à análise da **idade à morte**, apenas em dois indivíduos foi possível uma estimativa mais precisa, no enterramento da sepultura 30, que terá falecido com uma idade à morte superior a 30 anos e no indivíduo A da cista 35, com uma idade à morte superior a 40 anos. Nas restantes, ou era completamente impossível analisar este parâmetro, ou apenas era possível afirmar que se tratava de um indivíduo adulto porque se observava o ápex fechado dos 3^{os} molares.

No estudo da **análise morfológica** dos indivíduos exumados de Casas Velhas a média obtida do índice de achatamento é de 119,9 ($n = 4$) revelando a ausência de achatamento do fémur na zona subtrocantária; tal como nas tíbias, cuja média obtida é de 66.85 ($n = 3$). O índice de robustez, só foi possível constatar num indivíduo (exumado da cista 30) não apresentando robustez, quer no fémur, quer na tíbia (20 e 21 respectivamente).

Dos 12 caracteres discretos seleccionados para a **região craniana**, nenhum foi observado na presente amostra. De destacar que foi unicamente observada a ausência da sutura metópica no indivíduo correspondente à sepultura 2; dos *foramina* parietais, no indivíduo sepultado na cista 30 (ambos os lados); e *foramina mentalia* duplos no lado esquerdo do enterramento “A” da cista 35 (tabela 11 no apêndice).

No que respeita aos **caracteres pós – cranianos** seleccionados, as observações não são muito diferentes das anteriores. Dos 18 caracteres discretos seleccionados, apenas 15 foram possíveis observar (tabela 12 no apêndice), predominando de novo a ausência dos caracteres pesquisados

No que diz respeito à **dentição**, é importante referir que em 7 sepulturas não foram recuperados qualquer tipo de dente ou fragmentos dentários.

Foram encontrados 114 dentes soltos, embora somente 110 possíveis de identificar, 68 inferiores e 42 superiores. Entre estes, cerca de 60% ($66/110 = 60\%$) não permitiram observação das suas características morfológicas devido a um desgaste severo ou por se encontrarem fragmentados.

Na dentição superior destaca-se a presença de *hypocone*: 50% de presença no 1º molar ($4/8 = 50\%$) e 33% no 2º ($2/6 = 33\%$). Identifica-se ainda a presença de 33% ($2/6 = 33\%$) da crista mesial do canino, assim como da distal acessória, (tabela 13 no apêndice).

Na dentição inferior (tabela 14 no apêndice) os caracteres que mais se destacam são a presença da 4 cúspide no 1º molar ($5/11 = 45\%$) e 3º ($4/11 = 36\%$).

A análise das patologias e lesões também foi seriamente condicionada pelo tipo de amostra. Ainda assim, foram observados casos de patologia oral, degenerativa e traumática.

No âmbito da análise patológica, verifica-se que os indivíduos têm uma média de **desgaste oclusal** de 2,8 ($310/109 = 2,8$), sendo o indivíduo A exumado da cista 35 que aparenta o grau mais elevado da amostra com uma média de desgaste de 4,7 ($61/13 = 4,7$) logo de seguida aos indivíduos exumados das cistas 16 ($28/7 = 4$) e 24 ($12/3 = 4$) com uma média de grau 4.

Dos 110 dentes possíveis de observar o **desgaste dentário** o grau 1 apresenta a frequência mais elevada ($30/110 = 27\%$) seguido pelo grau 4 ($23/110 = 21\%$) 2 e 3 ($20/110 = 18\%$). Verifica-se que 45% dos dentes tem um desgaste suave ($50/110 = 45\%$), sendo que 23 são superiores e 27 inferiores. No entanto, encontram-se igualmente dentes com um desgaste acentuado, 8% ($9/110 = 8\%$) sendo que cerca de 45% ($50/110$

= 45%) dos dentes observados têm um desgaste médio, não sendo encontrado qualquer dente com um desgaste de grau 8 (tabela 15 no apêndice).

Os dentes inferiores (tabela 16 em apêndice) têm uma média de grau ligeiramente mais elevado em comparação com os dentes superiores (tabela 17 no apêndice), os primeiros com uma média de grau de 2,9 ($198/67 = 2,9$) e os segundos de 2,7 ($112/41 = 2,7$). De salientar que na dentição superior os dentes posteriores e anteriores apresentam uma média de grau de desgaste semelhante, 2,8 ($54/19 = 2,8$) e 2,7 ($35/13 = 2,7$) por esta ordem; o mesmo se verifica à dentição inferior, os dentes posteriores e inferiores apresentam a mesma média de grau de desgaste 2,9 (posteriores – $109/37 = 2,9$; anteriores – $43/15 = 2,9$). Em suma, a média de desgaste dentário observado não é baixo.

Relativamente à presença de **tártaro dentário** (ou *Calculus* dentário) observa-se que maioria dos dentes ($89/110 = 81\%$) não revela sinais destes depósitos (tabela 18 no apêndice).

Aproximadamente 11% dos dentes recuperados (considerando do grau 1 ao 4 = $12/110 = 11\%$) apresentam vestígios de tártaro, sendo que o grau representado mínimo (1) ($8/110 = 7\%$) somente em dois dentes, um 1º molar direito e um 1º molar superior esquerdo foi verificado grau mais elevado, graus 4 e 3 respectivamente ($1/110 = 1\%$) (tabela 18 em apêndice).

Consta-se que estes indivíduos apresentam uma média de grau 1 de presença desta patologia dentária – tabelas 19 e 20 no apêndice.

Nesta amostra, identificaram-se igualmente alguns vestígios de **artrose**, **entesopatias**, **trauma** e a **perda de dentes ante-mortem**. A primeira apenas foi detectada num indivíduo, o exumado na cista 30, mas a maioria das regiões articulares não foram possíveis de serem observadas.

Lesões entesopáticas foram observadas em dois indivíduos, nos indivíduos das sepulturas 24 e 30. No indivíduo sepultado na cista 24 identificou-se entesopatia na rótula direita, provocada pelo tendão quadrilátero, de grau 3 (Mariotti et, *al.* 2004; 2007) e no segundo, alterações de grau 2 na região do tendão de Aquiles (figura 28).

Estas lesões na zona do calcâneo reportam para a influência que a região do calcanhar tem perante a mecânica do pé (Silva, 2002) notando-se pequenos microtraumatismos, da consequência de numa locomoção frequente em longos percursos (Ramos, 1990 *in* Silva, 2002). Sendo que as lesões identificadas nas rótulas,

terem igualmente sido provocadas pelo mesmo factor mecânico de longas e frequentes caminhadas.

A par das patologias degenerativas e oral, os **danos traumáticos** são dos contextos patológicos mais comuns em restos ósseos humanos, devido principalmente à enorme capacidade de regeneração do tecido ósseo (Ortner, 2003), ao contrário do que se verifica nesta amostra estudada, onde apenas foi identificado um caso: sinais de um trauma foram observados no crânio do indivíduo do sexo feminino exumado na sepultura 30. Trata-se de uma lesão com perfuração completa e exibindo alguns sinais de remodelação óssea. Este indivíduo representa também o único onde foi observado perda *ante-mortem* de dentes (figura 27).

A amostra de Monte de Cabida (tabela 21 em apêndice) ainda que seja constituída por um número menor de indivíduos – 9 – os restos ósseos recuperados encontram-se melhor preservados permitindo auferir mais dados sobre os respectivos indivíduos.

Apesar de algumas dificuldades foi possível verificar que esta amostra é composta por 9 indivíduos, 5 masculinos, 3 femininos e 1 de sexo indeterminado.

Na estimativa da **idade à morte**, a maioria da amostra, 89%, é formada por adultos (8/9 = 89%), existindo somente 1 não adulto. Dos 8 adultos 3 teriam uma idade à morte superior a 25/30 anos de idade (devido ao encerramento do ápex dos 3º molares); 4 com idades compreendidas entre 15 e 30 anos (em virtude do estado de fusão das diáfises com as respectivas epífises, nomeadamente da 1ª vertebra do sacro), sendo que em um indivíduo não foi viável determinar este parâmetro.

Relativamente ao indivíduo não adulto é de realçar que a estimativa da idade à morte revelou uma idade um pouco superior a 26 semanas lunares.

Na **análise morfológica**, recorreu-se aos dados obtidos durante o trabalho de campo para estimar a estatura. Deste modo, os dos indivíduos A das sepulturas 9 e 10, teria respectivamente uma estatura de 1,82 m (\pm 3,53 cm), com base no cúbito, segundo Olivier *et. al.*, (1979) e o último 1,68 m (\pm 3,35 cm) com base da tíbia.

Relativamente aos índices de achatamento, as poucas observações realizadas revelam ausência de achatamento do fémur, 106.86 (N = 3) e da tíbia (tabela 23 em apêndice).

No estudo **caracteres discretos** foram analisados somente os indivíduos adultos (N=8).

Dos 12 caracteres discretos seleccionados para a região craniana, não foi encontrada a sua presença. A maior parte dos caracteres não foram possíveis a sua observação (tabela 24 no apêndice).

Relativamente aos **caracteres pós-cranianos** (tabela 25 em apêndice) o que se mais destacou a sua procura foram facetas medial e lateral de achatamento da tíbia, salientando que a lateral se verifica em 14% dos ossos analisados ($1/7 = 14\%$) e da presença da fossa hipotrocanteriana ($1/5 = 20\%$).

Em torno do estudo de **caracteres discretos dentários**, foram observados 76 dentes superiores e 66 dentes inferiores, no total de 144 (tabelas 26 e 27 no apêndice). Na dentição superior os caracteres presentes identificados com frequência maior na amostra foram relacionados com a presença *hypocone*: no 1º molar 50% ($6/12 = 50\%$); no 2º molar 30% ($3/10 = 30\%$) e no 3º molar 25% ($1/4 = 25\%$). Apura-se ainda a presença de 11% ($1/9 = 11\%$) do *tuberculum dentale* dos incisivos laterais e 8% da cúspide de *carabelli* no 1º molar ($1/12 = 8\%$) (tabela 28 em apêndice). Na dentição inferior é de evidenciar principalmente as presenças de 4 cúspide nos 1º molares ($5/6 = 83\%$) (tabela 29 em apêndice).

No âmbito da análise patológica, verifica-se que os indivíduos têm uma média de **desgaste oclusal** de 2,6 ($368/143 = 2,6$), sendo o indivíduo A da cista 9 e o indivíduo B pertencente à cista 10 são os que apresentam maior média de desgaste, respectivamente 3,9 e 3. Curiosamente, os dentes superiores (tabela 30 no apêndice) e os dentes inferiores (tabela 31 no apêndice) apresentam uma média de desgaste com um grau semelhante, 2,2 ($170/76 = 2,2$) relativamente à dentição superior e 2 ($135/66 = 2$) na dentição inferior. De salientar ainda, que na dentição superior os dentes posteriores apresentam uma média ligeiramente superior aos dentes anteriores, 2,7 ($67/25 = 2,7$) e 2 ($60/29 = 2$) na devida ordem; o mesmo se verifica no que diz respeito à dentição inferior, os dentes posteriores apresentam uma média de desgaste de 2,3 ($67/25 = 2,3$) e os anteriores, uma média de 2,1 ($53/25 = 2,1$). Curiosamente não foram identificadas lesões cariogénicas.

Em relação aos depósitos de **tártaro** os dados observados não são tão significativos como os anteriores. 17 % ($24/144 = 17\%$) dos dentes apresentam estes depósitos, com uma média de grau 2 ($285/143 = 2$). Os indivíduos que apresentaram a média mais elevada nesta amostra foram: o indivíduo B da cista 1 e o indivíduo A da

cista 9, com 2,9 ($81/28 = 2,9$) e 2,5 ($54/22 = 2,5$) respectivamente. Ao constatar-se as diferenças da dentição superior vs inferior, verifica-se que ambas apresentam uma média de 2,2 ($119/54 = 2,2$) de acumulação de tártaro (tabelas 32 e 33 em apêndice). Na dentição superior os dentes posteriores apresentam uma média inferior aos dentes anteriores, 1,9 ($48/25 = 1,9$) e 2,4 ($71/29 = 2,4$) nesta ordem; já na dentição inferior não se verifica grande discrepância, a dentição posterior expõe uma média de 2,8 ($65/23 = 2,8$) e na anterior 2,6 ($65/25 = 2,6$).

Na análise da **patologia degenerativa articular** (artrose) as alterações observadas resumem-se quase exclusivamente ao nível vertebral. Identificaram-se alguns vestígios, nos indivíduos adultos sepultados na cista 1, verificando-se pequenas formações ósseas em vértebras cervicais e alguma porosidade de grau 4 segundo Assis, (2007) e em pequenos fragmentos de costelas e num corpo de vértebra no indivíduo B.

No que diz respeito à **patologia degenerativa** foram observados mais alterações nas zonas de inserção muscular comparativamente às zonas articulares. As regiões mais afectadas nas zonas articulares foram unicamente a nível vertebral, identificou-se alguns vestígios nos indivíduos adultos sepultados na cista 1, verificando-se pequenas formações ósseas em vértebras cervicais e alguma porosidade de grau 4 segundo Assis, (2007) e em pequenos fragmentos de costelas e num corpo de vertebra no indivíduo B.

Apenas se observou entesopatias no indivíduo da cista 9, na região do tendão de Aquiles, como foi referenciado em casos anteriores, de indivíduos (Casas Velhas) com os mesmos sinais patológicos, estas lesões no calcâneo reportam para a influência que a zona do calcanhar tem perante a mecânica do pé (Silva, 2002) notando-se pequenos microtraumatismos, da consequência de numa locomoção frequente em longos percursos (Ramos, 1990 *in* Silva, 2002), sendo que as lesões identificadas nas rótulas, como no indivíduo A da cista 10, podem ter sido provocadas pelo mesmo factor mecânico de longas e frequentes caminhadas. Visto que a arquitectura das sepulturas é em base se xisto e a fonte xistosa mais perto era do rio Degebe, acerca 40 km de distância, onde estes levariam uma média de 10h de caminho para la chegar (Fonte: Google Maps), pode ter sido, ou não, um dos factores que estes contraíram estes sinais patológico.

De ressaltar o indivíduo B da cista 9 que apresenta várias entesopatias, nomeadamente na clavícula (na zona do ligamento conóide), úmero (músculo *latissimus dorsii/teres*), fémur (músculo *gluteus maximus*) e calcâneo (tendão de Aquiles), sendo as lesões mais severas no lado esquerdo.

As Necrópoles

Estamos perante duas necrópoles que pertencem a dois períodos na Idade do Bronze do SO peninsular distintos. Um primeiro no decorrer de 2200-1700 a.C., relativo ao Bronze Inicial (Serrano, 2001) ou Antigo (Jorge 1996), referente a Monte da Cabida 3; um outro no decorrer de 1680-1410 a.C. pertencente ao Bronze Final (Serrano, 2001; Jorge 1996), alusivo á necrópole de Casas Velhas.

Nas duas necrópoles aqui estudadas, nos indivíduos adultos há uma preferência de enterramentos do sexo masculino 63% em Monte da Cabida 3 ($5/8 = 63\%$) e 75 % em Casas Velhas ($3/4 = 75\%$) todavia não encontrando nenhum indivíduo considerado idoso.

Se comparamos os casos particulares de cada necrópole verifica-se principalmente que as pessoas de estavam sepultadas em Monte da Cabida 3 tem uma frequência maior de dentes com desgaste suave 60% ($86/144 = 60\%$) contra 45% ($50/110 = 45\%$) de Casas Velhas, sendo que, os indivíduos de Casas Velhas apresentam uma média superior relativamente aos exumados na outra necrópole, 2.8 vs 2.1. Como as estimativas das idades à morte foram muito escassas, não é possível correlacionar este parâmetro com o desgaste dentário.

O desgaste pode estar relacionado a elementos abrasivos presentes durante a preparação da comida, ou na reutilização dos dentes em tarefas que não a realização da comida (Campillo, 2001 *in* Peralta e Santos, 2007) os incisivos serviriam para trabalhos mais minuciosos e os molares para trabalhos que requeriam mais força. Pode-se deduzir que os indivíduos de Monte da Cabida 3 usavam com mais frequência componentes e/ou práticas que afectavam directamente os dentes.

A presença de tártaro foi superior nos dentes recuperados da necrópole de Monte da Cabida 3 relativamente aos exumados nas sepultadas de Casas Velhas, 93% ($134/144 = 93\%$) e 11% ($12/110 = 11\%$) dos dentes respectivamente.

A prevalência de tártaro está associada a uma fraca higiene oral (Cunha, 1994) e a um aumento de proteínas e/ou de hidratos de carbono (Roberts e Manchester, 2005) na alimentação. Pode-se então depreender que as pessoas de Melides têm uma melhor higiene oral que as provenientes de Monte da Cabida 3, sendo que estas teriam uma alimentação reforçada em alimentos compostos de proteínas e/ou hidratos de carbono.

O tamanho reduzido das amostras aqui analisadas não permitem a generalização dos dados obtidos para além de serem escassos os dados de amostras coevas publicados.

Trata-se efectivamente de uma lacuna que impede a caracterização das populações humanas que habitaram o actual território do Sudoeste português no decorrer do II milénio a.C.

6 Considerações finais

Na Pré-história, são as manifestações artísticas, arquitectónicas e artefactuais que desempenham um papel essencial para o estudo e interpretação das sociedades, visto que não existem documentos escritos que nos possam descrever como pensavam e viviam essas sociedades. Neste caso concreto, são as sepulturas e os seus conteúdos, os documentos cruciais, que nós investigadores dispomos para a desejada compreensão.

O presente estudo teve como objectivo desvendar um pouco das sociedades humanas na pré-história recente, nomeadamente no período do Bronze do Sudoeste Peninsular, no decorrer do II milénio a.C. através da análise dos restos esqueléticos, provenientes das necrópoles de Casas Velhas (Melides – concelho de Grândola) e Monte da Cabida 3 (São Manços- Concelho de Évora).

A análise dos restos ósseos humanos muito fragmentados pertencentes às duas amostras de sepulturas em cista permitiram, apesar de muitas limitações, estabelecer algumas inferências acerca da biologia dos indivíduos ali inumados, num total de 27 indivíduos.

Vários foram os aspectos comuns às duas necrópoles: fraca representatividade de não adultos, um predomínio de adultos do sexo masculino e não se terem detectados indivíduos idosos.

Escassas foram as evidências de patologias e lesões detectadas. Estas resumem-se a vestígios de lesões degenerativas, um trauma craniano.

Trata-se de necrópoles tradicionais do Bronze Sudoeste Peninsular, embora a de Monte da Cabida 3 pertence à cultura do “Bronze do SO I” (Inicial) e Casas Velhas à cultura do “Bronze do SO II” (médio/final) composto por cistas de natureza calcária e xistosa, de planta rectangular, com uma orientação predominante de N-S (ou nas variantes próximas NE-SO e NO-SE). Estas sepulturas seriam de um modo geral, sepulturas individuais, sugerindo um processo de hierarquização ou uma complexidade social. No entanto, no caso da necrópole do concelho de Évora, as estruturas

encontradas foram posteriormente reutilizado para uma segunda (em alguns casos terceira) deposição, que ocorreu após ter decorrido a decomposição do primeiro enterramento.

O espólio osteológico humano recuperado destas necrópoles constitui uma importante fonte de informação sobre as comunidades que ocuparam o Sudoeste peninsular. Ainda que a informação extraída seja bastante limitada, face à fraca preservação do material ósseo, esta investigação constitui um contributo para o conhecimento mais aprofundo das populações humanas que viveram e morreram no Sudoeste peninsular, das suas práticas funerárias, das suas características biológicas, patologias e lesões de que padeceram, entre outros.

É importante a continuação deste tipo de estudos antropológicos com a parceria de outras ciências, como a arqueológica, visando um melhor conhecimento das populações deste período cronológico da Pré-história com o intuito de uma melhor compreensão dos nossos antepassados. Infelizmente, dado o estado de preservação das amostras ósseas e a escassez de estudos antropológicos de colecções coevas, não foi possível discutir a fundo os dados obtidos no presente estudo. Contudo, espera-se que a presente investigação constitua uma janela para o estudo das sepulturas de cistas pertencentes à Idade o Bronze do Sudoeste Peninsular.

7 Bibliografia

A

® Almeida, Á; Belo, D. 2008. *Portugal Património: Guia – Inventário, Beja-Faro*. Volume IX. Círculo de Leitores.

® Assis, S. 2007. *A memória dos rios no quotidiano dos homens. Contributo de uma série osteológica proveniente de Constança para o conhecimento dos padrões ocupacionais*. Departamento de Antropologia. F.C.T.U.C. Coimbra.

B

® Bettencourt, A. M. S. 2009. Práticas funerárias da Idade do Bronze de Trás-Dos-Montes e da Galiza Oriental. *Revista Aquae Flaviae*. Nº 41. Chaves. Departamento de história da Universidade do Minho.

® Bettencourt, A. M. S. 2011. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In Bueno, Primitiva; Gilman, António; Morales Concha Martín; Sánchez-Polnecia, F. Javier (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje: Estrudios sobre Prehistória reciente, Protohistória y Transición al Mundo Romano em Momenaje a M^a Dolores Fernández Posse*, Vol. XXVIII. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas pp: 115-139.

® Brooks, S.; Suchey, J. M. 1990. Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5(3).pp: 227-238.

® Brothwell, D. 1965. *Digging up bones: the excavation, treatment and study of human skeletal remains*. London, British Museum (Natural History).

® Bruzek, J. 2002. A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117.pp: 157-168.

® Buikstra, J.; Ubelaker, D. 1994. *Standards for data collection from human skeletal remains. Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History*. Fayetteville, Arkansas, Archaeological Survey Research Series No 44.

C

® Capasso, L.; Kennedy, K.; Wilczak, C. 1999. *Atlas of occupational markers on human remains*. Teramo: Edigrafital S.p.A.

® Cardoso, J.; Caninas, J.; Henriques, F.. 1998. *Duas Cabanas Circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)*. A Pré-História na Beira Interior. Associação de Estudos do Alto Tejo.

® Crubézy, E. 1988. *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets: exemple d'une population médiéval*. Thèse de Doctorat. Montpellier, Université de Montpellier.

® Crubézy, E. 2000. *L'archéologie funéraire*. Paris: Ed. Errance.

® Cunha, E. 1994. *Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas. Os casos de Fão e S. João de Almedina*. Tese de Doutoramento. Coimbra. FCTUC.

® Cunha, E.; Umbelino, C. 1995. *What can bones tell about labour and occupation: the analysis of the skeletal markers of occupational stress in the Identified Skeletal Collection of the Anthropological Museum of the University of Coimbra (preliminary results)*". *Antropologia Portuguesa* 13: 49-68.

® Cunha, E. (1996) – “*Viajar no Tempo Através dos Ossos: a investigação paleobiológica*”. *Al-Madan*. IIª Série. 5: 131-141.

D

Dewulf, J.. 2007. *Minimização de impactos decorrentes da execução do bloco de rega do Monte Novo. Intervenção arqueológica no sítio de Monte da Cabida 3*. Relatório de Arqueologia. Vol.1. Ocrimira – investigação Arqueológica e Património, Lda

F

- ® Fazekas, G.; Kósa, F. (1978). *Forensic Fetal Osteology*. Budapest, Akadémiai Kiadó.
- ® Ferreira, M.T.. 2007. *Monte da Cabida 3, São Manços. Estudo de análise antropológica*. Relatório de Antropologia. Stxy, Estudo de Antropologia, Lda. Coimbra.
- ® Ferreira, M.T. 2012. *Para lá da morte: estudo tafonómico da decomposição cadavérica e da degradação óssea e implicações na estimativa do intervalo pós-morte*. Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra.
- ® Ferembach, D.; Schwidetzky, I.; Stloukal, M. 1980. *Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons*. *Journal of Human Evolution*, 9: pp:517-549.
- ® Finnegan, M. 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy* 9: 517-589.
- ® Furtado, M.; Ferreira, T.. 2009. *Vale de Mouro, Coriscada, Meda: Estudo de análise antropológica*. Côavisão, N-11. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

G

- ® Garcia, J..1994. *Aspectos funerários del Poblado de Bajil (Moratalia, Murcia) (Niveles de la Edad del Bronce)*. Departamento de Prehistoria, Arqueología, Historia Antiga e Historia Medieval. Murcia, 9-10. Universidadd de Murcia.pp: 55-76.
- ® Gonçalves, A. 2011. *Estudo paleobiológico de uma amostra osteológica inumada em Santa Maria dos Olivais, Tomar*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- ® Gutiérrez, A. 2007. Idade do Bronze. In: Solar, David; Villalba, Javier (eds.). *História da Humanidade: A Pré-história*. Circulo de Leitores.
- ® Gomes, M.; Paulo, L.; Ferreira, S.; Ramos J.. 2002. Sepultura da Idade do Bronze do Sobreiro (Mato Serrão, Lagoa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 2.pp: 191-218.

® Gomes, Varela Mario. 1986. *A Necrópole da Vinha do Casão: (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Ministério de Educação e Cultura, Secretaria do Estado da Cultura, Instituto Português do Património Cultural (eds). *Trabalhos de Arqueologia* Volume 02.

H

® Hauser, G.; De Stefano, G.F. 1989. *Epigenetic variations of the human skull*. Stuttgart, E. Schweizerbart'sche Verlagsbuchhandlung.

® Henderson, J. 1987. Factors determining the state of preservation of human remains. In: A. Boddington; A.N. Garland; R.C. Janaway (eds.) *Death, decay and reconstruction: approaches to archaeology and forensic science*. Manchester, Manchester University Press: 43-54

J

® Jesus, C. 2012. *Museu Nacional Machado de Castro: resquícios duma Coimbra Medieval: estudo paleobiológico de uma amostra exumada da antiga igreja românica de S. João de Almedina*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

® Jorge, S. O: 1983. Aspectos da Evolução Pré-Histórica do Norte de Portugal durante O IIIº e o II Milénio a.C. *Portvgalia*. Universidade do Porto. pp: 98-109.

® Jorge, S.O. 1990. Idade do Bronze: Apontamentos sobre a Natureza dos dados Arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras*. Instituto de Arqueologia, F.L.U.P. Porto. Pp: 385-391.

® Jorge, S. O. 1996. Diversidade regional da Idade do Bronze da Península Ibérica: Visibilidade e opacional do “registo arqueológico”. *Portvgalia*. Nova série.. Vols XVII-XVIII. Porto. pp: 77-96.

® Jorge, S. O.. 1997. Idade do Bronze: Apontamentos sobre a natureza dos dados arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras*. Instituto de Arqueologia, F.L.U.P. Porto. pp 386-391.

K

® Katzenberg, M.A.; Saunders, S.R. 2008. *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New Jersey, John Wiley & Sons.

® Klepinger, L. 2006. *Fundamentals of forensic anthropology*. Foundations of Human Biology. Wiley Survey.

L

® Lovejoy, C. O.; Meindl, R. S.; Mensforth, R. P.; Barton, T. J. 1985. *Multifactorial Determination of Skeletal Age at Death - A Method and Blind Tests of Its Accuracy*. *American Journal of Physical Anthropology*, 68(1) pp: 1- 14.

® Lucas, M. 2006. *A necrópole de Cerro da Vila, em Vilamoura: análise antropológica dos indivíduos exumados*. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

M

® Mattoso, J. 1992. *O passado proto-histórico e romano*. História de Portugal. Circulo de leitores. pp.79-121.

® Mariotti, V.; Facchini, F.; Belcastro, M.G. 2004. *Enthesopathies – proposal of a standardized scoring method and applications*. *Collegium Anthropologicum* 28(1):145–150.

® Mariotti, V.; Facchini, F.; Belcastro, M.G. 2007. *The study of entheses: proposal of a standardized scoring method for twenty-three entheses of the postcranial skeleton*. *Collegium Anthropologicum* 1 (1): 291– 313.

® Masset, C.1982. *Estimation de L'âge au décès par es sutures crâniennes*, Thèse de Doctorat. Paris, Université Paris VII.

® Mays, S. 1998. *The archaeology of human bones*. London, Routledge.

® Mendonça, M. C. 2000. *Estimation of Height from the Length of Long Bones in a Portuguese Adult Population*. American Journal of Physical Anthropology 112: 39-48.

® Micozzi, M. S. 1991. *Postmortem changes in human and animal remains. A systematic approach*. Charles C Thomas.

® Murail, P.; Bruzek, J.; Houët, F.; Cunha, E. 2005. DSP: *a tool for probabilistic sex diagnosis using worldwide variability in hip-bone measurements*. Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris, 17 (3/4) pp: 167-176.

N

® Nawrocki, S. 1995. Taphonomic Processes in Historic Cemeteries. *In*: Grauer, A. (ed.). *Bodies of Evidence*. New York, Wiley – Liss: 49 – 66

O

® Obermaier, H; Bellides; Belive, A. Garcia y; Perioct, L. 1957. *El hombre prehistorico y los origenes de la humanidad*. Sexta edição. Manuales de la Revista de Occidente pp: 242-256.

® Olivier, G.; Demoulin, F. 1990. *Pratique anthropologique à l'usage des étudiants. Osteologie*. Paris, Université de Paris VII.

® Ortellas, J; Martín, X. C. 1999. “El yacimiento de an Ballarà (Terrassa, Vallès Occidental). Las inhumaciones nen fosa tipo silo del Bronce Inicial en Catalunya”. *In*: R. de Balbin Berhmann, P. Bueno Ramirez. Zamora (eds): *Fundacion Rei Afonso Henriques Zamora. II Congreso de Arqueologia Peninsular, Vol. 2: Neolítico, Calcolítico y Bronce* ed. pp. 591-603.

® Olivier, G.; Demoulin, F. 1990. *Pratique anthropologique à l'usage des étudiants. Osteologie*. Paris, Université de Paris 7.

® Ortner, D.J. 2003. *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. Amsterdam. Academic Press. 2ª Edição.

P

® Peralta, Patrícia; Santos, A.M. 2007. Paleodemografia e Patologia oral na população exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz. *Al.madam online: A Arqueologia Portuguesa em Revista*. Nº 15. [<http://www.almadan.publ.pt>].

® Pombal, C. 2006. *Necrópole da rua dos Barco. Estudo Paleoantropológico de uma amostra da população medieval da Ribeira de Santarém*. Departamento de Antropologia. F.C.T.U.C. Coimbra.

® Proença, M. C. .2011. *História de Portugal: As origens de Portugal até ao século VIII*. Circulo de Leitores.

R

® Roberts, C.; Manchester, K. 1995. *The Archaeology of Disease*. New York: Cornell University Press.

S

® Sanjuán, G. L..2005. *Las piedras de la memoria. La permanência del Megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milénios ANE*. Trabajos de Prehistoria. nº1 pp 85 a109.

® Santos, C. 2002. *Estimativa da estatura a partir dos metatársicos*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal. Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra.

® Santos, M. C.. 1971. *Notícias sobre monumentos e objectos pré-históricos de Monte Real, concelho de Leiria, e das vizinhanças de Grândola e de Melides (Estremadura)*. Arqueólogo Português, série 3, vol. 5. Lisboa: Museu Arqueológico Dr. Leite de Vasconcelos.

® Saunders, S. 1989. Nonmetric skeleton variation. *In: Iscan, M.; Kennedy, K. (eds.) Reconstruction of life from the skeleton*. Nova Iorque, Alan R. Liss: 95-108.

® Saunders, S.; Rainey, D. 2008. Nonmetric Trait Variation in the Skeleton: Abnormalities, Anomalies and Atavisms. *In: Katzenberg, M.A; Saunders, S (eds.) Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New Jersey, Wiley-Liss: 533- 560.

- ® Sauter, M. R.; Privat, F. 1955. *Sur un nouveau procédé métrique de détermination sexuelle du bassin osseuse*. Bull Soc Suisse d'Anthrop d'Ethno, 31.pp: 60-84.
- ® Schaefer, M.; Black, S.; Scheuer, L. 2009. *Juvenile Osteology - A Laboratory and Field Manual*. London, Academic Press.
- ® Scott, G. R.; Turner, C.G. 1997. *The anthropology of modern human teeth. Dental morphology and its variation in recent human populations*. Cambridge studies in Biological Anthropology. Cambridge, Cambridge University Press.
- ® Serrano, Juan Antonio Cámara. 2001. *El ritual funerario en la Prehistoria Reciente en el Sur de la Península Ibérica*. Oxford: BAR International Series.
- ® Silva, A. M. 1995. *Sex assessment using the calcaneus and talus*. Antropologia Portuguesa, 13.pp: 107-119.
- ® Silva, A. M. 1996. *Noções de Antropologia funerária: práticas funerárias do Paleolítico Médio ao Neolítico final*. Coimbra. Departamento de Antropologia. Faculdade Ciências de Tecnologia, U.C. Coimbra.
- ® Silva, A. M. 1996. *O hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios A. C.) : estudo paleobiológico da população humana exumada*. Coimbra: Departamento de Antropologia F.C.T.U.C.
- ® Silva, A. M. 2002. *Antropologia funerária e Paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/ Calcolítico*. Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- ® Silva, C., Soares, J. 1979. *O Monumento I da necrópole do “Bronze do Sudoeste” do Pessegueiro (Sines)*. Setúbal Arqueológica, 5, pp: 121-153.
- ® Silva, C., Soares, J. 2009. *Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: O momento II do Pessegueiro*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Camara Municipal de Oeiras. pp: 389-420.
- ® Silva, F. 1999. Contextos funerários da idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação. In: R. de Balbin Berhmann, P.

Bueno Ramirez (eds). *II Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. 2: Neolítico, Calcolítico y Bronce. ed.. Zamora : Fundacion Rei Afonso Henriques*, pp: 605-620.

® Smith, B. H. 1984. *Patterns of Molar Wear in Hunter-Gatherers and Agriculturalists*. American Journal of Physical Anthropology 63 pp:39-56.

® Smith, B. H. 1991. *Standarts of human tooth formation and dental age assessment. Advances in dental Anthtopology*. Wiley-liss, Inc. pp: 143-168.

T

® Turner, C.; Nichol, C.; Scott, G. 1991. Scoring Procedures for Key Morphological Traits of the Permanent Dentition: The Arizona State University Dental Anthropology System. In: Kelly, M.; Larsen, C. (eds). *Advances in Dental Anthropology*, New York, Wiley-Liss, 13-31.

U

® Ubelaker, D.H. 1989. *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington, Taraxacum Washington.

® Umbelino, C. 2006. *Outros saberes do passado; As análises de oligoelementos e isótopos estáveis na reconstituição da dieta das comunidades humanas do Mesolítico Final e do Neolítico Final/Calcolítico do território Português*. Universidade de Coimbra. Departamento Antropologia da Universidade de Coimbra.

V

® Valera, A. C. 2010. Outeiro Alto2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5 (online), pp: 49 [http://www.nia-era.org/cat_view/1-revista-apontamentos/12-apontamentos-5-2010.html]

W

Waldron, T. 2009. *Palaeopathology*. Cambridge, Cambridge University Press.

® Wasterlain, R. S. 2000. Morphé: *análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados*

do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

® Wasterlain, R. S. 2006. *Males da Boca – Estudo da patologia oral numa amostra das Coleções Osteológicas Identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (finais do séc. XIX/inícios do séc. XX).* Dissertação de Doutoramento. Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

® White, T.D.; Folkens, P.A. 2005. *The human bone manual.* San Diego, Elsevier Academic Press. 2nd Edition.

® White, T.D.; Folkens, P.A. 2011. *The human bone manual.* San Diego, Elsevier Academic Press. 3rd Edition.




X

Y




Z

8 Apêndice

Legenda da representatividade óssea dos indivíduos sepultados:

-  Osso Presente
-  Osso Ausente
-  Osso Mal Conservado
(fragmentado)

Legenda da representatividade dentária dos indivíduos sepultados:

-  Presente (Solto)
-  Presente (*in situ*)
-  Ausente

Legenda das Tabelas:

N = número observado

n/N = Presença/total

%= Frequência.

Tabelas

Tabela 1 – Caracteres discretos cranianos pesquisados (Hauser e De Stefano 1989).

| | Caracteres Discretos Crânio |
|----------|------------------------------------|
| Presença | Sutura metópica |
| | Sutura supranasal |
| | Foramina parietais |
| | Osso sutural coronal |
| | Osso sutural sagital |
| | <i>Torus</i> palatino |
| | <i>Torus</i> mandibular |
| | <i>Foramina mentalia</i> duplos |
| | Ponte mielohióide |

Tabela 2 – Caracteres discretos do esqueleto pós-cranianos pesquisados (Finnegan 1978; Saunders 1989).

| | Caracteres discretos do Esqueleto Pós-craniano |
|-----------------------------|--|
| Presença | Fossa de <i>Allen</i> |
| | Fossa hipotrocanteriana |
| | Terceiro trocânter |
| | Faceta medial de agachamento da tíbia |
| | Faceta lateral de agachamento da tíbia |
| | Abertura septal |
| | Prega acetabular |
| | Facetas acessórias sacrais |
| | Faceta articular acromial |
| | Foramen supraescapular |
| | Sulco circunflexo |
| | Chanfradura <i>vastus</i> |
| | <i>Vastus fossa</i> |
| | <i>Patella emarginate</i> |
| | Superfície articular inferior talar |
| | Faceta anterior do calcâneo ausente |
| | Tubérculo peronial |
| Perfuração supra-clavicular | |

Tabela 3 – Caracteres discretos odontológicos seleccionados (Turner *et al.* 1991).

| Dentes | Caracter |
|------------------------|-------------------------------------|
| Incisivo Superior | Tuberculum dental |
| | Interruption grooves |
| Caninos superiores | Crista mesial |
| | Crista distal acessória |
| Pré-molares superiores | Cúspides acessórias mediais/distais |
| Pré-molares inferiores | Duas ou mais cúspides linguais |
| Molares Superiores | Presença de Hypocone |
| | Presença de cúspide de Carabelli |
| | Presença de cúspide 5 |
| Molares Inferiores | Padrão das cúspides |
| | Presença de cúspide 4 |
| | Presença de cúspide 6 |
| | Presença de cúspide 7 |

Tabela 4: Articulações pesquisadas na observação da artrose, adaptado de Assis (2007).

| Articulações |
|---|
| Esterno-clavicular |
| Acrômio-clavicular |
| Costo-vertebral |
| Inter-vertebral (corpos vertebrais) |
| Inter-vertebral (apófises articulares) |
| Ombro (escápulo-umeral) |
| Cotovelo (úmero-antebraquial) |
| Punho (rádio-procárpica) |
| Mão (carpo, metacarpo e falanges) |
| Anca (coxo-femoral) |
| Joelho |
| Tornozelo (tibio-társica e tíbioperoneal) |
| Pé (tarso, metatarso, falanges) |

Tabela 6: Listagem de áreas de inserção muscular e ligamentos pesquisadas para o estudo da entese, segundo Mariotti *et al.* (2004; 2007).

| Osso | Músculo ou ligamento | Osso | Músculo ou ligamento |
|-------------------|---------------------------------|-------------------------|------------------------------------|
| Clavícula | Músculo <i>deltoideus</i> | Rádio | Músculo pronator teres |
| | Músculo <i>pectoralis major</i> | | Músculo bíceps brachii |
| | Ligamento costoclavicular | | <i>Interosseous membrane</i> |
| | Ligamento conoide | | |
| | Ligamento costoclavicular | Ulna | Músculo brachialis |
| Úmero | | | Músculo tríceps brachii |
| | Músculo deltoideus | | Músculo supinator |
| | Músculo pectoralis major | | |
| | Músculo latissimus dorsii/teres | Fémur | Músculo iliopsoas |
| | Músculo brachioradialis | | Músculo gluteus maximus |
| | Epicôndilo lateral | | Músculo gluteus médios |
| Epicôndilo medial | | Músculo vastus medialis | |
| Omoplata | | | Fossa digital |
| | Músculo deltoideus | | |
| | Músculo tríceps brachii | Rótula | Ligamento rotuliano e quadrilátero |
| | Músculo biceps coraco brachial | | |
| | | Tíbia | Músculo soleus |
| | | | Tendão quadrilátero |
| | | Calcâneo | Tendão de Aquiles |

Tabela 8: Estimativa de idade à morte do indivíduo B da cista 10 da necropole de Casas Velhas, segundo Smith, 1991, por dente analisado.

| Dente | Formação | Estimativa (em anos - Smit, 1991) |
|-----------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|
| 2º pré-molar superior direito | 1/2 da coroa | 5 |
| 1º pré-molar superior direito | 1/2 da coroa | 4,1 |
| incisivo central superior direito | partido <i>pós-mortem</i> | • |
| canino superior esquerdo | 1/2 da coroa | 2,5 |
| 1º pré-molar superior esquerdo | 1/4 da raiz | 6,9 |
| 1º molar superior esquerdo | 1/4 da raiz | 8,6 |
| 2º molar superior esquerdo | 1/2 da coroa | 5,4 |
| 2º molar inferior direito | 1/2 da coroa | 5,4 |
| 1º molar inferior direito | 1/4 da raiz | 4,9 |
| canino inferior direito | coroa formada | 4,4 |
| canino inferior esquerdo | 1/2 da coroa | 2,5 |
| 2º molar inferior esquerdo | coroa formada | 6,8 |

Tabela 9: Resumo/Síntese da amostra proveniente da necrópole de Casas Velhas.

| Cista | Indivíduos | Posição/Inumeração | Sexo | Idade à morte (anos) | Elementos associados |
|-------|------------|--------------------|---------|----------------------|---------------------------------|
| 2 | 1 | contraída/fetal | ind/ind | < 25 anos | 4 fragmentos ósseos de fauna |
| 10 | 2 | contraída/fetal | ind | NO/3-9 anos | cerâmica |
| 11 | 1 | contraída/fetal | M | adulto | • |
| 12 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | • |
| 16 | 1 | contraída/fetal | ind | < 25 anos | 2 fragmentos de siléx |
| 17 | 1 | contraída/fetal | ind | adulto | • |
| 24 | 1 | contraída/fetal | M | NO | fragmento de xisto |
| 26 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | • |
| 27 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | • |
| 29 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | 22 fragmentos de fauna |
| 30 | 1 | contraída/fetal | F | < 30 anos | 4 fragmentos de fauna |
| 31 | 1 | contraída/fetal | ind | adulto | 1 fragmento de fauna |
| 32 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | fragmento de pulseira em bronze |
| 33 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | 10 fragmentos de fauna |
| 34 | 1 | contraída/fetal | ind | NO | 4 fragmentos de fauna |
| 35 | 2 | contraída/fetal | M/ind | < 40/NO | • |

Legenda: ind = indeterminado; M = masculino; F = feminino; NO = não observável

Tabela 10: Índices de achatamento observados nos indivíduos provenientes de Casas Velhas.

| Cistas | Índices de Achatamento | | |
|--------|--------------------------------|------------------------|----------------------|
| | Fémur | | Tíbia |
| | Platimérico | Pilástrico | Cnémico |
| 2 | Estenomérico (137,5) | • | Plasticnémico (61,8) |
| 10 | Estenomérico (136,4) | • | • |
| 11 | • | • | • |
| 12 | • | • | • |
| 16 | • | • | • |
| 17 | • | • | Euricnémico (70) |
| 24 | • | • | • |
| 26 | • | • | • |
| 27 | • | • | • |
| 29 | • | • | • |
| 30 | Platimérico (82,8) | Pilastro médio (115,4) | Mesocnémico (68,75) |
| 31 | • | • | • |
| 32 | • | • | • |
| 33 | • | • | • |
| 34 | • | • | • |
| 35 | Estenomérico (123) indivíduo A | • | • |
| 32 | Estenomérico (123) indivíduo A | • | • |
| 34 | • | • | • |
| 33 | • | • | • |
| 35 | • | • | • |
| 31 | • | • | • |

Tabela 11: Frequência de caracter cranianos pesquisados na amostra de Casas Velhas.

| Caracteres discretos Cranianos | Presente | | Ausente | | Não Observável | | | | | | | |
|-------------------------------------|----------|---|---------|---|----------------|-----|------|------|------|------|------|------|
| | DRT. | | ESQ. | | DRT. | | ESQ. | | DRT. | | ESQ. | |
| | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| 1 Sutura metópica | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5,9 | 1 | 5,9 | 16 | 94,1 | 16 | 94,1 |
| 2. Sutura supranasal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 3. <i>Foramina</i> parietais | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5,9 | 2 | 11,8 | 16 | 94,1 | 15 | 88,2 |
| 4. Osso sutural coronal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 5. Osso sutural sagital | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 6. Osso sutural lambdóide | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 7. <i>Ossiculum</i> no bregma | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 8. <i>Ossiculum</i> no lambda | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 9. <i>Torus</i> palatino | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 10. <i>Torus</i> mandibular | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |
| 11. <i>Foramina mentalia</i> duplos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5,9 | 17 | 100 | 16 | 94,1 |
| 12. Ponte mielohióide | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 100 | 17 | 100 |

Tabela 12: Caracter pós- craniano pesquisados na amostra de Casas Velhas.

| Caracteres Pós-Cranianos pesquisados | Sep 2 | Sep 10 | Sep 16 | Sep 17 | Sep 24 | Sep 30 | Sep 31 | Sep 33 | Sep 35 ind A | Sep 35 ind B | TOTAL |
|--|-------|--------|--------|--------|--------|----------|--------|--------|--------------|--------------|-------|
| 1.Fossa de Allen | / | — | — | / | — | N | — | / | / | / | 0/6 |
| 2.Fossa hipotrocanteriana | N | N | — | / | — | N | — | N | N | N | 0/7 |
| 3.Terceiro trocanter | / | — | — | / | — | N | — | / | / | / | 0/6 |
| 4.Faceta medial de agachamento da tíbia | / | — | — | / | — | N | — | / | / | / | 0/6 |
| 5.Faceta lateral de agachamento da tíbia | / | — | — | / | — | S | — | / | / | / | 1/6 |
| 6.Abertura septal | / | — | / | — | / | N | / | / | / | — | 0/7 |
| 7.Prega acetabular | — | — | — | — | — | N | — | — | / | — | 0/2 |
| 8.Facetas acessórias sacrais | — | — | — | — | — | / | — | — | — | — | 0/1 |
| 9.Faceta articular acromial | — | — | — | — | — | / | — | — | — | — | 0/1 |
| 10.Foramen supraescapular | — | — | — | — | — | / | — | — | — | — | 0/1 |
| 11.Sulco circunflexo | — | — | — | — | — | N | — | — | — | — | 0/1 |
| 12.Chanfradura vastus | — | — | — | — | / | N | — | — | — | — | 0/2 |
| 13.Vastus fossa | — | — | — | — | / | N | — | — | — | — | 0/2 |
| 14.Patella emarginate | — | — | — | — | / | N | — | — | — | — | 0/2 |
| 15.Superfície articular inferior talar | — | — | — | — | — | Continua | — | — | — | — | 1/1 |
| 16.Faceta anterior do calcâneo dupla | — | — | — | — | — | Continua | — | — | — | — | 1/1 |
| 17.Faceta anterior do calcâneo ausente | — | — | — | — | — | S | — | — | — | — | 1/1 |
| 18. Perfuração supra-clavicular | — | — | — | — | — | N | — | — | / | — | 0/2 |
| Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; S - Presença; N - Não apresenta o caracter; / -Não observável;— Osso Ausente; | | | | | | | | | | | 4/55 |

Tabela 13: Frequência da presença dos caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos inumados em Casas Velhas.

| Caracteres discretos da dentição superior | n/N | | | Total | |
|---|--------------|---------|----------|-------|----|
| | Dentes | Direito | Esquerdo | n/N | % |
| <i>Tuberculum Dentale</i> (+ = ASU +) | Incisivo C. | 0/2 | 0/0 | 0/2 | 0 |
| | Incisivo L. | 0*2 | 0/2 | 0/4 | 0 |
| <i>Interruption Grooves</i> (+ = ASU +) | Incisivo C. | 0/2 | 0/0 | 0/2 | 0 |
| | Incisivo L. | 0/2 | 0/2 | 0/4 | 0 |
| Crista mesial (+ = ASU 2-5) | Canino | 1/2 | 1/4 | 2/6 | 33 |
| Crista distal acessoria (+ = ASU 2-5) | | 1/2 | 1/4 | 2/6 | 33 |
| Cúspides acessórias mediais/distais | 1º Pré-molar | 0/5 | 0/2 | 0/7 | 0 |
| | 2º Pré-molar | 1/2 | 0/2 | 1/4 | 25 |
| Presença <i>Hypocone</i> (+ = ASU 3-5) | 1º Molar | 3/3 | 1/5 | 4/8 | 50 |
| | 2º Molar | 0/1 | 2/5 | 2/6 | 33 |
| | 3º Molar | 0/2 | 1/3 | 1/5 | 20 |
| Presença de <i>Carabelli</i> (+ = ASU 3-7) | 1º Molar | 0/3 | 0/5 | 0/8 | 0 |
| | 2º Molar | 0/1 | 0/5 | 0/6 | 0 |
| | 3º Molar | 0/2 | 1/3 | 1/5 | 20 |
| Presença de Cúspide 5 (+ ASU 1-5) | 1º Molar | 0/3 | 1/5 | 1/8 | 13 |
| | 2º Molar | 0/1 | 0/5 | 0/6 | 0 |
| | 3º Molar | 0/2 | 0/3 | 0/5 | 0 |

| Caracteres discretos da dentição inferior | Dentes | n/N | | Total | |
|--|----------------------------|----------------------------|----------------------------|-------------------------------|-----------------------|
| | | Direito | Esquerdo | n/N | % |
| Duas ou mais cúspides linguais (+ = ASU 1) | 2º Pré-molar | 0/5 | 0/2 | 0/7 | 0 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | 1º Molar | 3*6 | 2*5 | 5/11 | 45 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | | X= 1*6 Y= 2*6 += 0*6 | X= 0*5 Y= 2*5 += 0*5 | X= 1*11 Y= 4*11 += 0*11 | X= 9 Y= 36 += 0 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | | 1/6 | 0/5 | 1/11 | 9 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | | 0/6 | 0/5 | 0/11 | 0 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | | 2º Molar | 3/7 | 3/8 | 6/15 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | X= 3/7 Y= 0/7 += 0/7 | | X= 3/8 Y= 0/8 += 0/8 | X= 6/15 Y= 0/15 += 0/15 | X= 40 Y= 0 += 0 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | 0/7 | | 0/8 | 0/15 | 0 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | 0/7 | | 1*8 | 1/15 | 7 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | 3º Molar | 2*5 | 2*6 | 4/11 | 36 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | | X= 0/5 Y= 1/5 += 1/5 | X= 3/6 Y= 0/6 += 0/6 | X= 3/11 Y= 1/11 += 1/11 | X= 27 Y= 9 += 9 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | | 1/5 | 0/6 | 1*11 | 9 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | | 0/5 | 0/6 | 0/11 | 0 |

Tabela 14: Frequência da presença dos caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos de Casas Velhas.

Tabela 15: Frequência total de desgaste oclusal na amostra de Casas Velhas.

| Grau 1 | | Grau 2 | | Grau 3 | | Grau 4 | | Grau 5 | | Grau 6 | | Grau 7 | | Grau 8 | |
|--------|----|--------|----|--------|----|--------|----|-----------|---|--------|---|--------|---|--------|---|
| N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| 30 | 27 | 20 | 18 | 20 | 18 | 23 | 21 | 7 | 6 | 4 | 4 | 5 | 5 | 0 | 0 |
| suave | | | | médio | | | | acentuado | | | | | | | |

Tabela 16: Média de desgaste oclusal na dentição inferior da amostra proveniente de Casas Velhas.

| Presença de Desgaste Oclusal | Sep 2 | Sep 10 ind A | Sep 10 ind B | Sep 16 | Sep 17 | Sep 24 | Sep 30 | Sep 31 | Sep 33 | Sep 35 ind A | Sep 35 ind B | Média |
|------------------------------------|-----------|--------------|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|----------|----------|--------------|--------------|-------|
| 3º molar inferior direito | 1 | 1 | — | — | 2 | — | 4 | — | — | 7 | — | 15/5 |
| 2º molar inferior direito | 1 | 5 | 1 | 5 | 2 | 7 | 4 | — | — | — | — | 25/7 |
| 1º molar inferior direito | 2 | 4 | 1 | 4 | 4 | — | — | 1 | — | 4 | — | 20/7 |
| 2º pré-molar inferior direito | 1 | 2 | — | — | 2 | — | 4 | — | — | 4 | — | 13/5 |
| 1º pré-molar inferior direito | 1 | 3 | — | — | 2 | — | 3 | — | — | 4 | — | 13/5 |
| canino inferior direito | 3 | — | 1 | — | 2 | / | 3 | — | — | — | — | 9/5 |
| incisivo lateral inferior direito | — | — | — | 5 | — | — | — | — | — | 4 | — | 9/2 |
| incisivo central inferior direito | — | — | — | 4 | 3 | — | — | — | — | 4 | — | 11/3 |
| incisivo central inferior esquerdo | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/0 |
| incisivo lateral inferior esquerdo | 3 | — | — | — | — | — | 3 | — | — | — | — | 6/2 |
| canino inferior esquerdo | 3 | — | 1 | — | — | — | — | — | — | 4 | — | 8/3 |
| 1º pré-molar inferior esquerdo | 7 | — | — | — | 2 | — | 4 | — | — | — | — | 13/3 |
| 2º pré-molar inferior esquerdo | — | — | — | — | — | — | 3 | — | — | 4 | — | 7/2 |
| 1º molar inferior esquerdo | 4 | — | — | 4 | 2 | — | — | — | — | 3 | — | 13/4 |
| 2º molar inferior esquerdo | 1 | — | 1 | 5 | 2 | 5 | 3 | — | 1 | 6 | — | 24/8 |
| 3º molar inferior esquerdo | 1 | — | — | 1 | 2 | — | 3 | — | 1 | 4 | — | 12/6 |
| Total | 28 | 15 | 5 | 28 | 25 | 12 | 34 | 1 | 2 | 48 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 17: Média de desgaste oclusal na dentição superior da amostra proveniente de Casas Velhas.

| Presença de Desgaste Oclusal | Sep 2 | Sep 10 ind A | Sep 10 ind B | Sep 16 | Sep 17 | Sep 24 | Sep 30 | Sep 31 | Sep 33 | Sep 35 ind A | Sep 35 ind B | Média |
|------------------------------------|-----------|--------------|--------------|----------|-----------|----------|-----------|----------|----------|--------------|--------------|-------|
| 3º molar superior direito | — | — | — | — | — | — | 2 | — | — | 6 | — | 8/2 |
| 2º molar superior direito | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 1/1 |
| 1º molar superior direito | 3 | 4 | — | — | 2 | — | 5 | — | — | — | — | 14/4 |
| 2º pré-molar superior direito | — | — | 1 | — | — | — | 4 | — | — | — | — | 5/2 |
| 1º pré-molar superior direito | — | — | 1 | — | 2 | — | 5 | — | — | — | — | 8/3 |
| canino superior direito | 3 | — | — | — | 2 | — | 4 | — | — | — | — | 9/3 |
| incisivo lateral superior direito | — | 1 | — | — | — | — | 3 | — | — | — | — | 4/2 |
| incisivo central superior direito | — | 7 | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | 8/2 |
| incisivo central superior esquerdo | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/0 |
| incisivo lateral superior esquerdo | — | 3 | — | — | — | — | 3 | — | — | — | — | 6/2 |
| canino superior esquerdo | 1 | — | 1 | — | 2 | — | 4 | — | — | — | — | 8/4 |
| 1º pré-molar superior esquerdo | — | — | 1 | — | — | — | 6 | — | — | — | — | 7/2 |
| 2º pré-molar superior esquerdo | 1 | 2 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 3/2 |
| 1º molar superior esquerdo | 3 | — | 1 | — | 2 | — | 6 | — | — | — | — | 12/4 |
| 2º molar superior esquerdo | 1 | 1 | 1 | — | — | — | 3 | — | — | 7 | — | 13/5 |
| 3º molar superior esquerdo | 1 | — | — | — | 2 | — | 3 | — | — | — | — | 6/3 |
| Total | 14 | 18 | 7 | 0 | 12 | 0 | 48 | 0 | 0 | 13 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 18: Frequência total de *calculus* dentário na amostra de Casas Velhas.

| Grau 0 | | Grau 1 | | Grau 2 | | Grau 3 | | Grau 4 | |
|--------|----|--------|---|--------|---|--------|---|--------|---|
| N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| 89 | 81 | 8 | 7 | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Tabela 19: Média do *calculus* dentário na dentição superior da amostra de Casas Velhas.

| Presença de Tartaro | Sep 2 | Sep 10 ind A | Sep 10 ind B | Sep 16 | Sep 17 | Sep 24 | Sep 30 | Sep 31 | Sep 33 | Sep 35 ind A | Sep 35 ind B | Média |
|------------------------------------|----------|--------------|--------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|--------------|-------|
| 3º molar superior direito | — | — | — | — | — | — | 0 | — | — | 0 | — | 0/2 |
| 2º molar superior direito | 0 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/1 |
| 1º molar superior direito | 1 | / | — | — | 3 | — | 1 | 0 | — | — | — | 5/5 |
| 2º pré-molar superior direito | — | — | 0 | — | — | — | 0 | — | — | — | — | 0/2 |
| 1º pré-molar superior direito | — | — | 0 | — | 0 | — | 0 | — | — | — | — | 0/3 |
| canino superior direito | 0 | — | — | — | 0 | — | 0 | — | — | — | — | 0/3 |
| incisivo lateral superior direito | — | 0 | — | — | — | — | 0 | — | — | — | — | 0/2 |
| incisivo central superior direito | — | 0 | 0 | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/2 |
| incisivo central superior esquerdo | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/0 |
| incisivo lateral superior esquerdo | — | / | — | — | — | — | 0 | — | — | — | — | 0/2 |
| canino superior esquerdo | 1 | — | 0 | — | 0 | — | 0 | — | — | — | — | 1/4 |
| 1º pré-molar superior esquerdo | — | — | 0 | — | — | — | 0 | — | — | — | — | 0/2 |
| 2º pré-molar superior esquerdo | 0 | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 1/2 |
| 1º molar superior esquerdo | 4 | — | 0 | — | 0 | — | 0 | — | — | — | — | 4/4 |
| 2º molar superior esquerdo | 0 | 0 | 0 | — | — | — | 0 | — | — | / | — | 0/5 |
| 3º molar superior esquerdo | 0 | — | — | — | 2 | — | 0 | — | — | — | — | 2/3 |
| Total | 6 | 1 | 0 | 0 | 5 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 20: Média de *calculus* dentário na dentição inferior da amostra de Casas Velhas.

| Presença de Tartaro | Sep 2 | Sep 10 ind A | Sep 10 ind B | Sep 16 | Sep 17 | Sep 24 | Sep 30 | Sep 31 | Sep 33 | Sep 35 ind A | Sep 35 ind B | Média |
|------------------------------------|----------|--------------|--------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|--------------|--------------|-------|
| 3º molar inferior direito | 0 | 0 | — | — | 0 | — | 0 | — | — | / | — | 0/5 |
| 2º molar inferior direito | 0 | / | 0 | 0 | 0 | / | 0 | — | — | — | — | 0/7 |
| 1º molar inferior direito | 0 | / | 0 | 0 | 0 | — | — | — | — | 0 | — | 0/6 |
| 2º pré-molar inferior direito | 0 | 1 | — | — | 0 | — | 0 | — | — | 0 | — | 1/5 |
| 1º pré-molar inferior direito | 0 | / | — | — | 0 | — | 0 | — | — | 0 | — | 0/5 |
| canino inferior direito | 1 | — | 0 | — | 0 | / | 0 | — | — | — | — | 1/5 |
| incisivo lateral inferior direito | — | — | — | 1 | — | — | — | — | — | 0 | — | 1/2 |
| incisivo central inferior direito | — | — | — | 0 | 0 | — | — | — | — | 0 | — | 0/3 |
| incisivo central inferior esquerdo | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 0/0 |
| incisivo lateral inferior esquerdo | 0 | 1 | — | — | — | — | 0 | — | — | — | — | 1/3 |
| canino inferior esquerdo | 0 | — | 0 | — | — | — | — | — | — | 0 | — | 0/3 |
| 1º pré-molar inferior esquerdo | 0 | — | — | — | 0 | — | 0 | — | — | — | — | 0/3 |
| 2º pré-molar inferior esquerdo | — | — | — | — | — | — | 0 | — | — | 0 | — | 0/2 |
| 1º molar inferior esquerdo | 0 | — | — | 2 | 0 | — | — | — | — | 0 | — | 2/4 |
| 2º molar inferior esquerdo | 0 | — | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | — | 0 | 0 | — | 1/8 |
| 3º molar inferior esquerdo | 0 | — | — | 0 | 0 | — | 0 | — | 0 | 0 | — | 0/6 |
| Total | 1 | 2 | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 21: Descrição da amostra proveniente da necrópole de Monte da Cabida

| Cista | Indivíduos | Posição/Inumeração | Sexo | Idade à morte (anos) | Elementos associados |
|-------|------------|--------------------|---------|----------------------|---|
| 1 | 3 | contraída/fetal | F/ind/M | 20-25/0,7/24-29 | dois recipientes em cerâmica |
| 8 | 2 | contraída/fetal | F/M | adulto/NO | um frag. de um punhal em cobre com rebites, um frag. de parede de um recipiente em cerâmica |
| 9 | 2 | contraída/fetal | F/M | < 25/adulto | um recipiente em cerâmica e uma agulha em cobre |
| 10 | 2 | contraída/fetal | M/M | 15-25/adulto | um recipiente em cerâmica e uma agulha em cobre |

Legenda: ind = indeterminado; M = masculino; F = feminino; NO = não observável

Tabela 23: Índices de achatamento observados em laboratório dos indivíduos inumados em Monte da Cabida 3.

| Cistas | Indivíduo | Índices de Achatamento | | |
|--------|-----------|-------------------------|------------|------------------------|
| | | Fémur | | Tíbia |
| | | Platimérico | Pilástrico | Cnêmico |
| 1 | 1 | Estenomérico (118,18mm) | • | • |
| | 2 | Estenomérico (123 mm) | • | • |
| 8 | 1 | • | • | • |
| | 2 | • | • | • |
| 9 | 1 | • | • | • |
| | 2 | Platimérico (79,41 mm) | • | Mesocnêmico (60,46 mm) |
| 10 | 1 | • | • | Euricnêmico (71,86 mm) |
| | 2 | • | • | Mesocnêmico (64,52 mm) |

Tabela 24: Frequência dos caracteres cranianos pesquisados na amostra de Monte da Cabida 3.

| Caracteres discretos Cranianos | Presente | | | | Ausente | | | | Não Observável | | | |
|--------------------------------|----------|---|------|---|---------|----|------|----|----------------|-----|------|-----|
| | DRT. | | ESQ. | | DRT. | | ESQ. | | DRT. | | ESQ. | |
| | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| 1 Sutura metópica | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 25 | 2 | 25 | 6 | 75 | 6 | 75 |
| 2. Sutura supranasal | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 3. Foramina parietais | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 25 | 1 | 13 | 6 | 75 | 7 | 88 |
| 4. Osso sutural coronal | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 5. Osso sutural sagital | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 6. Osso sutural lambdóide | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 7. Ossiculum no bregma | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 8. Ossiculum no lambda | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 1 | 13 | 7 | 88 | 7 | 88 |
| 9. Torus palatino | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 8 | 100 | 8 | 100 |
| 10. Torus mandibular | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 13 | 0 | 0 | 7 | 88 | 8 | 100 |
| 11. Foramina mentalia duplos | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 25 | 2 | 25 | 6 | 75 | 6 | 75 |
| 12. Ponte mielohióide | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 38 | 2 | 25 | 5 | 63 | 6 | 75 |

Tabela 25: Caracteres pós-cranianos pesquisados na amostra proveniente de Monte da Cabida 3.

| Caracteres Pós-Cranianos pesquisados | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | TOTAL |
|---|----------|----------|-------|-------|----------|----------|--------|---------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| 1.Fossa de Allen | / | N | — | — | / | / | N | — | 0/5 |
| 2.Fossa hipotrocanteriana | S | N | — | — | / | N | / | — | 1/5 |
| 3.Terceiro trocanter | N | N | — | — | / | N | / | — | 1/5 |
| 4.Faceta medial de agachamento da tibia | N | / | / | — | / | / | / | N | 0/7 |
| 5.Faceta lateral de agachamento da tibia | S | / | / | — | / | / | / | N | 1/7 |
| 6.Abertura septal | N | N | — | — | / | N | S | S | 2/6 |
| 7.Prega acetabular | / | / | — | — | / | / | / | — | 0/5 |
| 8.Facetas acessórias sacrais | — | / | — | — | — | — | / | — | 0/2 |
| 9.Faceta articular acromial | / | / | / | — | / | / | / | — | 0/6 |
| 10.Foramen supraescapular | / | / | / | — | / | / | / | — | 0/6 |
| 11.Sulco circunflexo | / | / | / | — | / | / | / | — | 0/6 |
| 12.Chanfradura vastus | N | / | — | — | — | — | / | — | 0/3 |
| 13.Vastus fossa | N | / | — | — | — | — | / | — | 0/3 |
| 14.Patella emarginate | N | / | — | — | — | — | / | — | 0/3 |
| 15.Superfície articular inferior talar | Continua | Continua | — | — | Continua | Continua | — | Simplex | 5/5 |
| 16.Faceta anterior do calcâneo dupla | / | N | — | — | / | Simplex | — | — | 1/4 |
| 17.Faceta anterior do calcâneo ausente | / | / | — | — | / | / | — | — | 0/4 |
| 18. Perfuração supra-clavicular | N | N | / | — | — | N | — | — | 0/4 |
| Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; S – Presença; N – Não apresenta o caracter; / -Não observável;— Osso Ausente | | | | | | | | | 11/86 |

Tabela 26: Caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos exumados na necrópole de Monte da Cabida 3.

| CARACTERES DISCRETOS - Dentição superior | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | TOTAL |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| Tuberculum Dentale Incisivo central | N | N | N | N | N | — | N | — | 0/6 |
| Tuberculum Dentale Incisivo lateral | N | N | N | — | S2 | N | N | — | 1/6 |
| Interruption Grooves Incisivo central | N | N | N | N | N | — | N | — | 0/6 |
| Interruption Grooves Incisivo lateral | N | N | N | — | N | N | N | — | 0/6 |
| Crista mesial - canino | N | N | N | — | N | N | N | — | 0/6 |
| Crista distal acessória - canino | N | N | N | — | N | N | N | — | 0/6 |
| Cúspides acessórias mediais/distais-1º pré-molar | N | N | N | — | — | N | N | — | 0/5 |
| Cúspides acessórias mediais/distais -2º pré-molar | N | N | N | — | / | N | N | — | 0/6 |
| Presença Hypocone 1º molar | S2 | / | S3 | — | / | / | S3 | S3 | 4/7 |
| Presença Hypocone 2º molar | N | / | N | — | — | / | S2 | S1 | 2/6 |
| Presença Hypocone 3º molar | S2 | N | — | — | — | — | — | — | 1/2 |
| Presença de cúspide de Carabelli 1º molar | N | N | N | — | N | N | S1 | N | 1/7 |
| Presença de cúspide de Carabelli 2º molar | N | N | N | — | — | N | N | N | 0/6 |
| Presença de cúspide de Carabelli 3º molar | N | N | — | — | — | — | — | — | 0/2 |
| Presença de Cúspide 5 1º molar | N | / | N | — | / | / | N | N | 0/7 |
| Presença de Cúspide 5 2º molar | N | N | N | — | — | / | N | N | 0/6 |
| Presença de Cúspide 5 3º molar | N | N | — | — | — | — | — | — | 0/2 |
| Legenda: 0 = Dente Ausente; S = Presente e Respectivo Grau; N = Caracter Ausente; / = Não observável;— Dente Ausente | | | | | | | | | 9/92 |

Tabela 27: Caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos exumados na necrópole de Monte da Cabida 3.

| CARACTERES DISCRETOS - Dentição inferior | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | TOTAL |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| Presença de 4 cúspides no 1.º molar inferior | S1 | / | S2 | — | — | — | S2 | — | 3/4 |
| Padrão no 1.º molar inferior | Y | / | Y | — | — | — | X | — | 3/4 |
| Presença da cúspide 6 no 1.º molar inferior | N | N | N | — | — | — | N | — | 0/4 |
| Presença da cúspide 7 no 1.º molar inferior | N | N | N | — | — | — | N | — | 0/4 |
| Presença de 4 cúspides no 2.º molar inferior | S2 | S | S | — | / | — | S1 | — | 4/5 |
| Padrão no 2.º molar inferior | †-X | / | Y | — | / | — | Y | — | 3/5 |
| Presença da cúspide 6 no 2.º molar inferior | N | N | N | — | / | — | N | — | 0/5 |
| Presença da cúspide 7 no 2.º molar inferior | N | N | N | — | / | — | N | — | 0/5 |
| Presença de 4 cúspides no 3.º molar inferior | N | / | S3 | — | / | — | S1 | — | 2/5 |
| Padrão no 3.º molar inferior | † | / | Y | — | / | — | Y-X | — | 3/5 |
| Presença da cúspide 6 no 3.º molar inferior | N | / | N | — | / | — | S2 | — | 1/5 |
| Presença da cúspide 7 no 3.º molar inferior | N | / | N | — | / | — | N | — | 0/5 |
| Duas ou mais cúspides linguais do 2.º pré-molar inferior | N | N | N | — | / | — | S | — | 0/5 |

Legenda: 0 = Dente Ausente; S = Presente e Respetivo Grau; N = Carácter Ausente; / = Não observável; — Dente Ausente

19/61

Tabela 28: Frequência dos caracteres odontológicos referentes à dentição superior dos indivíduos exumados em Monte da Cabida 3.

| Presença Caracteres discretos da dentição superior | Dentes | n/N | | Total | |
|--|--------------|---------|----------|-------|----|
| | | Direito | Esquerdo | n/N | % |
| <i>Tuberculum Dentale</i> (+ = ASU +) | Incisivo C. | 0/4 | /5 | 0/9 | 0 |
| | Incisivo L. | 1/6 | 0/3 | 1/9 | 11 |
| <i>Interruption Grooves</i> (+ = ASU +) | Incisivo C. | 0/4 | 0/5 | 0/9 | 0 |
| | Incisivo L. | 0/6 | 0/3 | 0/9 | 0 |
| Crista mesial (+ = ASU 2-5) | Canino | 0/5 | 0/6 | 0/11 | 0 |
| Crista distal acessoria (+ = ASU 2-5) | | 0/5 | 0/6 | 0/11 | 0 |
| Cúspides acessórias mediais/distais | 1º Pré-molar | 0/5 | 0/5 | 0/10 | 0 |
| | 2º Pré-molar | 0/6 | 0/6 | 0/12 | 0 |
| Presença <i>Hypocone</i> (+ = ASU 3-5) | 1º Molar | 3/6 | 3/6 | 6/12 | 50 |
| | 2º Molar | 1/4 | 2/6 | 3/10 | 30 |
| | 3º Molar | 0/2 | 1/2 | 1/4 | 25 |
| Presença de <i>Carabelli</i> (+ = ASU 3-7) | 1º Molar | 1/6 | 0/6 | 1/12 | 8 |
| | 2º Molar | 0/4 | 0/6 | 0/10 | 0 |
| | 3º Molar | 0/2 | 0/2 | 0/4 | 0 |
| Presença de Cúspide 5 (+ ASU 1-5) | 1º Molar | 0/6 | 0/6 | /12 | 0 |
| | 2º Molar | 0/4 | 0/6 | 0/10 | 0 |
| | 3º Molar | 0/2 | 0/2 | 0/4 | 0 |

| Caracteres discretos da dentição inferior | Dentes | n/N | | Total | |
|--|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|----------------------------------|----------------------------|
| | | Direito | Esquerdo | n/N | % |
| Duas ou mais cúspides linguais (+ = ASU 1) | 2º Pré-molar | 1/4 | 0/4 | 1/8 | 13 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | 1º Molar | 3/3 | 2/3 | 5/6 | 83 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | | X = 1/3 Y = 2/3 + = 0/3 | X = 0/3 Y = 2/3 + = 0/3 | X = 1/6 Y = 4/6 + = 0/6 | X = 17 Y = 67 + = 0 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | | 0/3 | 0/3 | 0/6 | 0 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | | 0/3 | 0/3 | 0/6 | 0 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | | 2º Molar | 3/5 | 4/5 | 7/10 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | X = 1/5 Y = 1/5 + = 1/5 | | X = 1/5 Y = 1/5 + = 0/5 | X = 2/10 Y = 2/10 + = 1/10 | X = 20 Y = 20 + = 10 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | 0/5 | | 0/5 | 0/10 | 0 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | 0/5 | | 0/5 | 0/10 | 0 |
| Presença de 4 cúspides (+ = ASU +) | 3º Molar | | 2/4 | 1/3 | 3/7 |
| Padrão das cúspides (+, Y, X) | | X = 0/4 Y = 2/4 + = 1/4 | X = 1/3 Y = 0/3 + = 0/3 | X = 1/7 Y = 2/7 + = 1/7 | X = 14 Y = 29 + = 14 |
| Presença de 6 cúspides (+ = ASU +) | | 0/4 | 1/3 | 1/7 | 14 |
| Presença de 7 cúspides (+ = ASU +) | | 0/4 | 0/3 | 0/7 | 0 |

Tabela 29: Frequência dos caracteres odontológicos referentes à dentição inferior dos indivíduos exumados em Monte da

Tabela 30: Média de desgaste oclusal por dente superior dos indivíduos observados de Monte da Cabida 3.

| Presença de Desgaste Oclusal | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | Média |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|----------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| 3º molar superior direito | 1 | — | — | — | — | — | — | — | 1/1 |
| 2º molar superior direito | 1 | 5 | 1 | — | — | — | 1 | — | 8/4 |
| 1º molar superior direito | 1 | 6 | 2 | — | 7 | 3 | 1 | — | 20/6 |
| 2º pré-molar superior direito | 1 | 2 | 1 | — | 4 | 2 | 1 | — | 11/6 |
| 1º pré-molar superior direito | 1 | 2 | 1 | — | — | 3 | 1 | — | 8/5 |
| canino superior direito | — | 2 | 2 | — | 3 | 3 | 1 | — | 11/5 |
| incisivo lateral superior direito | 2 | 3 | 2 | — | 2 | 1 | 1 | — | 11/6 |
| incisivo central superior direito | 2 | 3 | 1 | 3 | 3 | — | — | — | 12/5 |
| incisivo central superior esquerdo | 2 | 4 | — | — | 3 | — | 1 | — | 10/4 |
| incisivo lateral superior esquerdo | 1 | — | — | — | — | 3 | 1 | — | 5/3 |
| canino superior esquerdo | 1 | 3 | 1 | — | 1 | 4 | 1 | — | 11/6 |
| 1º pré-molar superior esquerdo | 1 | 3 | 1 | — | — | 3 | 1 | — | 9/5 |
| 2º pré-molar superior esquerdo | 1 | 4 | 1 | — | 5 | 3 | 1 | — | 14/6 |
| 1º molar superior esquerdo | — | 4 | 2 | — | 7 | 2 | 1 | 4 | 20/6 |
| 2º molar superior esquerdo | 1 | 3 | 3 | — | — | 4 | 1 | 2 | 14/6 |
| 3º molar superior esquerdo | 1 | 3 | — | — | — | — | — | — | 4/2 |
| Total | 17 | 47 | 18 | 3 | 35 | 31 | 13 | 6 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 31: Média de desgaste oclusal por dente inferior dos indivíduos observados de Monte da Cabida 3.

| Presença de Desgaste Oclusal | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | Média |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| 3º molar inferior direito | 1 | 3 | 1 | — | 4 | — | 1 | — | 10/5 |
| 2º molar inferior direito | 1 | 3 | 1 | — | 7 | — | 1 | — | 13/5 |
| 1º molar inferior direito | 2 | — | 2 | — | — | — | 1 | — | 5/3 |
| 2º pré-molar inferior direito | 1 | 1 | — | — | 4 | — | 1 | — | 7/4 |
| 1º pré-molar inferior direito | 1 | 1 | 1 | — | 4 | — | 1 | — | 8/5 |
| canino inferior direito | 1 | 1 | 2 | — | 2 | — | 1 | — | 7/5 |
| incisivo lateral inferior direito | 2 | 2 | — | — | 3 | — | — | — | 7/3 |
| incisivo central inferior direito | — | 2 | 3 | — | 3 | — | 1 | — | 9/4 |
| incisivo central inferior esquerdo | 2 | — | 3 | — | 3 | — | — | — | 8/3 |
| incisivo lateral inferior esquerdo | 1 | 2 | 3 | — | 3 | — | 1 | — | 10/5 |
| canino inferior esquerdo | 1 | 3 | 2 | 1 | 5 | — | — | — | 12/5 |
| 1º pré-molar inferior esquerdo | 1 | 3 | 1 | — | — | — | 1 | — | 6/4 |
| 2º pré-molar inferior esquerdo | 1 | 3 | 1 | — | 2 | — | 1 | — | 8/5 |
| 1º molar inferior esquerdo | 3 | / | 2 | — | — | — | — | — | 5/2 |
| 2º molar inferior esquerdo | 1 | 3 | 1 | — | 7 | — | — | — | 12/4 |
| 3º molar inferior esquerdo | — | 3 | — | — | 4 | — | 1 | — | 8/3 |
| Total | 19 | 30 | 23 | 1 | 51 | 0 | 11 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo;— Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 32: Média de *calculus* dentário por dente na dentição superior dos exumados procedentes à necrópole de Monte da Cabida 3.

| Presença de Tartaro | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | Média |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|----------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| 3º molar superior direito | 3 | — | — | — | — | — | — | — | 1/1 |
| 2º molar superior direito | 2 | 4 | 2 | — | — | — | 1 | — | 9/4 |
| 1º molar superior direito | 2 | 4 | 2 | — | 2 | 1 | 0 | — | 11/6 |
| 2º pré-molar superior direito | 1 | 3 | 2 | — | 2 | 1 | 3 | — | 12/6 |
| 1º pré-molar superior direito | 1 | 3 | 2 | — | — | 4 | 0 | — | 10/5 |
| canino superior direito | — | 3 | 2 | — | 2 | 3 | 1 | — | 11/5 |
| incisivo lateral superior direito | 1 | 2 | 2 | — | 3 | 2 | 4 | — | 14/6 |
| incisivo central superior direito | 3 | 3 | 3 | 2 | 3 | — | — | — | 14/5 |
| incisivo central superior esquerdo | 3 | 3 | — | — | 2 | — | 3 | — | 11/4 |
| incisivo lateral superior esquerdo | 3 | — | — | — | — | 2 | 1 | — | 6/3 |
| canino superior esquerdo | 3 | 2 | 2 | — | 2 | 2 | 4 | — | 15/6 |
| 1º pré-molar superior esquerdo | 2 | 3 | 2 | — | — | 4 | 1 | — | 12/5 |
| 2º pré-molar superior esquerdo | 2 | 2 | 1 | — | 2 | 2 | 1 | — | 10/6 |
| 1º molar superior esquerdo | — | 2 | 1 | — | 2 | 2 | 3 | 1 | 11/6 |
| 2º molar superior esquerdo | 3 | 2 | 1 | — | — | 1 | 3 | 0 | 10/6 |
| 3º molar superior esquerdo | 2 | 2 | — | — | — | — | — | — | 4/2 |
| Total | 31 | 38 | 22 | 2 | 20 | 24 | 25 | 1 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 33: Média de *calculus* dentário por dente na dentição inferior dos exumados procedentes à necrópole de Monte da Cabida 3.

| Presença de Tartaro | Sep 1 | | Sep 8 | | Sep 9 | | Sep 10 | | Média |
|------------------------------------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|-------|
| | Ind A | Ind C | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | Ind A | Ind B | |
| 3º molar inferior direito | 3 | 4 | 2 | — | 2 | — | 3 | — | 14/5 |
| 2º molar inferior direito | 3 | 4 | 2 | — | 3 | — | 2 | — | 14/5 |
| 1º molar inferior direito | 3 | — | 2 | — | — | — | 2 | — | 7/3 |
| 2º pré-molar inferior direito | 3 | 2 | — | — | 3 | — | 2 | — | 10/4 |
| 1º pré-molar inferior direito | 2 | 3 | 2 | — | 3 | — | 2 | — | 12/5 |
| canino inferior direito | 2 | 2 | 2 | — | 3 | — | 2 | — | 11/5 |
| incisivo lateral inferior direito | 2 | 3 | — | — | 3 | — | — | — | 8/3 |
| incisivo central inferior direito | 3 | 3 | 2 | — | 3 | — | 4 | — | 15/4 |
| incisivo central inferior esquerdo | 3 | — | 2 | — | 2 | — | — | — | 7/3 |
| incisivo lateral inferior esquerdo | 2 | 4 | 2 | — | 2 | — | 2 | — | 12/5 |
| canino inferior esquerdo | 3 | 2 | 2 | 2 | 3 | — | — | — | 12/5 |
| 1º pré-molar inferior esquerdo | 2 | 2 | 2 | — | — | — | 1 | — | 7/4 |
| 2º pré-molar inferior esquerdo | 2 | 2 | 3 | — | 2 | — | 1 | — | 10/5 |
| 1º molar inferior esquerdo | 3 | 4 | 3 | — | — | — | — | — | 10/3 |
| 2º molar inferior esquerdo | 3 | 3 | 3 | — | 2 | — | — | — | 11/4 |
| 3º molar inferior esquerdo | — | 4 | — | — | 3 | — | 2 | — | 9/3 |
| Total | 39 | 42 | 29 | 2 | 34 | 0 | 23 | 0 | |

Legenda: Sep - Sepultura; ind - Indivíduo; — Dente Ausente; / -Não observável

Tabela 34: Síntese das necrópoles com sepulturas em cista na Península Ibérica.

| Sítio | Região | Cronologia | Sepulcro | Indivíduos | Sexo | Idade à morte (anos) | Referência Bibliográfica |
|-----------------------|----------------------------|----------------|----------|------------|--|---|--|
| Pessegueiro | Pessegueiro | Bronze Médio | Cista | 2 | 1-Masculino 2- Feminino | < 30 35/40 | Sanjuán, 1998, 104-106 <i>in</i> Silva; Soares, 2009; Fernandes, 2009. |
| Provença | Herdade da Provença, Sines | Bronze | Cista | / | / | / | Gomes <i>et. al</i> , 1986; Sousa e Soares, 2009. |
| Quitéria | Herdade da Provença, Sines | Bronze | Cista | / | / | / | Silva e Soares 2009 |
| Sobreiro | Mato Serrão, Lagoa | Bronze | Cista | 2 | 1-Feminino 2-Masculino | Adulto <35anos | Gomes, <i>et. al</i> , 2002 |
| Vinha do Casão | Golfe, Vilamoura | Bronze | Cista? | 10 | NO NO NO NO NO Feminino Feminino NO | Adulto Adulto Adulto 6-7 7-8 NO NO <18 NO | Gomes, <i>et. al</i> . 1986 |
| El Castañuelo | Huelva | Bronze Final | Cista | / | / | / | Gomes <i>et, al</i> 1986-, Hera, 1979 |
| Moratalla | Múrcia | Bronze Médio | Cista | 1 | 1-Masculino | Adulto | García, 1994 |
| Quinta de Água Branca | Vila Nova de Cerveira | Bronze Inicial | Cista | 1 | 1-Masculino | Adulto | Beteencourt, 2011 |
| O Cubillón | Xermade, Lugo | Bronze | Cista | 1 | / | Adulto | Beteencourt, 2011 |

Legenda: / = Não encontrado; NO= Não observado < = superior

9 Anexos

Tabela 5: Escala de classificação da artrose segundo Assis (2007, adaptado de Buikstra e Ubelaker, 1994).

| Escola | Descrição |
|------------------|---|
| Grau 0 (Ausente) | Ausência de lesões |
| Grau 1 | Presença de lipping |
| Grau 2 | Presença de porosidade |
| Grau 3 | Presença de eburnação |
| Grau 4 | Presença de lipping e porosidade |
| Grau 5 | Presença de lipping e eburnação |
| Grau 6 | Presença de porosidade e eburnação |
| Grau 7 | Presença de lipping, porosidade e eburnação |
| Grau 8 | Não observável |

Tabela 7: Classificação dos depósitos de tártaro segundo Martin e Saller (1956).

| Estado | Descrição |
|--------|--|
| 0 | Ausência de Tártaro |
| 1 | Vestígios na face lingual e/ou vestibular |
| 2 | 1/3 das superfícies das faces lingual e/ou vestibular |
| 3 | Mais de 1/3 e menos de 1/2 da superfície de uma das faces lingual e/ou vestibular está coberta por tártaro |
| 4 | Mais de 1/2 da superfície de uma das faces lingual e/ou vestibular está coberta por tártaro |

Legenda da Figural1: Adaptado de Gomes et al. (1986)

1. Vinha do Casão (Loulé- Faro)
2. Ingrina (Vila do Bispo- Faro)
3. Arregata (Aljezur - Faro)
4. Corte Cabreira (Aljezur- Faro)
5. Ferrarias (Aljezur- Faro)
6. Almadeninha (Lagos- Faro)
7. Bensafrim (Lagos - Faro)
8. Chocalho (Lagos – Faro)
9. Alcaria (Monchique – Faro)
10. Casinha da Moura (Monchique – Faro)
11. Foz do Farelo (Monchique – Faro)
12. Mirante de Mata (Monchique – Faro)
13. Pocilgais (Monchique – Faro)
14. Vagorosa (Monchique – Faro)
15. Arieiro (Portimão – Faro)
16. Baralha (Portimão – Faro)
17. Montes do Alvor (Portimão – Faro)
18. Mexilhoeira Grande (Portimão – Faro)
19. Poio (Portimão – Faro)
20. Serro de Bartolomeu Dias (Portimão – Faro)
21. Vidigal (Portimão – Faro)
22. **Sobreiro (Lagoa - Faro)**
23. Crastos (Lagoa - Faro)
24. Porches Velho (Lagoa - Faro)
25. Cerro do Castelo de Messines (Silves - Faro)
26. São Bartolomeu de Messines (Silves - Faro)
27. Fonte Figueira (Silves - Faro)
28. Alfarrobeira (Silves - Faro)
29. Fonte Santa (Loulé - Faro)
30. Corga (Loulé - Faro)
31. Campina (Faro - Faro)
32. Faro (Faro)

33. Monte do Castelo (Faro - Faro)
34. Bias (Olhão - Faro)
35. Vale de Nossa Senhora (Alcoutim - Faro)
36. Corte do Guadiana (Castro Marim - Faro)
37. Corral da Pedra (Castro Marim - Faro)
38. Maudinheiro (Castro Marim - Faro)
39. Monte de Cima (Castro Marim - Faro)
40. Odeleite (Castro Marim - Faro)
41. Cerro dos Corveiros (Castro Marim - Faro)
42. Cerro da Eira da Estrada (Castro Marim - Faro)
43. Cerro dos Vales (Castro Marim - Faro)
44. Zambujeira (Castro Marim - Faro)
45. Alcaria do Pocinho
46. Torre de Frades (Vila Real de Santo António – Faro)
47. Odemira (Odemira- Beja)
48. Vila Nova de Milfontes (Odemira - Beja)
49. Alcaria (Ourique- Beja)
50. Ataleia (Ourique - Beja)
51. Marchica Nova (Ourique - Beja)
52. Panóias (Ourique - Beja)
53. Atalaia (Mértola - Beja)
54. Mértola (Mértola - Beja)
55. Ervidel (Aljustrel- Beja)
56. Medarra (Aljustrel - Beja)
57. Herdade do Pomas (Aljustrel - Beja)
58. Alfarrobeira (Beja - Beja)
59. Cata (Beja - Beja)
60. Corte de Azinha (Beja - Beja)
61. Mombeja (Beja - Beja)
62. Monte do Outeiro (Beja - Beja)
63. Monte do Ulmo (Beja - Beja)
64. Montijo (Beja - Beja)
65. Mós (Beja - Beja)
66. Salvada (Beja - Beja)

67. Santa Vitória (Beja - Beja)
68. Trigaches (Beja - Beja)
69. Vau de Baixo (Beja - Beja)
70. Folhas da Amendoeira (Beja - Beja)
71. Odivelas (Ferreira do Alentejo – Beja)
72. Alvito (Beja)
73. Farrobo (Vidigueira - Beja)
74. Belmeque (Serpa – Beja)
75. Santa Justa (Serpa - Beja)
76. Vale Formoso (Serpa - Beja)
77. Altas Moras (Moura - Beja)
78. Monte do Estanislau (Moura - Beja)
79. **Provença (Sines - Setúbal)**
80. **Melides (Grândola - Setúbal)**
81. Lousal (Grândola - Setúbal)
82. Hospital (Alcácer do Sal – Setúbal)
83. Vale de carvalho (Alcácer do Sal – Setúbal)
84. Herdade do Peral (Portel - Évora)
85. Duque (Reguengos de Monsaraz - Évora)
86. Reguengos de Monsaraz (Évora)
87. Folha das Palmeiras (Mourão - Évora)
88. Monte da Ribeira (Mourão - Évora)
89. Queijeirinha (Mourão - Évora)
90. Coroa do Frade (Évora - Évora)
91. Montijo (Redondo - Évora)
92. La Bañita (Huelva)
93. El Cabril (Huelva)
94. Bacerrero (Huelva)
95. Calañas (Huelva)
96. **Castañuelo (Huelva)**
97. Cortelazor (Huelva)
98. Encinasola (Huelva)
99. La Majada del Valle (Huelva)
100. Las Mesas (Huelva)

101. Puerto – Moral (Huelva)
102. El rossal de La Frontera (Huelva)
103. Beas (Huelva)
104. La Ruiza (Huelva)
105. Los Alferez (Huelva)
106. Las Tapezuelas (Huelva)
107. Las Hoyuelas (Huelva)
108. La dehesilla (Huelva)
109. El Montinho (Huelva)
110. Chichina (Huelva)
111. Zambujal (Silves - Faro)
112. Monte Boi (Silves - Faro)
113. Santa Bárbara de Nexe (Faro - Faro)
114. Serro da Cabeça (Moncarapacho - Faro)
115. Serro do Arzil (Moncarapacho - Faro)
116. Foupana (Moncarapacho - Faro)
117. Chaparheiros (Castro Marim - Faro)
118. Serro do Pernéo (Castro Marim - Faro)
119. S. Bartolomeu (Castro Marim - Faro)
120. Vaqueiros (Alcoutim – Faro)
121. Cortes Pereiro (Alcoutim – Faro)
122. Vicente Perreiro (Alcoutim – Faro)
123. **Quitéria (Sines – Setúbal)**
124. **Pessegueiro (Sines - Faro)**
125. Vila Nova de São Bento (Serpa - Beja)
126. Relva Chã (Alcoutim – Faro)
127. Cerca del Cojo (Huelva)
128. Caralla de la Sierra (Sevilha)
129. Mesa de Setejilha (Lora del Rio - Sevilha)

Tabela 22: Dados (*in situ*) obtidos para análise da estatura, facultados no relatório antropológico orientado pela D^a Maria Teresa Ferreira (Relatório Antropológico Final, Styx 2007).

| Dados de Campo | | | | | |
|----------------|-----------|-----------------------|--------------------|-----------------|--------------------|
| Sepultura | Indivíduo | Olivier et al. (1979) | | Mendonça (2000) | |
| 1 | A | Fémur | 1,66 m (± 3,56 cm) | Úmero | 1,47 m (± 7,70 cm) |
| 9 | A | Cubito | 1,82 m (± 3,53 cm) | Úmero | 1,47 m (± 7,70 cm) |
| | | Rádio | 1,70 m (± 3,53 cm) | | |
| 10 | A | Tíbia | 1,68 m (± 3,35 cm) | Úmero | 1,47 m (± 7,70 cm) |
| | | | | Fémur | 1,72 m (± 6,90 cm) |
| 10 | A | Tíbia | 1,68 m (± 3,35 cm) | Úmero | 1,47 m (± 7,70 cm) |
| 10 | A | Tíbia | 1,68 m (± 3,35 cm) | Fémur | 1,72 m (± 6,90 cm) |